

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

LINHA DE PESQUISA: INTERVENÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS

**NOVAS FORMAS DE LIDAR COM O
PROCESSO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL NA
MODERNIDADE LÍQUIDA**

CRISTIANE SANTOS DE SOUZA NOGUEIRA

**BELO HORIZONTE
2006**

CRISTIANE SANTOS DE SOUZA NOGUEIRA

**NOVAS FORMAS DE LIDAR COM O
PROCESSO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL NA
MODERNIDADE LÍQUIDA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Processos de subjetivação

Orientador: Dr. João Leite Ferreira Neto

BELO HORIZONTE
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

| | |
|-------------------|--|
| N778n conjugal | Nogueira, Cristiane Santos de Souza. Novas formas de lidar com o processo de separação na modernidade líquida. / Cristiane Santos de Souza Nogueira. |
| Belo | Horizonte, 2006. 122f. |
| de Minas | Orientador: João Leite Ferreira Neto Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica |
| | Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Bibliografia |
| | 1. Separação (Psicologia). 2. Modernidade – Aspectos sociais. 3. Casamento – Aspectos sociais. I. Ferreira, João Leite. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título. |
| | CDU: 159.94 |

Cristiane Santos de Souza Nogueira

Novas Formas de lidar com o Processo da Separação Conjugal na Modernidade Líquida

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Área de concentração: Processos de Subjetivação

Linha de pesquisa: intervenções clínicas e sociais

Belo Horizonte, 2006.

João Leite Ferreira Neto (Orientador) – PUC Minas

Roberta Carvalho Romagnoli – PUC Minas

Josefina Pimenta Lobato – Universidade FUMEC

***A minha mãe pela oportunidade,
A meu filho, Pedro Paulo pelo aprendizado.
A pequena Ana Júlia, melhor produção desse mestrado,
A meu marido, Keure, pelo amor possível...***

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG;

A meu orientador, Professor João Leite, que com sua seriedade e profissionalismo, tornou possível a realização deste trabalho;

A professora Roberta Carvalho Romagnoli que, para além da profissão, me ensina as dimensões humanas com sua presença amiga;

A secretária Marília, pela competência e dedicação;

A cada professor que de maneira singular, contribuiu para a construção de um conhecimento;

A amiga Cândida, meu braço direito;

A Keiller, Marcelo, João Paulo e Keure pelo suporte técnico;

A todos que de alguma forma contribuíram com esta construção.

*“... De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.”*

Vinícius de Moraes

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é pesquisar sobre as formas de vivenciar o processo de separação conjugal na atualidade. A pesquisa almeja responder como os aspectos da Modernidade Líquida afetam a vivência da conjugalidade e de sua dissolução nos dias atuais. Foi feito um estudo teórico e conceitual sobre a vida contemporânea, particularmente da noção de “Modernidade Líquida”, cunhada pelo cientista social Zigmunt Bauman, em diálogo com pesquisadores brasileiros que abordam o tema da separação. São levantados também elementos históricos e dados quantitativos sobre as taxas de casamento, separação e divórcio no Brasil. A pesquisa qualitativa em campo foi feita através de entrevistas semidirigidas, com adultos jovens separados, de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais. Os resultados encontrados revelam que a crescente idealização do relacionamento, baseado no amor e na livre escolha do par, cria demandas contraditórias para o par conjugal diante da intensificação do processo de individualização. Os casais têm dificuldades em conciliar a divisão de atribuições como, por exemplo, entre a profissão e as tarefas domésticas, ficando a mulher sobrecarregada, pois na prática cotidiana ainda se percebe a desigualdade entre os gêneros. Há dificuldade também na conciliação de projetos individuais e projetos comuns ao casal, ficando estes desprivilegiados em função daqueles. Revela ainda como as pessoas vivenciam o processo de separação conjugal em diferentes momentos, tais como: a crise, a decisão, a iniciativa e a concretização da separação. Os relacionamentos contemporâneos só se mantêm enquanto proporcionam satisfação suficiente para ambos os cônjuges, e diante de uma crise conjugal, a solução mais rápida é a separação, no intuito de se ver livre do sofrimento. Os resultados da pesquisa explicitam também os motivos que levaram à separação do casal e qual parcela de responsabilidade as pessoas se atribuem pelo fim da relação. Existe uma tendência a desresponsabilização e pouca reflexão sobre a vivência da conjugalidade e sua dissolução, além de haver em alguns casos, tentativa de negação. A pesquisa revela ainda a influência da família de origem e do meio social sobre as pessoas que vivenciam o processo da separação conjugal.

Palavras-chave: Conjugalidade, Modernidade Líquida, Separação conjugal

ABSTRACT

The objective of the present work was to research on the forms of living the process of matrimonial separation at the present time. The research aimed at answering how the aspects of the “Liquid Modernity” affect the existence of the conjugality and of its dissolution these days. A theoretical and conceptual study about the contemporary life was conducted, particularly from the notion of “Liquid Modernity”, coined by the social scientist Zigmunt Bauman, in dialogue with Brazilian researchers that approach the theme of separation. Also, historical elements and quantitative data on the marriage, separation and divorce rates in Brazil were gathered. The qualitative field research was carried out through semi-directed interviews, with young adults who were separated, from a city in the interior of the State of Minas Gerais. The findings reveal that the growing idealization of the relationship, based on love and on the freedom of choosing a partner, imposes contradictory demands on the couple that stands before the intensification of the individualization process. The couples have difficulties in reconciling the division of attributions as, for instance, between the professional and the domestic tasks, being the woman overloaded, because in everyday practice it is still noticed the inequality between the two genders. There is also difficulty in the conciliation of individual projects and projects the two partners have in common with one another as a couple, these having less importance when compared to those. The findings also reveal how people live the process of conjugal separation in different moments, such as: the crisis, the decision, the initiative and the materialization of the separation. The contemporary relationships only last while they provide enough satisfaction for both spouses, being the separation a real possibility. Thus, people look forward to maintaining shallow their affective bonds, in order to keep unhurt, in case the relationship comes to an end. There is a great deal of intolerance when it comes to individual differences and also towards the suffering caused by the impasses of the coexistence. Facing conjugal crisis, the fastest solution is the separation, with the intention of being free from the suffering. After the decision and initiative of separating, the existence of the separation process becomes more acceptable, inclusively concerning the judicial formalization, demonstrating that there are not great difficulties in the acceptance of the breakup. Yet more, the results of the research also reveal the reasons that led to the couple's separation and how much responsibility each individual takes for the end of the relationship. There is a tendency towards not taking responsibility for the conjugal life and its dissolution and not taking these matters into careful and detailed consideration, besides the some cases in which the attempt to denial is clear. Such fact demonstrates that after living the separation process people point out the positive aspects of the conjugality, revealing themselves to be open to new love relationships and maintaining the great idealization of what the perfect relationship is like. And last but not least, the research reveals the influence of the immediate families which the couples come from and of the social environment over their separation, being the above mentioned families, nowadays, a source of great support for their children in case these last ones separate from their spouses; and that, the social acceptance of the divorce does not lessen the discomfort that the condition of being separated or divorced causes to people.

Key Words: Conjugality, Liquid Modernity, Conjugal Separation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: separações judiciais..... | 64 |
| Gráfico 2: divórcios..... | 65 |
| Gráfico 3: total de casamentos..... | 67 |
| Gráfico 4: casamentos entre solteiros por idade do homem..... | 70 |
| Gráfico 5: casamentos entre solteiros por idade da mulher..... | 71 |
| Quadro 1: caracterização do grupo de entrevistados..... | 85 |

LISTA DE SIGLAS

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| | |
| CAPÍTULO 1: A CONJUGALIDADE E SUA DISSOLUÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA..... | 19 |
| 1.1 SOBRE A MODERNIDADE LÍQUIDA..... | 19 |
| 1.2 CONJUGALIDADE E SEPARAÇÃO CONJUGAL..... | 26 |
| 1.3 HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES DA CONJUGALIDADE..... | 30 |
| 1.4 INDIVIDUALISMO E TENSÕES NA MODERNIDADE LÍQUIDA..... | 36 |
| | |
| CAPÍTULO 2: AMOR LÍQUIDO E SEPARAÇÃO CONJUGAL..... | 40 |
| 2.1 A CONJUGALIDADE NO MUNDO FLUIDO | 40 |
| 2.2 IMPLICAÇÕES DO MUNDO LÍQUIDO NA REALIDADE CONJUGAL BRASILEIRA..... | 47 |
| 2.3 COMO ANDA A SEPARAÇÃO NO BRASIL: UMA AMOSTRAGEM ATRAVÉS DAS ESTATÍSTICAS..... | 60 |
| | |
| CAPÍTULO 3: METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 73 |
| 3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 76 |
| 3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 81 |
| 3.2.1 – Idealização do relacionamento..... | 84 |
| 3.2.2- Projetos individuais e Projetos Comuns..... | 89 |
| 3.2.3 – Sexualidade..... | 95 |
| 3.2.4 – As fases do processo de separação..... | 99 |
| 3.2.5 –Fatores que levaram à separação..... | 108 |
| 3.2.6 – Influência da família de origem..... | 110 |
| 3.2.7 – Influência do meio social..... | 113 |
| 3.2.8 – Responsabilidade pelo fim do relacionamento..... | 115 |
| | |
| CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 121 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 135 |
| APÊNDICE A..... | 141 |

INTRODUÇÃO

Os relacionamentos e os casamentos já não são mais tão duradouros como antigamente. Percebe-se a cada dia um número maior de casais que se separam. Segundo os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006), os divórcios e separações judiciais não cessam de aumentar a cada ano no Brasil. Tendo em vista esse aumento, podem ser encontradas novas formas de se vivenciar o processo de separação conjugal na atualidade?

Existem várias denominações para o presente período da contemporaneidade. Além da polêmica em conceituá-lo, há uma dificuldade em precisar a data em que esse período se iniciou. Considera-se que o essencial no que se refere a esta questão é que, a partir do período Pós-Guerra e partindo dos países industrializados, houve de um lado uma mudança no capitalismo e de outro uma exacerbação de algumas de suas características. Com o fim das categorias universalizantes, com a queda do sentido da tradição e também com a desconstrução dos paradigmas da modernidade, com as transformações que o capitalismo vem sofrendo, adveio uma agudização de certos aspectos da modernidade como o consumismo, o individualismo, além da valorização cada vez maior das tecnologias e da autoridade das ciências em todos os aspectos da vida humana. É esta intensificação de características e a liquefação dos paradigmas até então considerados universais, que parecem ser os pontos centrais para abordar os problemas da atualidade, aqui denominada de Modernidade Líquida. Como algumas das principais características da Modernidade Líquida, ressalta-se a instantaneidade, a ambivalência, a fluidez e precariedade, a fragmentação, o individualismo e o consumismo.

Tantas transformações macro-históricas trazem transformações nas histórias relacionais das pessoas e estas por sua vez, contribuem para as transformações sociais, como um processo pendular. Assim, a sociedade contemporânea com suas características próprias, marcantes e muitas vezes contraditórias, traz alterações nas formas das pessoas se relacionarem.

A conjugalidade é marcada pela importância da qualidade da relação, pela afinidade e intimidade. Existe uma grande idealização dos relacionamentos, que devem fundamentar sua existência no amor entre os parceiros e sendo este sentimento efêmero, aumenta a insegurança e a falta de garantias em relação à durabilidade. Também ganha cada vez mais importância a vivência prazerosa da sexualidade, uma vez que a sociedade é regida acima de tudo por leis de mercado que disseminam imperativos de bem-estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos.

A vivência do tempo tendo como principais características a imediatividade e instantaneidade trazem implicações para as relações amorosas principalmente para a conciliação dos projetos individuais de cada um com os projetos comuns ao casal. Além disso, há uma dificuldade para os casais de formular projetos em longo prazo, vivendo-se o presente, sem planejar muito o futuro. Outra importante característica é que com a igualdade entre homens e mulheres, existe a livre escolha do par amoroso. No cotidiano, as escolhas tendem a ser cada vez mais subjetivas, individualizadas, marcadas por traços importantes do momento contemporâneo, traços apontados como sendo as principais características da Modernidade Líquida.

Assim, a Modernidade Líquida com suas características, trouxe, entre outras, alterações nas formas de vivenciar a conjugalidade e a separação conjugal. A intrigante fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes - estimulados por tal sentimento, a intenção de apertar os laços e ao mesmo tempo

mantê-los frouxos, nesse mundo de furiosa individualização, transforma os relacionamentos em bênçãos ambíguas. Trazem a oscilação entre o sonho e o pesadelo, não sendo possível determinar quando um se transforma no outro e na maior parte do tempo, coabitam.

Por outro lado, apesar das estatísticas comprovarem o aumento das separações conjugais, as pessoas continuam se unindo, de diferentes formas, sempre na expectativa de que a relação amorosa irá trazer-lhes a tão sonhada felicidade. Se as taxas de separação e divórcio estão aumentando e também sua aceitação social, seria possível constatar também uma maior aceitação desse processo por aqueles que o vivenciam?

Importantes estudos apontam que o processo de separar-se do parceiro é vivido pelas pessoas como um profundo e intenso sofrimento, algo semelhante à morte do outro dentro de si mesmo, à experiência de morte concreta. Além das questões subjetivas, deve-se considerar o contexto histórico em que as pessoas estão inseridas, para estudar as formas de se lidar com o processo da separação conjugal. Certamente, a instantaneidade, a ambivalência, a fluidez, a fragmentação, o individualismo e o consumismo causam impacto nas formas de se vivenciar o processo de separação conjugal. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal pesquisar sobre a existência de novas formas de vivenciar o processo de separação na Modernidade Líquida.

No mundo líquido, a separação conjugal ainda é vivida como um processo de intenso sofrimento, profunda experiência de dor? Que mudanças essa modernidade, com sua fluidez, pode ter ocasionado nas formas de vivenciar uma separação conjugal? Os dois primeiros capítulos revisam a literatura sobre o tema abordado investigando aspectos teóricos e conceituais deste trabalho.

O primeiro capítulo circunscreve a noção de Modernidade Líquida, conceito chave para esta pesquisa, e suas características a fim de averiguar seus reflexos nas relações humanas. Apresenta a conceituação de conjugalidade e separação conjugal. Posteriormente,

discute as mudanças trazidas pelo período de transição entre a era moderna e a Modernidade Líquida para a vivência da conjugalidade no Brasil.

Dentre os acontecimentos que influenciam a vida dos casais na atualidade, dois são destacados: a queda do patriarcalismo como ideal social e o movimento feminista. Tais eventos trouxeram transformações em diferentes áreas da vida pública e privada, como por exemplo, da sexualidade e aspirações profissionais. Ainda nesse capítulo, aborda-se o fenômeno do individualismo, que permeia as relações humanas e se conjuga a outras características da Modernidade Líquida. A forte exigência de individualização do mundo contemporâneo trouxe uma nova tônica para as relações familiares, fazendo com que os casais convivam em uma tensão permanente, devido a exigências contraditórias entre um “eu sozinho” e um “eu com”.

O segundo capítulo situa como as transformações macro-históricas trouxeram implicações para os relacionamentos conjugais. Primeiramente traz apontamentos de como Bauman caracteriza a conjugalidade no mundo fluido. Aspectos como o consumismo, a descartabilidade, juntamente com a busca por satisfação imediata e por prazer, permeiam os relacionamentos na contemporaneidade, levando os casais a conviverem com demandas ambivalentes o tempo todo. Em seguida, traz um diálogo entre as idéias desse sociólogo e outros autores, inclusive brasileiros, que trabalham questões relativas à conjugalidade e à separação conjugal. Além das contradições vivenciadas pelos casais, outros aspectos se destacam. A importância da livre escolha do par conjugal, a valorização da qualidade do relacionamento, a afetividade, sexualidade e a intimidade são alguns dos pontos abordados para tratar do amor líquido na sociedade brasileira e os aspectos que influenciam diretamente na separação conjugal. Dados demográficos e estatísticos comprovam o significativo aumento das taxas de separação e divórcio no Brasil, nas últimas décadas. Tal aumento aponta

mudanças no cenário da conjugalidade brasileira, tanto nas suas formas de união quanto nas de separação.

O terceiro capítulo trata da pesquisa de campo, metodologia e apresentação dos resultados. Ressalta a delimitação do grupo pesquisado: adultos jovens que vivenciaram o processo de dissolução conjugal de sua primeira união amorosa, todos da classe média social. A delimitação da classe social é de grande relevância, pois as relações afetivas se configuram de diferentes formas, nas diferentes classes sociais. Os resultados encontrados revelam como os entrevistados vivenciaram sua relação conjugal, ressaltando aspectos como idealização, sexualidade, intimidade, importância de projetos do casal e de projetos individuais. Revela ainda como as pessoas vivenciaram o processo de separação conjugal em diferentes momentos do mesmo, como crise, decisão, iniciativa e concretização da separação. Traz também os motivos que levaram à separação do casal, apontados pelas pessoas e qual responsabilidade que as mesmas se atribuíram pelo fim da relação. Evidencia os aspectos positivos e negativos da conjugalidade na visão de pessoas que passaram pela separação conjugal. A pesquisa explicita ainda a influência da família de origem e do meio social no processo de separação. Os resultados encontrados revelam formas de vivenciar a conjugalidade na sociedade contemporânea, tanto nas suas formas de união quanto de separação.

O quarto e último capítulo apresenta as considerações finais e visa responder sobre a pergunta inicialmente colocada pela pesquisa: existem novas formas de vivenciar o processo de separação conjugal na Modernidade Líquida? A crescente idealização dos relacionamentos cria demandas contraditórias para o casal que se vê imerso no processo de individualização que se intensifica cada vez mais a cada dia. Diante da importância da qualidade dos relacionamentos, estes só se mantêm enquanto forem prazerosos e úteis para o casal. Apesar de buscarem cada vez mais a conciliação de tarefas e atribuições dentro do relacionamento,

pode-se perceber ainda a existência de uma desigualdade entre os gêneros, desigualdade esta que não é tolerada pelas mulheres, uma vez que a conjugalidade na atualidade é o espaço de crescimento e desenvolvimento de cada cônjuge. Outra dificuldade é a conciliação entre projetos comuns e projetos individuais aos quais as atenções estão quase que totalmente voltadas. Na sociedade de consumo, também as relações amorosas são tomadas como sendo descartáveis, podendo ser trocadas ou desfeitas caso não tragam a satisfação que se espera. Há uma postura de descompromisso perante o outro, que fica no lugar de objeto de consumo, não sendo importante seu prazer ou seu sofrimento. A decisão de separação vem como tentativa de fuga do sofrimento causado pelas crises do relacionamento, vividas como sendo insuportáveis. A separação conjugal não parece deixar seqüelas, demonstrando que a desvinculação afetiva e psíquica entre as pessoas, ocorre sem grandes problemas. As pessoas, ao saírem do relacionamento amoroso, mostram ter uma visão positiva da vivência da conjugalidade, mantendo alta a idealização e estando abertas a novas parcerias amorosas. Refletem uma postura de desresponsabilização e de pouca reflexão sobre suas vivências conjugais e sobre o processo de separar-se do outro. Existe também grande influência da família de origem que se configura na atualidade como fonte de grande apoio e suporte para os filhos que se separam e do meio externo, que apesar de comportar a aceitação social do divórcio, não abrandava o incômodo que o *status* de separado ou divorciado causa nas pessoas.

Mesmo que, na atualidade, o novo e o arcaico convivam lado a lado, novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização e subjetivação, novos modos de organizar a experiência.

CAPÍTULO 1: A CONJUGALIDADE E SUA DISSOLUÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

1.1 SOBRE A MODERNIDADE LÍQUIDA

Para tentar responder a questão inicialmente colocada como foco deste trabalho, sobre a conjugalidade e as formas de vivenciar a separação conjugal na atualidade é necessário apresentar uma delimitação sobre o sentido da Modernidade Líquida. Essa noção formulada na obra de Zygmunt Bauman (2001) sintetiza uma temática trabalhada por vários autores do campo da filosofia e das ciências sociais, e apresenta-se como uma alternativa ao debate em torno da idéia de pós-modernidade.

Embora a discussão sobre a chamada pós-modernidade tenha nascido nos países industrializados, de capitalismo avançado, ela é uma referência obrigatória para a reflexão sobre as transformações contemporâneas na sociedade brasileira, onde os caminhos da modernização integraram-se à internacionalização da ordem mundial.

Após a 2ª Guerra mundial houve uma mudança no capitalismo com a exacerbação de algumas de suas características (JAMENSON, 1996). Assim Vaitsman (1994), acompanhando Lyotard, afirmam que um ponto importante a se considerar na condição pós-moderna é a desconstrução dos grandes paradigmas. Dessa forma, as metanarrativas tornaram-se obsoletas e na sociedade contemporânea a vida cotidiana é fragmentada, descontínua e heterogênea e por isso conclui que qualquer crítica só pode ser pragmática, local e contextual. A crítica pós-moderna denunciou as categorias universalizantes e também promoveu uma desconstrução

dos paradigmas da modernidade. Dessas mudanças que o capitalismo vem sofrendo adveio uma agudização de certos aspectos da modernidade como o aumento do individualismo e do consumismo, da valorização cada vez maior das tecnologias e da autoridade das ciências em todos os aspectos da vida humana. É esta intensificação de características e a liquefação dos paradigmas até então considerados universais, que parecem ser os pontos centrais para abordar os problemas contemporâneos. Nesse sentido, pode-se chamar de pós-moderno o período que sucede a modernidade.

A expressão pós-modernidade, ainda que largamente utilizada, está carregada de polêmicas. Alguns autores a recusam por considerarem que suas características apenas acentuam características da própria modernidade (Giddens, 1991; Harvey, 1989). Outros adotam essa expressão por considerarem que se vive uma mudança estrutural do capitalismo atual (Lipovetisk, 1983; Lyotard, 1986; Santos, 2000).¹ Para evitar essa polêmica o sociólogo Zygmunt Bauman passou a utilizar o conceito de Modernidade Líquida ou Modernidade Fluida.

Fluidez é a qualidade de líquidos e gases, o que os diferencia dos sólidos, é que os líquidos e gases não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis, e assim sofrem uma constante mudança de forma quando são submetidos a tal tensão. Os líquidos se caracterizam por serem uma variedade dos fluidos e se opõem à estabilidade dos sólidos, à resistência que esses possuem à mudança. Por isso Bauman (2001) utiliza a “fluidez” e “liquidez” como principal metáfora para o estágio presente da era pós-moderna². A era medieval foi marcada pelas certezas que a tradição e a fé traziam para a vida como um

¹ Existem diferentes nomeações para a Pós-Modernidade de acordo com o teórico que trabalha a questão. Podemos citar como exemplos sociedade do espetáculo (Guy Debord); sociedade pós-industrial (Daniel Bell); sociedade de risco (Ulrich Beck); modernidade tardia (Anthony Giddens); pós-modernidade (Jean François Lyotard, Boaventura Santos); modernidade líquida (Zygmunt Bauman); sociedade programada (Alain Touraine); sobremodernidade (Marc Augé); capitalismo desorganizado (Claus Offe, Scott Lash e John Urry); sociedade em rede (Manuel Castells); capitalismo tardio (F. Jameson); sociedade do controle (Gilles e Deleuze); fim da história (Francis Fukuyama). Essa é uma discussão que nos remete, muitas vezes, para universos de referência distintos, debates diferenciados e filiações epistemológicas não coincidentes.

² Bauman toma como referência a famosa frase de Marx: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”.

todo. A Igreja e o Estado eram um só e apesar de que não havia uma demarcação entre vida pública e privada, havia segurança. Com a modernidade outros paradigmas se colocaram como norteadores da vida humana. Segundo Kumar (1997) a Revolução Francesa, o Protestantismo, a Revolução Científica e o Industrialismo foram grandes movimentos modernos que trouxeram como características da modernidade a queda da tradição, a crença na ciência, a idéia de progresso, a produção como base material entre outras.

Assim, para Bauman a modernidade foi um processo de liquefação desde seu começo, tendo como principais passatempos e realização o derretimento dos sólidos. Tudo começou

... pela profanação do sagrado, que consistia no repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da tradição, que se traduzia no sedimento ou resíduo do passado no presente. O espírito moderno chamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à liquefação. (BAUMAN, 2001, p.9)

É importante lembrar que na modernidade tudo isso seria feito não com o objetivo de destruir de uma vez por todas os sólidos, mas para deixar o caminho livre para novos e aperfeiçoados sólidos, e por conseguinte, duradouros. Porém, diferentemente da modernidade, a tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa não está hoje na agenda. Os sólidos que derretem neste momento da Modernidade Líquida são os elos que entrelaçam as escolhas individuais e os projetos de ações coletivas.

É possível apontar algumas das principais características, as quais foram radicalizadas principalmente pelo capitalismo e que são descritas e problematizadas pelo autor em questão. São elas a instantaneidade, a ambivalência, a fluidez, a fragmentação, o individualismo, o consumismo.

Segundo Bauman (2001), a Modernidade Líquida começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si. Com a tecnologia todos os limites à velocidade do

movimento poderiam ser transgredidos e o tempo moderno com sua flexibilidade e expansividade torna-se a principal ferramenta do poder e da dominação. O esvaziamento do espaço e do tempo como eram anteriormente concebidos, gerou o desagregamento do mundo fazendo com que a instantaneidade trouxesse uma mudança radical nos arranjos do convívio humano e nas condições sociais. Desta forma, a desintegração da rede social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, qualquer rede densa de laços sociais e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. O que se evidencia nessa relação de tempo e espaço da Modernidade Líquida são a fragilidade e a imediatividade dos laços e redes de relações humanas.

Num mundo frágil e imediatista, os laços humanos se constituem precariamente. A fluidez da Modernidade Líquida se revela através da vulnerabilidade, instantaneidade, efemeridade e precariedade das relações humanas. As pessoas estão desconectadas, sem redes de relação de apoio, sentindo-se perdidas e necessitadas de criar laços afetivos. Mas como afirma Bauman (2004), os laços afetivos são frouxamente atados para que possam ser desfeitos sem maiores dificuldades, uma vez que se evita tudo que é sólido e durável, as pessoas buscam se relacionar mas não estão dispostas a se esforçar pela continuidade, perpetuação de suas relações. Para ele, os seres humanos do mundo líquido.

são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. E no entanto desconfiados da condição de estar ligado, em particular de estar ligado permanentemente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não consideram aptos nem dispostos a suportar e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para relacionar-se... (Bauman, 2004, p.8).

Bauman (1999a) explicita que a luta pelo controle e ordenação marcam todo o percurso da modernidade, o evitamento do caos a todo custo, não importando o que se faça para mantê-lo longe. A ambivalência era vivida como desordem e caos. Já na Modernidade Líquida a ambivalência se torna um forte traço que perpassa e até mesmo molda todas as relações. Com a quebra dos grandes paradigmas que norteavam o mundo, a ambivalência que se faz presente não é entre duas coisas, mas são várias coisas coexistindo, gerando angústia e outros mal-estares próprios. A Modernidade Líquida busca a ordem ao mesmo tempo em que institui o caos.

A história da Modernidade Líquida é uma história de tensão entre a existência social e sua cultura. A existência pós-moderna força sua cultura à oposição a si mesma. Essa desarmonia é uma marcha e deve seguir adiante porque qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. Nenhum lugar é privilegiado, nenhum melhor do que outro, como também é precisamente a harmonia de que essa modernidade precisa. Tamanha ambivalência leva à fragmentação, e esta se torna a fonte primária da força da Modernidade Líquida. O mundo que se desintegra numa abundância de problemas é um mundo governável e não sendo possível eliminá-la, a ambivalência passou da esfera pública à privada. “É agora, em larga medida, uma questão pessoal. Como tantos outros problemas sociais globais, este deve agora ser atacado individualmente e resolvido, se o for, com meios privados”. (BAUMAN, 1999a. p. 207) A obtenção de clareza de propósitos e sentido é uma tarefa individual e uma responsabilidade pessoal. O esforço é pessoal. E igualmente o fracasso do esforço. E a culpa pelo fracasso. E a conseqüente sensação de culpa. O fenômeno do individualismo, se assim o podem chamar, é inegavelmente atual, assume formas variadas e ganha importância maior a cada dia que passa, chegando a extremos que há tempos seria inimaginável.

Neste ponto da presente discussão, torna-se importante citar a comparação que Bauman (1998) faz com um clássico artigo de Freud (1929/1980), intitulado “O Mal-Estar na

Civilização”. Para Freud a convivência com o outro só era possível pela renúncia pulsional, ou seja, abrindo mão de prazeres e satisfações pessoais para viver em sociedade. A civilização, a cultura, não podem ser alcançadas e mantidas sem o pagamento de um alto preço e assim as pessoas deveriam trocar um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança. Passados mais de sessenta anos que “O mal-estar na civilização” foi escrito e publicado, a liberdade individual reina com soberania: é o valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados e a referência pela qual a sabedoria acerca de todas as normas e resoluções supra-individuais devem ser medidas.

Nesse mundo líquido e fluido onde tudo se remete ao individualismo, o consumismo se coloca como solução para todas as questões modernas. Tudo é resolvido como num cenário de *shopping center*, como se houvesse uma imensidão de soluções prontas para serem consumidas a gosto do freguês. O consumismo torna-se um supervalor, traduzido acima de tudo como a plenitude da escolha do consumidor e como a capacidade de tratar qualquer decisão na vida como uma escolha. Mas, a liberdade de escolher impõe sobre aqueles que escolhem, as conseqüências de tais escolhas. Diante de um imperativo de ter que se experimentar tudo, a escolha torna-se algo negativo, pois implica em deixar algo para ficar com outro algo. A melhor escolha seria poder escolher tudo, podendo ser traduzido num excesso. O que se almeja é nada perder e tudo ganhar. Aqui, a discussão aponta para outro questionamento. Nessa lógica do consumismo, como ficaria a implicação de cada um por suas escolhas e conseqüências das mesmas? Acredita-se que nessa lógica de pensamento a resposta poderia ser entendida como sendo a descartabilidade, uma forma de lidar com as escolhas com o menor grau de implicação possível, onde a responsabilidade seria de ter feito a escolha errada, e diante de tantas possibilidades, escolhe-se de novo e de novo e de novo, que novamente é uma tentativa de tudo experimentar.

O consumismo somado à instantaneidade produz uma indiferença em relação à duração e transforma a imortalidade de uma idéia numa experiência e faz dela um objeto de consumo imediato: é o modo como se vive o momento que faz desse momento uma “experiência imortal”. O ilimitado das sensações possíveis ocupa o lugar que era ocupado nos sonhos pela duração infinita. Os objetos “duráveis” se destinam a serem preservados por muito e muito tempo; atribui-se aos objetos duráveis um valor especial, e eles são cobiçados e estimulados por sua associação com a imortalidade. Mas o que se valoriza hoje, mesmo que num instantâneo espaço de tempo, são os objetos “transitórios”, destinados a serem usados – consumidos – e a desaparecer no processo de seu consumo. Percebe-se facilmente que os ‘valores’ da Modernidade Líquida são altamente ambivalentes e que tendem a gerar reações incoerentes.

Na conjugalidade, a idéia do casamento que dura para sempre é substituída pela idéia de que seja eterno enquanto durar o relacionamento. Cada relacionamento amoroso é uma das muitas experiências que se tem ao longo da vida e, caso este venha a terminar, fica a sensação de que tal experiência foi válida. Quem vive o fim da relação, consegue ver o lado positivo de tudo que viveu afirmando ainda estar pronto para uma nova experiência amorosa. Desta forma, também os relacionamentos amorosos passaram a ser objetos transitórios. Busca-se a vivência intensa de cada momento, como se cada um fosse o último pois na verdade não há garantias de quanto tempo a relação irá durar. E como já está posto pelo consumismo que os objetos e os relacionamentos são transitórios, a aceitação do fim da relação amorosa fica mais fácil. Parece haver uma maior aceitação do fim do relacionamento, uma vez que diante das estatísticas de que grande parte dos casamentos acabam em separação, estes passam a ser vistos como se houvesse um prazo de validade, como se fossem perecíveis.

Os aspectos acima apresentados estão intimamente relacionados entre si, tornando-se difícil dizer de um separadamente dos demais e não sendo possível fazer uma leitura da

Modernidade Líquida sem levar em conta o conjunto desses elementos. Certamente estes aspectos causam transformações na vida pública e também na vida privada como um todo. Essas mudanças que atingiram as relações humanas e os grupos familiares, trouxeram novas formas de viver a conjugalidade, tanto nas suas formas de união quanto nas de separação. Importa-nos saber como a instantaneidade, a ambivalência, a fluidez e precariedade, a fragmentação, o individualismo, o consumismo, entre outras características da Modernidade Líquida, podem ser percebidas na vivência do processo de separação e como essas características afetam as formas de se lidar com tal processo.

1.2 CONJUGALIDADE E SEPARAÇÃO CONJUGAL

Cabe neste ponto da presente discussão, explicitar o que se está chamando de separação e de conjugalidade.

Para o Direito existe uma distinção entre separação conjugal e divórcio como pode ser constatado na Lei nº 6515 de 26 de dezembro de 1977, que trata da Lei do Divórcio. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006) a separação é a dissolução da sociedade conjugal, ou seja, a separação legal do marido e da mulher, desobrigando as partes de certos compromissos, como o dever da vida em comum ou coabitação, mas não sendo permitido aos mesmos o direito de novo casamento civil, religioso e outras cláusulas de acordo com a legislação do país. Já o divórcio é a dissolução do casamento, ou seja, a separação do marido e da mulher, conferindo às partes, o direito de novo casamento civil, religioso e outras cláusulas também de acordo com a legislação de cada país.

Porém quando se aborda a questão através dos estudos psicológicos, separação e divórcio são usados como sendo sinônimos, pois não se trata do aspecto legal, mas sim do processo de separar-se emocional e psiquicamente do outro. Serpa (1999) denomina esse processo de divórcio psíquico.

O denominado divórcio psíquico coroa a separação, e é caracterizado por sentimentos de aceitação, em primeiro lugar. Logo em seguida, dá-se a reconstrução da autoconfiança, nova energização, autovalia, completude e, principalmente independência e autonomia. É o recomeço de uma nova vida, porque o divórcio é interrupção de todos os planos e realizações dos cônjuges. Significa a frustração de todas as expectativas anteriores, o que vale dizer, a morte. (SERPA, 1999, p. 379)

É neste sentido que se busca investigar sobre a separação conjugal, não importando a situação legal de cada casal, mas como cada um do par vivencia esse processo. Tal processo pode incluir a separação legal ou o divórcio, mas não se restringe a estes, sendo mais abrangente, se iniciando antes mesmo da decisão do casal por separar-se e se estendendo após o ato da separação em si. Antes da separação, há uma crise que envolve o casal, existindo a possibilidade de lidar com a mesma através ou não da decisão de separar-se, e depois da ruptura do par há maneiras distintas de se lidar com a nova situação.

Para tratar da conjugalidade, são utilizados nesta pesquisa autores que trabalham em diferentes vertentes teóricas, das quais duas se destacam. A primeira vertente traz abordagens com um enfoque psicanalítico no qual a conjugalidade é vista como uma interpenetração subjetiva, uma vivência partilhada pelos parceiros que permite a re-criação desses sujeitos. É usualmente descrita como tendo sua origem na trama identificatória dos parceiros e alicerçada na relativa continuidade do vínculo conjugal, composto de aspectos conscientes e, principalmente, inconscientes. A conjugalidade permite a reatualização do percurso edípico dos parceiros e a reencenação do amor infantil. Para Féres-Carneiro (1998) todo fascínio e toda dificuldade de ser casal, reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua

dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade e na lógica do casamento contemporâneo, “um e um são três”. Considera assim, que cada casal cria seu modelo único de ser casal que irá definir a existência conjugal e determinar seus limites. A definição de casal aqui abordada, contém portanto os dois parceiros e seu modelo único de ser casal. A conjugalidade desta forma é uma relação diferente de todas as outras e quando duas pessoas decidem que viverão juntas, cada uma terá que se modificar internamente e se reorganizar. É o espaço da intimidade, que para Smigay (2000), é um lugar aparentemente restrito espacialmente, mas amplo suficientemente para abarcar as misérias humanas, as esperanças e toda uma rede de afetos, no qual a vivência da conjugalidade irá se desenvolver.

A segunda vertente é das teorias de gênero, na qual o casal é abordado como uma associação desigual, sendo os modos de conduta definidos em função do gênero, sobretudo. Os papéis de gênero possuem forte construção social, sendo as subjetividades masculinas e femininas produzidas nas relações sociais. As relações de gênero apontam as desigualdades sexuais entre homens e mulheres, denunciando posturas de força e dominação, ligadas à figura masculina e de fragilidade e submissão ligadas à figura feminina. Na verdade, as relações de gênero envolvem as relações de poder entre homens e mulheres. Segundo Torres (2001) diante da dificuldade em definir um conceito fechado do que seja a vida conjugal, é possível identificar dimensões fundamentais desse conceito. Primeiramente, a conjugalidade ocorre num dado momento do percurso pessoal de um conjunto significativo de indivíduos, percurso esse que é social, cultural e ideologicamente marcado de forma distinta de acordo com a classe a que se pertence, sem se deixar de considerar também as questões relativas ao gênero. Através da relação com o outro significativo, cada indivíduo obtém recompensa e gratificação pessoal, constrói uma visão do mundo e de ver a si mesmo enquanto indivíduo, além do sentimento de pertencer a um grupo. A afetividade, em sentido amplo, tem lugar de destaque na vivência da conjugalidade, ressaltando-se a vertente amorosa do relacionamento e

a concretização e vivência da sexualidade. Importante salientar que outros componentes afetivos são de grande importância na conjugalidade, componentes inscritos na maternidade e paternidade, ou seja, a dimensão estatutária da parentalidade e todos os seus desdobramentos. A conjugalidade é ainda fonte produtora de realidade de condições materiais de existência. A autora aponta para outra dimensão que é o fato de a conjugalidade ser social e historicamente situada. Como é objetivo do presente trabalho, há que se considerar que as idéias e orientações normativas e valorativas sobre os domínios da conjugalidade da família e da sexualidade vão mudando, como é particularmente visível nas últimas décadas.

Para além das questões jurídicas, a conjugalidade ou casamento, abarca dimensões diversas como a psíquica, social, subjetiva, material, cultural entre outras. Segundo Caillé (1994), seria enganoso tentar encerrar o casal em uma definição exaustiva. Jamais seria levado em conta todo o aspecto significativo. Por este motivo, busca-se subsídios em ambas as abordagens, para não privilegiar nem a vertente psicológica nem a social, pois a conjugalidade abrange ambas as dimensões. Para além de um enfoque estrito, há que se ficar atento para a amplitude de sentido que a vida conjugal nos remete.

Nesta pesquisa procura-se compreender como as pessoas lidam com o processo de separação amorosa, entende-se que este processo abrange o antes, ou seja, a possibilidade de rompimento, o durante e o depois desse rompimento. Dessa forma, a questão inicialmente colocada não se formula enfatizando as causas e conseqüências das separações conjugais. A pergunta inicial poderia ser formulada da seguinte maneira: diante de novas formas de relacionamento, haveria também novas formas de lidar com o processo da separação conjugal no mundo contemporâneo?

Segundo Féres-Carneiro (2000), pesquisadora que tem se dedicado ao estudo deste tema, na literatura internacional existe uma ênfase sobre as causas das separações. A autora aponta que as pesquisas que estudam o divórcio como um fenômeno independente, e não

como um dano ao casamento ou uma ameaça à família, são raras. O que ela enfatiza é que apenas recentemente surgiram estudos sobre separação conjugal que não são valorativos, que consideram que o fato de existir, ou de aumentarem as taxas de separação e de divórcio não significa uma ameaça à existência da família ou do casamento, enquanto instituições sociais.

Parece assim indiscutível a necessidade de situar a conjugalidade nas coordenadas espaço/tempo para avaliar, nomeadamente, de que forma as transformações de valores interpelam os atores sociais e que efeitos têm nas suas práticas e representações. Na verdade, as idéias circulam, interferem e podem, em certos contextos sociais mais do que noutros, chegar mesmo a transformar as relações e os processos sociais.

1.3 HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES DA CONJUGALIDADE

A Modernidade Líquida tem trazido novas formas de lidar com a realidade e sendo a conjugalidade permeável a todos os movimentos do contexto social, também esta se modificou, influenciando também nas maneiras de se vivenciar o processo de separação.

O período da transição entre a era moderna e a Modernidade Líquida trouxe mudanças que atingiram os grupos familiares em todo o ocidente e também no Brasil, levando a novas formas de união e separação conjugal e provocando transformações nas maneiras de vivenciar esses processos. Como exemplo pode-se citar a difusão da aceitação da separação conjugal e um significativo aumento de sua ocorrência ao longo dos anos. Pode-se afirmar ainda que, no casamento, a escolha do cônjuge e a decisão de se casar tornam-se cada vez mais um assunto dos indivíduos diretamente envolvidos e menos de suas famílias e universos de parentesco de

origem. Tais transformações têm conseqüências importantes para toda a vida familiar e para o sistema de parentesco como um todo, o que reflete mudanças sociais mais abrangentes.

O Brasil colônia, como mostra Romagnoli (1996) cuja população era composta principalmente por portugueses, índios e negros era uma autêntica sociedade de famílias, tendo as famílias patriarcais como pilares do cenário social da vida coletiva. A família patriarcal era comum às sociedades tradicionais, não somente do universo brasileiro, caracterizando um grupo social amplo em estrutura, função e hierarquia. O sistema de parentesco orientava o futuro de cada indivíduo, “prisioneiro das teias familiares, restava apenas acatar a vontade soberana de sua tribo, liberada pela força suprema do patriarca” (ROMAGNOLI, 1996, p.43). Nesse contexto colonial, o casamento possui a função de concretizar uniões entre os grupos familiares com o intuito de estabelecer relações permanentes e incontestáveis. Segundo a autora, o matrimônio realiza-se sem privilegiar o amor pessoal, sendo na maioria das vezes arranjado entre as famílias, servindo de instrumento para fortalecer os laços familiares e viabilizar interesses patrimoniais e econômicos. Já nesse período, havia uma grande diferença quanto à frequência e razões para a realização de casamentos entre as classes sociais. A dissolução do matrimônio era permitida pela Igreja em casos extremos, de não consumação do casamento ou de ingresso de um dos cônjuges em outra religião. A separação era aceita por razões singulares, tais como: maltrato por agressões físicas, adultério e heresia por parte de um dos cônjuges.

O século XIX, com a modernidade, trouxe consigo uma série de alterações no contexto das sociedades ocidentais. Obviamente que essas alterações não se deram de forma igual e homogênea na sociedade brasileira que desde os primórdios de sua formação tem a heterogeneidade como característica marcante. A modernidade eclode como uma época de transição para o grupo familiar, com uma sociedade que tem no indivíduo o seu eixo central. Adentrando o século XIX, assistiu-se à transformação de uma sociedade baseada no

parentesco, nas lealdades pessoais e na territorialidade, para uma sociedade de relações de classes. Sob a luz binária da linhagem e da transação patrimonial, os casamentos eram utilizados para impedir a dispersão dos bens familiares, com o objetivo de aumentar as heranças e riquezas de determinada família. Assim, as famílias começam a formar mais laços entre aquelas do mesmo nível sócio-econômico, delineando gradativamente uma sociedade de classes e não clãs hegemônicos familiares. Nesse contexto, novas características foram surgindo no casamento, o contrato social passa a ter como sustentáculo o amor, condição imprescindível para uma união estável e duradoura, vinculada à sexualidade e à procriação. Ao fazer surgir duas esferas distintas: a vida doméstica e a vida pública, a industrialização consagra a família conjugal como o modelo dominante das organizações nas sociedades modernas, como sendo o espaço privilegiado da intimidade.

Torna-se importante enfatizar que a importância do amor na relação conjugal é uma construção sócio-cultural e não um elemento natural como muitos podem acreditar. Féres-Carneiro (1996) afirma que até o século XVIII o amor-paixão era essencialmente extra-conjugal, casava-se por interesses econômicos, políticos e amava-se fora das uniões formalizadas e sacramentadas. No amor cortês, de onde surge o amor romântico, não há encontro sexual, o amor e o erotismo eram separados, podendo-se dizer que era um sentimento platônico.³ Mas a partir do século XVIII, este quadro começa a se modificar e as duas formas de amor, até então afastadas, são aproximadas. Um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe aos cônjuges que se amem ou que aparentem se amar, e que tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo, até então extraconjugal, penetra no casamento, e o amor-paixão, passa a ser visto como modelo tanto para escolha do cônjuge, quanto para a manutenção da vida conjugal. Na atualidade, ninguém

³ O amor-paixão essencialmente extra-conjugal diz respeito ao contexto da sociedade francesa e não da sociedade inglesa como pode-se ver na obra de Lobato (1997).

duvida da dignidade do amor conjugal e a sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem amor ou sem desejo.

As relações entre os membros da família passaram de hierárquicas para igualitárias e os casamentos deixaram de ser um instrumento para viabilizar interesses patrimoniais e econômicos, para delinear a sociedade de classes e posteriormente se pautar na livre escolha dos cônjuges. Essas mudanças trouxeram como algumas de muitas conseqüências, a liberdade de escolha, baseada no amor, mas deixaram de ser permanentes e incontestáveis.

A família moderna fez a passagem de um modelo hierárquico pra um mais igualitário, trazendo como uma de suas mais importantes características, a valorização do amor na escolha do cônjuge. Como exemplo disso, é importante lembrar que, hoje, a idéia de um casamento concebido sem amor nos parece descabida. O que na verdade é uma construção cultural passa a ser tomado como fato natural. Acredita-se que o natural seja se casar por amor. Vaitsman (1994) afirma que o princípio da livre escolha do cônjuge, também foi associado ao individualismo e às idéias de liberdade e igualitarismo. Essa temática será melhor abordada no capítulo seguinte. Mas é importante dizer que assim como o amor passou a ser fator indispensável para que duas pessoas se unam, a falta desse sentimento ou seu fim passou a ser fator determinante para que as pessoas se separem. Por isso, é importante se ter em mente que a perspectiva atual foi fruto de um percurso histórico, influenciando diretamente na maneira das pessoas, homens e mulheres, vivenciarem sua vida conjugal e também, o seu fim.

Dentre os importantes acontecimentos históricos no Ocidente que repercutiram nas formas de conjugalidade, pode-se ressaltar duas: a queda do patriarcalismo como um ideal e o movimento feminista.

O enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução social da espécie vem sendo contestado pelos processos inseparáveis de transformação do trabalho

feminino e da conscientização da mulher. As forças propulsoras desses processos são o crescimento de uma economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução sócio-biológica e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e por um movimento feminista que se constitui como sendo multifacetado. Ambos os processos estiveram e ainda estão intrinsecamente ligados.

Para Sarti (1995), as mudanças que ocorrem na conjugalidade correspondem a uma ação deliberada, no sentido de um projeto emancipador feminista que institui novos padrões de comportamento, mas que só foi possível por mudanças, na realidade, exteriores ao casal, que afetaram de maneira decisiva esta esfera da vida social, transformando-a fatalmente. No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda de sentido da tradição. A afirmação da individualidade sintetiza o sentido das mudanças atuais, o que tem implicações evidentes nas relações familiares fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia. Para a autora o que se põe em questão, na família, com a introdução da individualidade, não é a autoridade em si, mas o princípio de hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional.

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam a maioria das sociedades modernas. Segundo Castells (1999), esse se caracteriza pela autoridade imposta institucionalmente, do homem, não necessariamente do pai, sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo perpassasse toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. A supremacia masculina é a mais antiga e básica forma de dominação sendo que todas as outras formas de exploração e opressão são prolongamentos da supremacia masculina: os homens dominam as mulheres, alguns homens dominam os demais.

Segundo o referido autor, para que esse quadro social se transformasse, outras mudanças tiveram que ocorrer, anteriormente ao reconhecimento da igualdade da mulher.

Primeiro a transformação da economia e do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidade para as mulheres no campo da educação. Em segundo lugar, vêm as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, proporcionando controle cada vez maior sobre a gravidez e a reprodução humanas. Terceiro, tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60. O movimento feminista contemporâneo, que irrompeu primeiro nos Estados Unidos no final dos anos 60, foi um movimento social transformador, que desafia o patriarcalismo ao mesmo tempo em que esclarece a diversidade das lutas femininas e seu multiculturalismo.

Badinter (1986) preconiza duas etapas de emancipação da mulher. A primeira delas seria sua inserção no mercado de trabalho. O trabalho adquiriu para as mulheres um significado muito diferente do que tinha para as mulheres do início do século XX. O trabalho é considerado necessário por duas razões ignoradas no início do século. Primeiramente por ser condição de autonomia e oportunidade de um desabrochar pessoal que não conseguem mais encontrar no lar. No trabalho a mulher encontra relações de amizade, uma vida social mais estimulante, de fato uma oportunidade de fugir de uma solidão insuportável. A confrontação com o mundo externo faz a mulher sair do domínio masculino.

A segunda etapa da emancipação feminina diz respeito ao domínio de sua fecundidade e pela mesma razão, de sua liberdade sexual. Isto só se tornou possível pela conjunção de descobertas bioquímicas e de uma profunda mudança de mentalidades, em cada país ocidental. Esse movimento de liberação sexual não se deu sem resistências. Vários foram os movimentos contra a contracepção, contra a legalização do aborto, movimentos que ainda ocorrem e que ainda hoje, perturbam radicalmente a relação entre os sexos e mesmo da sociedade. Assim, a revolução sexual – como é conhecida - trouxe transformações na vivência da sexualidade tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Desta forma, a sexualidade e a

descendência deixam de ser domínio exclusivo do âmbito matrimonial, passando a fazer parte do rol de escolhas individuais da atualidade, afetando irreversivelmente as formas de conjugalidade contemporâneas.

O individualismo, embora surgindo como um conjunto de valores universalistas, conformou-se concretamente como um individualismo patriarcal, legitimando as relações hierárquicas entre homens e mulheres, nas esferas pública e privada. Torres (2000) conclui que é recente a idéia de uma mulher indivíduo, sujeito de direito e de fato no plano de lei como no cotidiano, pois a feminilidade era tomada como um obstáculo incontornável à sua integração na humanidade e as condições biológicas da mulher lhe designavam um lugar desprestigiado. Os direitos do Homem, direitos considerados naturais ligados à pessoa humana, não lhes foram reconhecidos. Se na virada do século XIX para o século XX a chamada questão feminista começa surgir, foi somente nos últimos 40 anos do século XX que a questão dos direitos da mulher se tornaram incontornáveis no ocidente. A idéia de uma mulher-indivíduo começa a se impor sobre a idéia de mulher-natureza, o controle sobre seu corpo, sobre a natalidade principalmente, concedeu-lhe a possibilidade de se individualizar.

A queda do patriarcalismo como um ideal e o movimento feminista trouxeram mudanças significativas para a vivência da conjugalidade. Para Ribeiro (2000) não se esperava, apesar de partilharem projetos e segurança, tanta troca enriquecedora, inovadora entre os parceiros. As mulheres não querem mais mandar nos bastidores, querem uma presença visível – que pode, por sinal, até lhe reduzir em certos casos o efetivo poder, mas lhe muda a natureza. O ponto interessante e significativo colocado pelo autor é a mudança de tal poder. “Na antiga relação entre homem e mulher, uma estabilidade se assegurava à esposa, simbolizada pelo casamento indissolúvel. Direito à dignidade, isto é, antes de mais nada, direito à visibilidade. Tal direito tem um preço: custa a segurança.” (RIBEIRO, 2000, p.18). Sendo assim, o novo respeito conferido à mulher significa também riscos, dentre os quais, o

de romper-se o relacionamento. Tanto o homem quanto a mulher, são agora, indivíduos, dotados de poder de escolha, escolha de permanecer ou não na relação conjugal. A segurança de durabilidade, de indissolubilidade não fazem mais parte do cenário conjugal como já fizeram no passado.

1.4 INDIVIDUALISMO E TENSÕES NA MODERNIDADE LÍQUIDA

O individualismo é um tema recorrente, que aparece em vários momentos do presente texto. Neste momento, torna-se necessário abordá-lo com ênfase, devido à sua importância para o tema proposto para pesquisa. Mas o individualismo é um fenômeno que permeia as relações humanas e se conjuga a várias outras características da Modernidade Líquida, daí a dificuldade em isolá-lo em um só momento da presente discussão teórica.

As circunstâncias históricas que produziram autonomia, igualdade e diferenciação, abrindo caminho para que a individualidade feminina se expandisse, foram as mesmas que diversificaram as situações de vida pessoal. Para muitos casais, isso dificultou a integração e a estabilidade fundadas em algum projeto comum. Cada um quer ser considerado como um indivíduo dotado dos mesmos direitos de seu cônjuge, sem que suas diferenças específicas sejam ignoradas. Tanto no nível familiar quanto no societal, uma das tarefas da contemporaneidade consiste em integrar essas duas exigências aparentemente contraditórias.

Singly (2000) afirma que é preciso compreender o funcionamento das famílias contemporâneas nos países ocidentais com respeito a uma nova concepção de indivíduos em relação aos seus grupos de pertencimento e particularmente em relação à família. Acredita-se que essa proposta de pensar a família possa lançar luz para se pensar a conjugalidade na

Modernidade Líquida. Segundo o referido autor, há o novo indivíduo que surge do mito da interioridade do ser autônomo, mas é preciso o olhar do outro que é atribuído de sentido e importância. Dessa forma, a família mudou para produzir esses indivíduos. Em outro artigo, Singly (2001) complementa suas idéias, afirmando que nossa vida privada se constrói ao preço desta forte exigência de individualização. Exigência exacerbada porque não se refere somente aos homens, que foram os primeiros a se “individualizar”, mas também às mulheres, e ainda às crianças, atingindo atualmente todos os membros da família. É um elemento forte dentro da comunidade doméstica, mas portador de grande ambigüidade, pois cada membro da família tem um objetivo comparável ao dos seus próximos que é realizar-se a si mesmo, dentro de uma estrutura que conclama uma patente dimensão relacional.

Singly (2000) divide a família pós-moderna em dois momentos ou dois tipos, que combinam duas importantes características que são a individualidade e a relação afetivo-relacional entre os familiares. Em cada tipo essas características estão combinadas, porém em cada um deles haverá preponderância de uma delas. No final dos anos 60 seria a família moderna 1, “relacional e individualista”, com a instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos que se tornaram autônomos e seus desejos de continuarem a viver, na esfera privada com uma ou várias pessoas próximas. Nessa família há a construção de uma lógica de grupo centrada no amor e na afeição, tendo este aspecto em destaque. Os cônjuges nesse tipo de família valorizam a escolha do par pelo amor e suas individualidades, apesar de muito importantes, ficam num segundo plano, ficando a relação no centro de suas atenções. Já nas famílias atuais, do tipo “moderna 2”, a lógica do amor se impôs ainda mais. Os cônjuges só permanecem juntos sob a condição de se amarem, porém sendo maior a influência do processo de individualização. O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma num espaço privado a serviço dos indivíduos. Para a família moderna 2, o autor dá a denominação de “individualista e

relacional”, a qual compõe-se com a individualização e sua permanência se dá a esse preço, sua instabilidade também.

Por isso, paradoxalmente, a família pode parecer frágil e forte: frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração de sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas... e é nessa tensão entre os dois pólos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas. (SINGLY, 2000, p.15)

A nova fórmula tanto para a família quanto para o casal seria “ser livre juntos”. Do lado da vida privada, o ideal é a alternância entre um “eu sozinho” e um “eu com”. Nem o fechamento egoísta sobre si nem a dedicação excessiva ao outro. De certa maneira, “*um* “entre dois” que autorize a satisfação de si em certos momentos, com momentos para atividades separadas e outros para compartilhar práticas comuns.” (SINGLY, 2000, p.17). O que o indivíduo individualizado quer é simultaneamente ser um “indivíduo com”, e um “indivíduo só”. Em outras palavras, que existam laços, mas laços que possam ser estreitados – o que dá segurança – ou afrouxados, segundo as necessidades próprias.

Se esta interpretação de Singly (2000; 2001) é exata, os casais se encontram sob uma tensão permanente, devido a essas exigências contraditórias. O indivíduo está sob uma tensão constante, ficando preso entre suas raízes e asas. Todas essas características podem parecer contraditórias e ambivalentes, mas apresentam-se como pedaços heterogêneos participando de uma mesma realidade. Assim a Modernidade Líquida se constitui e é possível afirmar que não há nenhuma tendência atual de estabilização das formas de vida familiar, nem de conjugalidade.

Na conjugalidade da Modernidade Líquida, o que se pode perceber a partir da vivência e não de modelos ou ideais existentes, são as uniões de pessoas constituídas e reconstituídas a partir de tentáculos múltiplos, constituições “flexíveis e plurais” em suas formas. Vive-se num

tempo repleto de alternativas e pode-se afirmar que em meio a essa diversidade, não existem mais modelos hegemônicos a seguir.

CAPÍTULO 2: AMOR LÍQUIDO E SEPARAÇÃO CONJUGAL

2.1 A CONJUGALIDADE NO MUNDO FLUIDO

Na literatura sobre separação conjugal, encontra-se em vários autores (BARROS, 1999; MOTTA, 2000; PEREIRA, 2003b; PORCHAT, 1992; VAINER, 1999), dentre outros, que o processo da separação é sempre vivenciado como uma situação extremamente dolorosa e estressante e que a separação provoca nos cônjuges sentimentos de fracasso, impotência e perda, havendo um luto a ser elaborado. Afirmando que tal processo exige um tempo de elaboração do luto pela separação, e que este luto é quase sempre maior do que aquele do luto por morte, os estudiosos do tema tomam a obra de Caruso (1982) como referência. Tal autor afirma que na separação há uma sentença de morte recíproca: “o outro morre em vida dentro de mim e eu também morro na consciência do outro.” (CARUSO, 1982, p.20)

Mas na Modernidade Líquida com toda a fluidez das relações humanas, as pessoas lidam com a separação conjugal com essa dificuldade descrita por Caruso?

O estudo de Caruso (1982) trata da separação bilateral, de um amor supostamente impossível, mas que na verdade foi satisfeito de forma real e efetiva, para logo depois se romper graças a um sistema determinado de convenções sociais. Além de apresentar um elemento trágico, de casos dramáticos, a separação dos amantes como é descrita por Caruso (1982) já não é facilmente encontrada desde o advento da Modernidade, pois se pode perceber anteriormente que com o individualismo ganhando cada vez mais força, a influência da família de origem e da sociedade na hora de se casar e também separar, tem sido cada vez menor. Atualmente, a separação dos amantes está restrita aos romances e novelas.

O próprio Caruso afirma que algumas nas relações amorosas ocorre a morte lenta dos laços mantidos durante longo tempo, como no caso de uma dissolução progressiva de uma vida em comum, seja por cansaço ou desinteresse que termina na separação ou divórcio do casal. Assim, para os relacionamentos que morrem lentamente e que terminam em separação, a problemática da dor e também a defesa contra ela, é muito diferente da separação dos amantes que ainda se amam. Ressalta ainda uma diferença no processo de separar-se daqueles casais que vivenciam sucessivas, provisórias e repetidas separações, perdendo de modo progressivo o elemento propriamente trágico. Os dois casos descritos acima, são passíveis de se encontrar, corriqueiramente, entre os casais que se separam na Modernidade Líquida.

Portanto, o que pode-se tomar de referência na obra de Caruso (1982) para a presente discussão é a ressalva por ele feita ao afirmar que a separação de pessoas que se amam, é tão complexa quanto as pessoas nela envolvidas, devendo se levar em conta o contexto histórico-social das mesmas. Pode-se estender tal afirmação, preconizando que os relacionamentos como um todo, tanto nas diferentes vivências de separação quanto de união, se apresentam de diferentes formas, de acordo com o contexto sócio-cultural em que estão inseridos.

Se as formas de se lidar com a conjugalidade se modificaram, também as formas de se enfrentar o processo de separação evidenciam as características do mundo contemporâneo. Tantas transformações macro-históricas trouxeram transformações nas histórias relacionais das pessoas e estas por sua vez, contribuem para as transformações sociais, como um processo pendular. No cotidiano, as escolhas tendem a serem cada vez mais subjetivas, individualizadas, marcadas por traços importantes do momento contemporâneo, traços apontados como sendo as principais características da Modernidade Líquida.

O parentesco é uma coisa dada, sólida e indissolúvel e segundo Bauman (2004) o homem líquido é um homem que não privilegia vínculos imutáveis como os de parentesco. Viu-se anteriormente que o casamento contemporâneo tem como pilar de sua constituição os

afetos e a livre escolha. Mas nesse contexto nenhuma das conexões que tenta preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia de permanência. A afinidade ganha peso nas relações amorosas e junto dela o ideal de completude, onde o que se espera é encontrar alguém que tenha os mesmos gostos, sonhos, atitudes, pensamentos. Nessa vertente de pensamento só não se pensa nos defeitos do par, nem nos próprios. A afinidade assim, tem a escolha como fator qualificante e tem a intenção de ser como o parentesco: tão incondicional, irrevogável e indissolúvel quanto ele. O ato fundador da escolha é ao mesmo tempo o poder de sedução da afinidade e a sua perdição. A escolha diferentemente da sina do parentesco, é uma via de mão dupla. Sempre se pode dar meia-volta, e a consciência de tal possibilidade torna ainda menos animadora a tarefa de manter a direção. A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. Para os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo que é sólido e durável, tudo que não se ajuste ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço de continuidade é mais do que se está disposto a exigir numa barganha. Pede-se menos, aceita-se menos, e assim a hipoteca a resgatar fica menor e o prazo de resgate, menos desestimulante. De qualquer modo, o que se percebe é que os laços afetivos só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na Modernidade Líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes.

Para Bauman (2001) o que caracteriza os laços humanos no mundo líquido são a precariedade, a instabilidade e a vulnerabilidade. O fenômeno que todos esses conceitos tentam captar e articular e que também se fazem sentir dolorosamente, é a experiência combinada da falta de garantias, da incerteza e de insegurança. E diante da falta de segurança de longo prazo, a “satisfação instantânea” apresenta-se como uma estratégia razoável.

O adiamento da satisfação perdeu seu fascínio. É, afinal, altamente incerto que o trabalho e o esforço investidos hoje venham a contar como recursos quando chegar a hora da recompensa. Está longe de ser certo, além disso, que os prêmios

que hoje parecem atraentes serão tão desejáveis quando finalmente forem conquistados. (BAUMAN, 2001, p.185-186)

Dessa forma, homens e mulheres passam a perceber o mundo como um *contêiner* cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos. E assim a política de “precarização”, como o autor a denomina, conduzida pelos operadores do mercado de trabalho acaba sendo apoiada e reforçada pelas políticas de vida, sejam elas adotadas deliberadamente ou apenas por falta de alternativas. O que se pode perceber na conjugalidade é que compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, influenciado por projetos de impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo.

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, o amor torna-se uma hipoteca baseada num futuro incerto e portanto sem garantias e a sensação que se tem é de estar em um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, o indivíduo pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que se dão à ansiedade pois quando se entra em um relacionamento, as promessas de compromissos são irrelevantes a longo prazo.

Estar num relacionamento significa muita dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar plena e verdadeiramente seguro daquilo que faz – ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso. (BAUMAN, 2004, p.29)

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das experiências amorosas alimentam a crença de que amar é uma habilidade que se pode adquirir e melhorar quanto

mais se praticar. Essa suposta aquisição é na verdade o desaprendizado do amor – uma exercitada incapacidade para amar. O que encobre as incertezas do amor é a comoção do desejo e do excitação. Mas para o autor, talvez na atualidade dizer “desejo” seja demais. O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer. Numa época em que o “longo prazo” é cada vez mais curto, o tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada vez mais longo demais. Sendo assim, o desejo poderia estar sendo substituído pelo impulso. Como num *shopping center*, os relacionamentos são marcados pelo súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos sendo que sua curta expectativa de vida é o seu triunfo, dando-lhe, uma vantagem sobre os desejos. Entregar-se à transitoriedade dos impulsos mantém a esperança de que não ficarão conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. Assim, não é necessário retardar a satisfação, sem dúvida o sacrifício mais detestado nesse mundo de velocidade e aceleração. A parceria, desta forma tomada como um bem de consumo deve ser consumida instantaneamente de uma vez só, sendo antes de mais nada, eminentemente descartável. Caso seja considerada defeituosa ou não plenamente satisfatória pode ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais. Em contrapartida, mesmo que o relacionamento cumpra o que dele é esperado, não há garantias de que irá permanecer em uso para sempre, nem mesmo por muito tempo.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantidas de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falta, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeiro) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço, sem suor e resultado sem esforço. (BAUMAN, 2004,p. 22)

A persistência necessária para se manter ou preservar o relacionamento está cada vez menos em pauta. Tentar cada vez mais pode trazer desconforto e sofrimento quando o objetivo é a satisfação imediata. Por isso, persistir seria andar na contramão dessa lógica. Mesmo um pequeno problema pode causar a ruptura da parceria; desacordos triviais se tornam conflitos amargos, pequenos atritos são tomados como sinais de incompatibilidade essencial e irreparável. Bauman (2004) indica que se as pessoas supõem que seus compromissos são temporários, esses compromissos tendem a se tornar temporários em consequência das próprias ações dessas pessoas, como uma profecia que tende à auto-realização. Talvez o que as pessoas buscam seja descobrir como estabelecer um relacionamento ou – só por precaução – como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa. Querem adquirir uma dose de conhecimento e *know-how*, uma tecnologia de como romper o relacionamento e dele emergir incólume com poucas feridas e danos colaterais.

Sobre o consumismo, Bauman (1999b) afirma que uma das características da Modernidade Líquida é a sociedade de consumo. O consumo aparece nessa sociedade como prioridade e com ênfase, fazendo diferença em praticamente todos os aspectos da cultura e da vida individual. Nessa lógica do consumismo, não se deve exigir do consumidor nenhum compromisso do tipo até que a morte nos separe e nenhuma necessidade deve ser vista como totalmente satisfeita. O que realmente importa é a volatilidade e a temporalidade interna de todos os compromissos. Essa instantaneidade é mais importante que o próprio compromisso em questão.

A necessária redução do tempo é melhor alcançada se os consumidores não puderem prestar atenção ou concentrar o desejo por muito tempo em qualquer objeto; isto é, se forem impacientes, impetuosos, indóceis e, acima de tudo, facilmente instigáveis e também se facilmente perderem o interesse. A cultura da sociedade de consumo envolve sobretudo o esquecimento, não o aprendizado. (BAUMAN, 1999b, p.90)

O que realmente importa é a busca, é perseguir o ideal de completude, e não, o encontro com o que se busca. Para Bauman (1999b), os consumidores do mundo líquido e globalizado são acima de tudo acumuladores de sensações. Acumular coisas, torna-se secundário, quando o que realmente fascina as pessoas é a sensação de tentar conquistar tais coisas de maneira incessante. Uma vez que os objetos de consumo não trazem prazer total e absoluto, a insatisfação se instaura, fazendo com que os consumidores nunca descansem. Imersos nessa liquidez, os consumidores se vêem diante da impossibilidade de viver de outra maneira, e os imperativos da Modernidade Líquida, como exemplo o consumismo, aparecem disfarçados de “livre exercício da vontade”: a tão aclamada livre escolha nas relações amorosas.

Salienta-se que, ao contrário da produção, o consumo é uma atividade solitária, mesmo nos momentos em que se realiza na companhia de outros. Dessa forma, a conjugalidade tomada como consumo do outro, também estaria sendo uma atividade de dois solitários, onde poderia ser percebida uma exacerbação do individualismo, levado ao seu extremo.

É a cooperação que transforma os esforços diversos e dispersos em esforços produtivos. No caso do consumo, porém, a cooperação não só é desnecessária como é inteiramente supérflua. O que é consumido o é individualmente, mesmo que num saguão repleto. (BAUMAN, 2001, p. 189)

Contudo, onde há dois não há certeza. E num relacionamento no qual um reconhece o outro como um “segundo” plenamente independente, soberano – e não uma simples extensão, eco, de si mesmo, a incerteza passa a ser reconhecida e aceita. Ser duplo significa consentir em indeterminar o futuro. Construir diariamente, de forma ininterrupta a relação.

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, nesse mundo de furiosa “individualização”, transformam os relacionamentos em bênçãos ambíguas. Trazem a oscilação entre o sonho e o pesadelo, não sendo possível determinar quando um se transforma no outro e na maior parte do tempo, coabitam. “No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência”. (BAUMAN, 2004, p. 8)

Como foi dito, as características do mundo pós-moderno estão intrinsecamente ligadas umas às outras. Cabe neste ponto da presente argumentação, averiguar como as características da Modernidade Líquida se fazem presentes na realidade brasileira, mais especificamente, como anda o amor líquido na nossa sociedade.

2.2 IMPLICAÇÕES DO MUNDO LÍQUIDO NA REALIDADE CONJUGAL BRASILEIRA

Um relacionamento conjugal duradouro na Modernidade Líquida pode ser descrito como sendo quase impossível, tendo em vista as contradições presentes no casamento contemporâneo: como conciliar monogamia e permissividade, permanência e apelo ao novo, vida familiar e realização pessoal? Sem dúvida alguma, a ambivalência constitui-se como característica marcante no desenrolar das relações afetivas na contemporaneidade. Mas além das contradições ou paradoxos nas relações amorosas, outros aspectos que caracterizam essas relações na Modernidade Líquida serão explicitados com o intuito de lançar luz às questões

colocadas no presente trabalho. São eles a valorização da qualidade da relação, a afetividade, a sexualidade e a intimidade. É verdade que o individualismo tem lugar de destaque nos relacionamentos contemporâneos e se relaciona proximamente com os demais pontos que serão ressaltados. E considerando sua importância tratou-se do individualismo anteriormente na tentativa de enfatizá-lo. Para o momento, discutem-se como esses aspectos relacionais interagem entre si compondo os cenários das relações conjugais na contemporaneidade. Esses novos componentes trazem muitas mudanças e acabam convergindo com o individualismo.

A discussão de Bauman sobre a Modernidade Líquida e o Amor Líquido diz de uma realidade globalizada, de um mundo fragmentado e que só pode ser descrito dentro de contextos específicos. Para falar da Modernidade Líquida nas relações amorosas em nossa sociedade, procurou-se estabelecer um diálogo entre as idéias desse sociólogo com as idéias de outros autores, inclusive autores brasileiros, que trabalham questões relativas à conjugalidade e separação conjugal.

A conquista feminina do reconhecimento da mulher como indivíduo autônomo trouxe conseqüências para a vivência da conjugalidade. O desenvolvimento da individualidade vincula-se ao da sociedade contemporânea, com a eliminação de barreiras de *status*. Este processo de aprofundamento e extensão do individualismo, através do qual as mulheres passam a ter aspirações, estimula a instabilidade e a volatilidade nas relações íntimas, no casamento e na família. Estando a mulher em estado de igualdade com o homem, houve uma ampliação do círculo de pessoas que se tornaram passíveis de escolha como parceiros na relação conjugal, ampliando também a liberdade de escolha para ambos. Segundo Vaitsman (1994) aí residiria uma das grandes contradições do casamento moderno, fundado no amor e na livre escolha: a dificuldade em conciliar a reciprocidade e a individualidade. Para a autora, a livre escolha é o ponto fraco do casamento moderno que por isso mesmo sempre esteve sujeito à dissolução, aprovada ou não pela lei secular ou religiosa. A partir do momento em

que homens e mulheres passam a se ver como iguais, criam-se condições sociais particularmente favoráveis.

Nas circunstâncias históricas atuais, a noção de eternidade das relações e dos sentimentos foi abalada e isto manifesta-se no fato de que lá onde o indivíduo encontrava maior estabilidade e segurança, casamentos e famílias passaram a desfazer-se e refazer-se continuamente. (VAITSMAN, 1994, p.35)

Acredita-se que a livre escolha se caracterize como ponto fraco mas também como ponto forte da relação ao mesmo tempo. Poder escolher com quem irá se casar ou ter uma vida conjugal é um ponto favorável, permitindo uma ligação entre convivência conjugal, amor e sexualidade. Antigamente, os casamentos aconteciam por arranjos que deviam favorecer a família, ao grupo socioeconômico aos quais os noivos pertenciam. Entretanto, nas escolhas conjugais contemporâneas, quando o amor ganha relevância, não há como negar que a livre escolha não pode garantir a estabilidade, a durabilidade e a permanência do relacionamento.

Outro aspecto importante para os relacionamentos na Modernidade Líquida é a intimidade. Bauman (1999) citando Richard Sennet afirma que nas relações conjugais contemporâneas há um aspecto de “intercâmbio destrutivo”, no qual “ambos os parceiros buscam obsessivamente o direito à intimidade – ao abris-se com o parceiro, a partilhar com ele a verdade total, a mais pessoal de sua vida íntima, a ser absolutamente sincero...” (BAUMAN, 1999, p.214).

Na verdade, o desenvolvimento econômico e as relações de mercado, a opacidade das relações sociais, impõem a distinção cada vez mais clara entre “as relações impessoais e pessoais” uma vez que essa experiência básica entre relações impessoais e pessoais se tornou conhecimento comum, se tornou verdadeira para toda a gente, independentemente do sexo e do estrato social, ela tem de cristalizar o desejo das relações pessoais, de uma maior

interpenetração, a um nível mais profundo e fazê-lo aparecer como ainda mais inatingível. A identificação desta nova semântica acaba por conduzir a paradoxos e dificuldades a partir do final do século XX. De um lado, e devido às transformações sócio-estruturais, os indivíduos têm mais autonomia em relação às instituições, o que se traduz em margem acrescida de manobra individual. Mas por outro lado, a necessidade de intensificação das relações pessoais aumenta a expectativa em relação ao desejo de ser compreendido pelo outro e torna-se difícil, senão impossível, que o recíproco retrato idealizado se sustente no cotidiano. Num mundo tão individualista, a necessidade de intimidade fica inflada, em meio à impessoalidade das relações, da falta de parâmetros para viver, a vida íntima assume lugar de destaque.

Expectativas muito elevadas implicam também, ao não serem ajustadas à realidade, maiores desilusões, crescente instabilidade e incerteza. E o amor nas sociedades contemporâneas, promete muito, mas acaba por dar pouco. O código do amor transformou-se de um ideal, através dos paradoxos referidos, num problema. (TORRES, 2000, p.150)

Para Giddens (1992) o conceito de intimidade é uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. No contexto contemporâneo, conjugalidade, individualidade e intimidade convivem ao mesmo tempo gerando demandas paradoxais e conseqüentemente, tensões na vivência do casal. Simmel citado por Féres-Carneiro (1998) vai apontar para as sérias conseqüências que o ideal contemporâneo de casamento, onde desejar o outro por inteiro e pretender penetrar em sua intimidade por completo, pode trazer. Os indivíduos têm que funcionar como reservatórios inesgotáveis de conteúdos psicológicos latentes e a satisfação da entrega total pode produzir uma sensação de esvaziamento. Há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação. Se cada pessoa passa a ter direito de escolher seus próprios caminhos, profissionais e pessoais, o casal somente se sustenta quando ocorre uma

troca enriquecedora de experiências, mas seu excesso pode levar ao rompimento do relacionamento.

Para Ribeiro (2000) esse intercâmbio é bastante difícil e requer, na verdade, que os parceiros dialoguem constantemente sobre quem eles mesmo são, ou estão se tornando, e quais os termos de sua ligação. Num mundo tão fluido, as pessoas mudam, muito mais do que antes, e com isso o antigo sentido de que um casamento se anularia caso houvesse um “erro essencial” sobre a outra pessoa se torna obsoleto.

Pois hoje as identidades se modificam e, por conseguinte, o erro quanto à identidade deixa de ser atribuído à má-fé de quem mentiu: ele se torna, na verdade mais que erro, um desencontro, uma separação que resulta de terem os dois parceiros desenvolvido personalidades distintas. (RIBEIRO, 2000, p.18)

O que passa a fazer sentido nesse contexto é a idéia de que uma história existiu, existe, e no seu decorrer os parceiros trocam experiências entre si, a ponto de continuarem a relação, ou não.

Velho (2001) afirma que a consequência e expressão mais nítida dessas mudanças é a ênfase em projetos individuais. O indivíduo é percebido como o potencial sujeito de sua existência, tendo na construção e desenvolvimento de projetos a possibilidade de realização de sua vida. Para vários autores, Torres (2000), Vaitsman (1994), Féres-Carneiro (2003), Jablonsky (2001), Kehl (2003) entre tantos outros, uma importante dimensão da conjugalidade diz respeito à afetividade, em sentido amplo, nela ocupando lugar de destaque a vertente amorosa da relação e a concretização da sexualidade. Durante muito tempo, nos estudos sobre a família e o casal, houve uma tendência a subestimar a autonomia relativa do sentimento amoroso.

Isto é, não se deu importância ao fato de o bem-estar afetivo e relacional assumir crescentemente, não de forma isolada mas sempre associado a outras sociais e de gênero, papel de relevo na razão da escolha, fundação, manutenção ou ruptura das relações conjugais. (TORRES, 2000, p.138)

Conforme foi dito anteriormente, a nova semântica do amor passou a responder aos anseios de liberdade de escolha no casamento, mesmo que em muitos casos, a desigualdade entre homem e mulher faça com que a livre escolha no casamento e na família constitua antes um princípio do que uma prática. Junto à questão da escolha do cônjuge, com a preocupação excessiva com a qualidade do relacionamento, também os afetos recebem lugar de destaque nas transformações da conjugalidade. Houve uma grande valorização do amor e da paixão, uma sedimentação do casamento em basicamente um sentimento que é efêmero, abrasador e idealizador.

A valorização da afetividade foi assumindo papel cada vez maior nos relacionamentos contemporâneos. Para Romagnoli (1996) a conjugalidade se viu abandonada à sorte da satisfação afetiva de cada um dos cônjuges, satisfação tão necessária como variável, tão indispensável quanto frágil. Sua função é basicamente a busca da felicidade advinda da qualidade dos relacionamentos. Concordando com isso, Maria Rita Kehl (2003) afirma que:

A sociedade contemporânea, regida acima de tudo por leis de mercado que disseminam imperativos de bem-estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos, só reconhece o amor e a realização sexual como fundamentos legítimos das uniões conjugais. (KHEL, 2003, p. 165)

Esse amor ideal engloba a sexualidade do casal, que também vem assumindo cada vez mais lugar de grande importância nas relações contemporâneas. Para Ribeiro (2000) uma relação estável começa geralmente pelo desejo sexual, mas este aspecto não é inteiramente

novo: vale desde que começou a decair o casamento por conveniência ou por arranjo familiar. Bozon (2001) aponta para o fato de que no ideal do casal por amor a sexualidade assume um papel cada vez mais importante em razão do enfraquecimento da instituição matrimonial. Para esse autor, na atualidade, o motor interno da conjugalidade contemporânea é a relação sexual, baseada no laço amoroso.

Acredita-se que a expressão relação sexual seja reducionista para abarcar a problemática da conjugalidade. É inegável que a importância do prazer sexual no relacionamento tem ganhado peso cada vez maior, mas na conjugalidade este está diretamente ligado ao sentimento amoroso. Pode-se dizer que talvez na Modernidade Líquida o amor não está desligado da vivência sexual, ama-se e deseja ao mesmo tempo. Ou então não há amor, somente o desejo e a vivência sexual. Mas é possível afirmar que há a experiência do prazer erótico de ambas as partes? De acordo com a leitura de Bauman pode-se dizer que seria um esvaziamento do erotismo, no sentido forte dessa noção. Se num primeiro momento passa-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva que atribuiu um lugar extremamente importante à sexualidade, na atualidade, observa-se uma passagem do erotismo para o consumismo, ocorrendo um esvaziamento da sexualidade, quando se toma o outro como objeto de consumo, de prazer. Assim o erotismo, de fato, fica esvaziado.

Outro aspecto importante sobre a sexualidade apontada por Bozon (2001) diz respeito ao fato dos cônjuges, na maioria das vezes, terem tido uma ou mais experiências conjugais prévias, acarretando mudanças definitivas nas suas atitudes com relação à sexualidade. Produz-se assim um efeito de aprendizagem e os valores pessoais ligados à exclusividade sexual são então, em parte, um efeito da situação e do ciclo do casal.

Bauman (2004) problematiza uma característica recorrente nas relações interpessoais contemporâneas e que tem ressonâncias na vida conjugal. Para ele, o sentimento “nós” que expressa um desejo de ser semelhante, seria uma forma de as pessoas evitarem a necessidade

de examinarem umas às outras mais profundamente. A promessa que se faz dentro dessa perspectiva é a de tornar o convívio algo mais fácil de suportar, excluindo-se o esforço de compreender, negociar, comprometer-se, esforço este, exigido quando se vive com a diferença ou em meio a ela. “Evitar uma experiência comum ocorre, em primeiro lugar porque os homens têm medo da participação dos perigos e desafios que ela traz, de sua dor” (BAUMAN, 2004, p. 134). Assim, como foi dito anteriormente, busca-se o outro por afinidade ao mesmo tempo em que não se suporta ou não se sabe lidar com suas diferenças. Se por um lado, a relação a dois comporta expectativas gigantescas, por vezes impossíveis de serem atingidas, por outro lado, as pessoas entram no relacionamento tentando fugir da possibilidade de ficarem sós, mas também na evitação de vivenciarem sofrimentos que a própria relação ou seu possível rompimento possa ocasionar. Essa evitação do sofrimento, dificuldade em lidar com as frustrações, se caracterizam num não investimento na relação amorosa? Ou seria uma outra forma de investir? Por mais que as estatísticas do divórcio aumentem e a possibilidade de que sejam felizes para sempre seja remota, é difícil conceber a idéia de que pessoas apaixonadas ao se unirem, não acreditem, em certa medida, que aquele relacionamento possa ser duradouro. Além da dificuldade de lidar com as frustrações e da incapacidade de enfrentar os sofrimentos, os relacionamentos do mundo líquido evidenciam ainda uma dificuldade que as pessoas têm de lidar com a individualidade do outro. Não se sabe lidar com as emoções, sentimentos, próprios de cada um, ou seja, com as idiossincrasias.

Se for possível pensar em novas formas de investimento no relacionamento, pode-se supor que existam novas formas de vivenciar o processo da separação conjugal. Quando se pensa nas gerações passadas, quando as pessoas se apaixonavam, a idéia do para sempre era muito forte. Hoje, junto ao amor, à paixão, surgem questionamentos que trazem inseguranças. Duvida-se se a relação irá durar, se o par irá ser fiel, se irá corresponder às expectativas. Talvez diante de tantas incertezas, investe-se no momento, evitando pensar tanto no futuro.

Os antepassados, ainda que não tivessem uma relação amorosa, tinham uma história a ser escrita e contada. E a Modernidade Líquida é a-histórica, onde tudo se desfaz muito rápido. No mundo líquido onde a instantaneidade e o imediatismo são as formas de se lidar com o tempo, as pessoas não suportam a construção de uma história. Assim se justifica um investimento que não é de fazer uma aposta muito grande no futuro, vive-se mergulhado no hedonismo, na busca de se ter o máximo de prazer em curto prazo.

Percebe-se assim, um paradoxo entre descartabilidade e o comprometimento dos cônjuges com a relação. São demandas antagônicas concomitantes que levam a um estado de confusão de valores e atitudes que culmina em grande insatisfação e num alto número de separações e de divórcios, aumento que se traduz pelo comprometimento fraco entre os pares da relação. Assim, segundo Jablonski (2001), a monogamia serial torna-se comum, pois se um relacionamento não atende às expectativas de uma ou ambas as partes envolvidas, parte-se para outra relação na busca de alcançá-las ao lado de outro alguém, trocas que acontecem consecutivamente. A cultura empurra para um modelo não muito compatível com a própria realidade. E a sociedade age de maneira ambivalente em relação ao casamento estimulando ao mesmo tempo em que o casal fique unido e que não fique. Para o autor em questão, há uma exaltação de um estilo de vida altamente individualista, que preza a realização individual acima de tudo incompatível com o espírito de “familismo”.⁴

A independência e a autonomia, traços fortes da grande individualização que cresce a cada dia, geram no indivíduo da Modernidade Líquida o sentimento de estar livre, pelo menos na sua vida privada. Ressalta-se as características individualistas do casal contemporâneo, o que se enfatiza é a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros, traduzida pela alta expectativa nas vivências afetivas. Em relação às mudanças na conjugalidade, Velho (2001) percebe que não se trata do fim das alianças através do

⁴ A expressão familismo é usada por Bernardo Jablonski para tratar do sentimento de estar em família, na companhia de outros próximos e ligados por projetos em comum, em oposição ao estilo de vida individualista.

casamento, mas de uma mudança de natureza e qualidade. A relação conjugal vai se manter enquanto for prazerosa e "útil" para os cônjuges.

De acordo com dados já mencionados, o aumento nas taxas de separação conjugal parece se justificar em parte, por uma maior aceitação social deste fenômeno. Para Debert (2001) num mundo de alta mobilidade e relativa permeabilidade de fronteiras de todos os tipos, desfazer uma aliança específica não é desvalorizar a idéia "aliança". A possibilidade de redefinir a aliança, identificando-se com outros fragmentos de uma sociedade onde se admitem anonimato e redefinições de rumos, desproblematiza idéia de "separar", de "aguardar" ou de "criar alternativas" na construção da vida doméstica. O curioso, como aponta o mesmo autor, é que esse reconhecimento da efemeridade e da permeabilidade de fronteiras na vivência da conjugalidade venha acompanhado de um discurso sobre a importância da qualidade das relações que se formam e se re-formam. Num mundo de alianças quebráveis, a valorização da idéia de aliança continua firme, fenômeno que Debert denomina de valorização simbólica de uma conjugalidade de qualidade.

Para Bauman (2004) os jovens que estão nascendo, crescendo e amadurecendo nesta virada do século XX para o século XXI percebem como sendo familiar, talvez até auto-evidente, a descrição de "relacionamento puro". O conceito de relacionamento puro, cunhado por Giddens (1992), se refere ao tipo de relacionamento que tende a ser a forma predominante na atualidade, na qual se entra pelo que cada um pode ganhar e se continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfação suficientes para permanecer na relação.

Outra contradição pode ser observada nas relações amorosas. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. Singly (2000) conclui que numa sociedade onde o valor de referência é derivado do "eu", a família, e o casal

são importantes, na medida em que ajudam cada um a constituir-se como indivíduo autônomo. Essa função põe em evidência suas contradições internas: ao mesmo tempo em que os laços de dependência são necessários, eles são negados. No laço conjugal, assim como na família, a necessidade de interdependência e a negação desta necessidade criam tensões internas. É preciso ser "um" em sendo "dois". O casal assim, se choca o tempo todo com o paradoxo formado entre individualidade e conjugalidade, uma vez que por um lado a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo, valores que enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. E por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

Mas na medida em que o casamento é continuidade e duração, mesmo não se vislumbrando mais a idéia de “para sempre”, assenta-se, sobretudo na existência de projetos de vidas comuns. Assim, para Ribeiro (2000) esse continua sendo o eixo do casamento. Tal fato aponta para a existência de outro paradoxo que se coloca na vivência do casal. É a dificuldade em se conciliar um projeto comum com o individualismo, e mais ainda, de formular projetos comuns a longo prazo. Esta dificuldade de integrar duas situações individuais é parte da fragmentação que atravessa a realidade cotidiana. A possibilidade de estabelecer um ‘nós’ é tomada como um dado da realidade com a qual se lida, não sem conflitos ou ansiedade. O imaginário que povoa as relações não descarta a idéia de segurança, de compartilhar a vida, mas sem renunciar a liberdade. Como Bauman (2004) bem aponta, a fragmentação da experiência do mundo e a expansão da individualidade de homens e

mulheres dificultam tanto a sustentação de um projeto comum quanto o planejamento em longo prazo.

A multiplicidade de situações vividas e a rapidez com que elas se transformam fazem do presente e da contextualidade dimensões da visão de mundo. Ao mesmo tempo, esta situação produz, como contrapartida, a nostalgia da estabilidade. Hobsbawn (1992) afirma que a mais perturbadora transformação causada pelo capitalismo é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano juntamente com a quebra dos elos entre gerações, ou seja, do elo entre passado e presente. O autor denomina de presentismo o processo no qual a nova sociedade que emerge não destruiu o que herdou da antiga sociedade, mas adaptou de forma seletiva a herança do passado para uso próprio.

... tornou-se possível ver como pode ser um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem. (HOBSEBAWN, ANO, p.25)

Vive-se o presente, porque a expansão da individualidade dificulta, embora não impeça, um planejamento comum para o futuro. Esta situação estimula o desenvolvimento de uma concepção de amor e casamento diversa daquela segundo a qual as suas individualidades se complementavam numa singularidade, formando um casal. Agora, a individualidade, de fato, ergue barreiras entre os dois indivíduos, fazendo aflorar os conflitos potenciais ou reprimidos do casamento moderno.

Além de se privilegiar o presente, vive-se num mundo em que o novo é compulsório, imprescindível. Uma demanda de constante renovação se coloca na relação, havendo a possibilidade de se renovar a própria relação vivida, afim de mantê-la, ou de inovar, mudando

de parceiro e, portanto, de relacionamento. Mas a exigência de mudança impera no mundo líquido, havendo sempre a possibilidade de mudar de parceiro, trazendo a descartabilidade para o cenário das relações conjugais. Quem não se renova, quem não renova o amor, vê o sentimento fenecer. Isso também significa uma redução de paz, da segurança, já que se vive em tempo de risco. Se for oneroso renovar o relacionamento, diante de tanta oferta no mercado, prefere-se trocar de parceria.

Lembro que os casamentos hoje somente se mantêm por uma contínua renovação da parceria. Esta não está mais obrigada a continuar existindo. Como observa Nadia de Araújo, mesmo um casal somente se mantêm recasando-se: um mesmo par só continua sua relação por sucessivos recasamentos. Trata-se das renovações dos pactos, explícitos ou implícitos, que ligam um casal. (RIBEIRO, 2000, p.20)

Embora cada motivo de separação seja particular, apresenta-se em comum o fato de que a manutenção do casamento, agora, depende mais de normas definidas segundo critérios específicos e de acordo com a individualidade da relação e não da obediência a um modelo que impõe a estabilidade. Em meio à variedade de alternativas e possibilidades que acabam configurando um padrão aparentemente caótico, chama a atenção, nas práticas de união conjugal, a fragmentação, a efemeridade, a descontinuidade e a pluralidade, que instituem a heterogeneidade como dominante cultural, traço presente no discurso, impondo contradições difíceis de serem transpostas.

Embora o divórcio possa ser, às vezes, a melhor solução para um casal cujos membros não se consideram capazes de continuar tentando ultrapassar suas dificuldades, muitos estudiosos do assunto afirmam que o processo da separação é sempre vivenciado como uma situação extremamente dolorosa e estressante.

Por outro lado, apesar de a separação causar perdas emocionais e econômicas, ao mesmo tempo, impele os indivíduos a buscarem novas formas de ampliar os próprios

recursos, a fim de lidar com a nova situação. Sabe-se que as relações duradouras foram substituídas por parcerias frouxas e eminentemente revogáveis. A fraqueza, a debilidade e a vulnerabilidade além de uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa flexibilidade) marcam todas as espécies de vínculos sociais.

Diante das transformações que as relações conjugais têm passado e também a separação, questiona-se sobre as influências dessas mudanças nas formas das pessoas enfrentarem o processo de separar-se na contemporaneidade.

2.3 COMO ANDA A SEPARAÇÃO NO BRASIL: UMA AMOSTRAGEM ATRAVÉS DAS ESTATÍSTICAS

Podem-se constatar mudanças significativas nas formas de união e separação no Brasil observando dados estatísticos e demográficos. Tais dados podem elucidar características da conjugalidade contemporânea brasileira, e, como exemplo, pode-se citar o aumento do número de separações que vem ocorrendo nos últimos anos, refletindo transformações na sociedade contemporânea como um todo.

Berquó (1998) a partir de dados estatísticos faz uma leitura das mudanças no cenário das formas de união e separação no Brasil através da história desse país, estudo que culmina nos anos 1990. O estudo em questão traz dados importantes, enfatizando a influência da institucionalização das uniões e separações tanto pela Igreja quanto pelo Poder Judiciário. Segundo a autora, as uniões matrimoniais foram regidas por sistemas legais que variaram ao longo do tempo, o que dificulta comparações por períodos muito extensos. Durante o Império, o vínculo religioso católico era indissolúvel e determinava o estado conjugal das pessoas. A

partir de 1870, de acordo com a Lei nº. 1829, que trata do recenseamento da população do Império, deu-se a organização do registro civil pelo Estado, ficando a Igreja obrigada a enviar à autoridade civil a série de informações registradas. Na República, o Decreto-Lei nº 181, de 24 de janeiro de 1890, criou os casamentos civis, que é independente do religioso e o único a ter validade jurídica e civil.

O tipo de informações a respeito do estado civil da população, através dos censos, também variou bastante ao longo da história. Na maioria desses censos só se considerou, quanto ao estado civil, na “lista de família” adotada para recolher as informações, os solteiros, casados e viúvos; em alguns se acrescentava à coleta quesitos que se referiam à condição de divorciado e por vezes de desquitado. De acordo com a presente pesquisa esses dados ainda se confirmam na atualidade, não sendo possível encontrar números relativos a uniões e separações não formalizadas.

Em 1942, foi introduzido no Código Civil o artigo 315, que estabelece a separação sem dissolução de vínculo, ou seja, o desquite. Ainda nesse ano, a Lei nº. 4529, de 30 de julho, regulamenta a anulação do casamento, desde que o caso se enquadre dentro de critérios estabelecidos pela mesma lei em questão.

Hoje, continua em vigor a Lei nº. 6015, de 31 de dezembro de 1973, que regulamenta o registro de fatos vitais, e a Lei de nº. 6515, de dezembro de 1977⁵, que institui o divórcio, permitindo aos divorciados que contraíssem novo matrimônio.

As mudanças no código legislativo do país interferem diretamente na vida das pessoas, mas há variações relativas a inúmeros aspectos. Essas mudanças no texto jurídico também refletem em muitos casos, a legitimação de práticas sociais que se tornam corriqueiras no cotidiano, como aconteceu com o divórcio, a união estável, entre outros.

⁵ Com o Novo Código Civil Brasileiro, em vigor desde janeiro de 2002, algumas alterações foram feitas na lei do divórcio, referentes à pensão alimentícia, guarda de filhos. Mas não houve mudanças que transformassem a essência dessa lei.

Em sua análise demográfica, Berquó (1998) constatou que o comportamento matrimonial dos brasileiros até a década de 1990 alterou-se em alguns aspectos, mantendo-se em outros. No referido período houve um aumento do número de separações e divórcios, conservou-se a média das idades ao casar, e o papel das uniões não legalizadas cresceu na preferência das pessoas.

Se, por um lado, a presença de casados *lato sensu* (casamento no seu sentido amplo e largo da palavra) foi majoritária e ascendente no cenário matrimonial, ou seja, as pessoas continuam cada vez mais a se unirem, no mesmo período houve um declínio na taxa bruta nupcialidade⁶. Assim, o que se pode afirmar é que as pessoas continuaram a se unir, porém de outras formas que não sejam formalmente. A curva de nupcialidade foi marcada por um declínio sistemático que prossegue até 1994. Nota-se que vem ganhando importância no país o número de casamentos não legalizados – a coabitação sem vínculos legais ou união consensual. O declínio do número dos casamentos civis e religiosos, ainda que esse tipo de união continue predominante no cenário matrimonial, e o crescimento do número de uniões realizadas apenas no civil, segundo Berquó, reforçam outra vez a queda do prestígio do casamento religioso, mais evidente nos centros urbanos.

Em contrapartida, as taxas brutas, ou seja, o total de separações judiciais e divórcios (por mil pessoas), tiveram alta ao longo do período, atingindo, em 1994, valor quatro vezes maior do que o correspondente em 1979. Acredita-se que o intenso crescimento na primeira metade da década de 80 reflita, em grande medida, a oficialização de separações anteriores à Lei nº. 6515, de dezembro de 1977, que, como foi dito anteriormente, instituiu o divórcio no país, dando aos divorciados o direito de contrair novo matrimônio. Até então, os casados no civil só dispunham do desquite, introduzido no Código Civil em 1942, que estabeleceu a separação sem dissolução de vínculo. Saturada essa demanda reprimida, a curva reflete, nos

⁶ A taxa de nupcialidade é o número de casamentos para grupos de 1000 pessoas com mais de 15 anos de idade.

anos seguintes, a própria dinâmica do comportamento matrimonial, com taxas ascendentes de divórcios.

Goldani (1993) aponta que esse aumento do número de separações e divórcios pode ter como um de seus fatores a sua maior aceitabilidade desses fenômenos. Para essa autora esses números também são responsáveis pela diminuição das unidades domésticas, ou seja, mais pessoas vivem sozinhas sem constituírem núcleos com laços afetivos. Na contemporaneidade as pessoas conquistaram o direito de se expressar livremente, de decidir e escolher sua trajetória de vida. Nesse contexto, a legalização do divórcio foi uma conquista, um reconhecimento do direito que cada tem de decidir sobre aquilo que lhe parece melhor para sua vida.

Se a pesquisa de Berquó (1998) tratou da década de 1980 até meados dos anos 1990, para dados mais recentes, foram consultadas as pesquisas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, referentes aos anos de 1994 a 2003. Alguns resultados encontrados foram os mesmos da pesquisa anterior, outros trouxeram modificações. A partir desses dados, tentou-se traçar um panorama dos casamentos e separações na Modernidade Líquida, no contexto contemporâneo brasileiro, enfatizando que a cada década, as transformações sociais acontecem numa velocidade cada vez maior.

No Brasil, os últimos números divulgados pelo IBGE (2006), que correspondem ao ano de 2002, indicam aproximadamente um divórcio para cada cinco casamentos e uma separação judicial para cada sete casamentos o que daria uma média de uma dissolução para cada seis uniões.

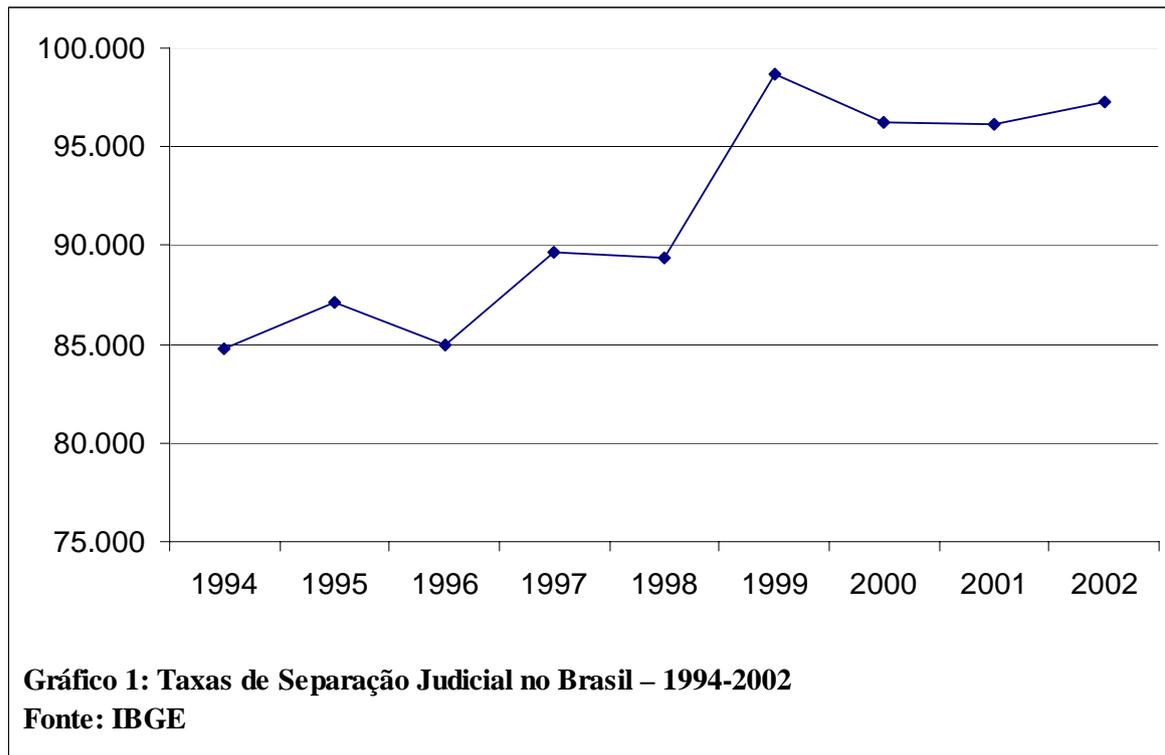


Figura 1 – Gráfico como ilustração

Importante ressaltar que os números contidos nestas pesquisas estatísticas se referem a registros oficiais, ou seja, casais que vivem em união consensual ou que não formalizaram a separação não são contabilizados. Como já foi mencionado anteriormente, não foram encontrados números referentes às chamadas uniões alternativas, nem mesmo de união estável, com ou sem coabitação, que desde a adoção do novo Código Civil, em 2002, adquiriu *status* semelhante ao dos casamentos oficiais, passando a ser reconhecida como legítima convivência entre os cônjuges.

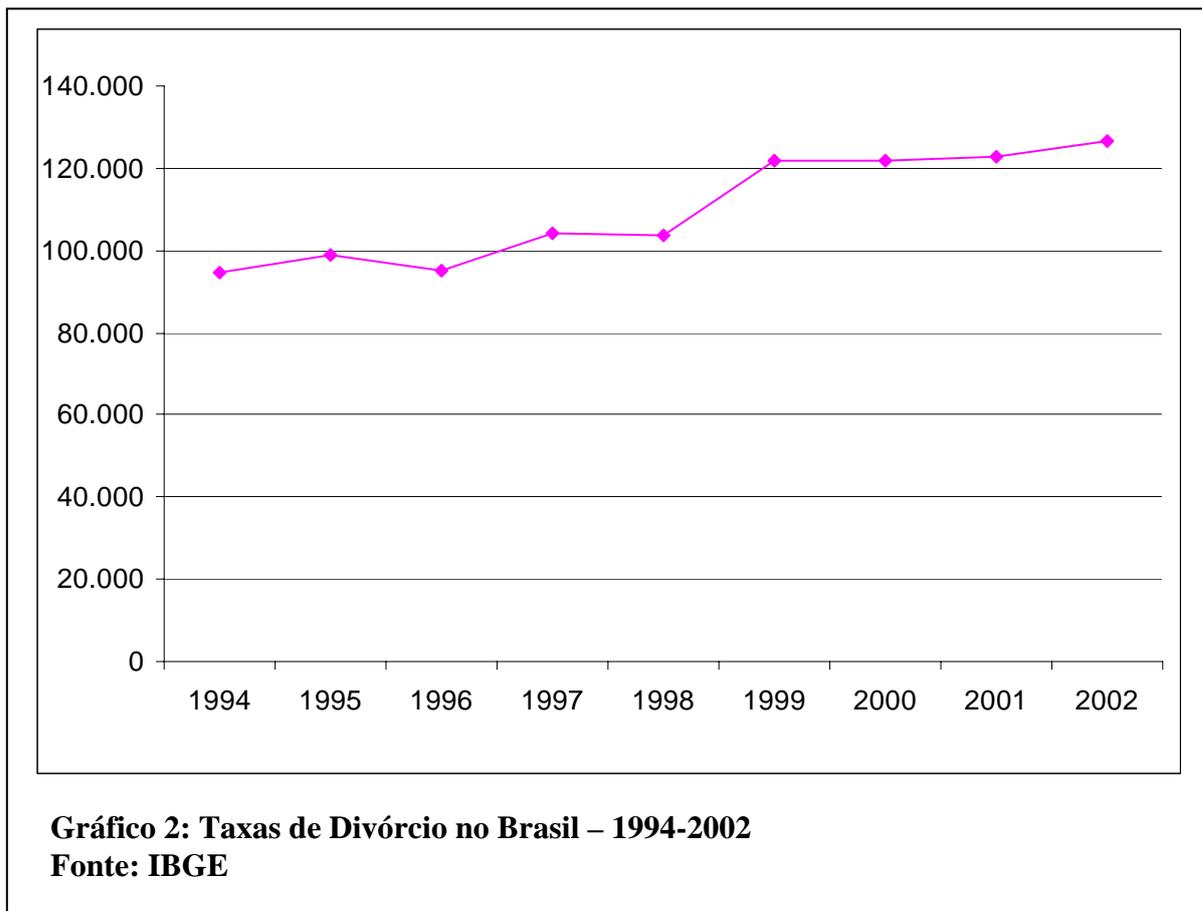


Figura 2 – Gráfico como ilustração

O maior aumento do número de divórcios pode ser explicado, em parte, por uma mudança na Constituição Federal (BRASIL,1988) que desde 1988 permite o divórcio para o casal que não tenha se separado legalmente, bastando a este provar que o par não vivia junto há pelo menos dois anos. Mas, esse aumento nas taxas de divórcio e separação conjugal, parece se justificar em parte, por uma maior aceitação social deste fenômeno. Como foi visto anteriormente em Debert (2001), o aumento no número de separações não significa desvalorizar a idéia “aliança”. O que ocorre é que desproblematiza a idéia de “separar”, de “aguardar” ou de “criar alternativas” na construção da vida doméstica.

Outras observações podem ser feitas a partir desses dados. Quanto ao tempo transcorrido entre as datas do casamento e da sentença de separação, no mesmo período, o

tempo de casamento em que os casais mais se separam oscila entre os extremos. A maioria se separa no início do relacionamento (de 1 a 5 anos) ou depois uma longa convivência juntos (15, 20 ou mais anos). As rupturas ocorrem tanto entre os casais jovens como na população madura. Féres-Carneiro (2003) aponta a partir de pesquisas realizadas com a classe média carioca, que nem a idade dos cônjuges, nem o tempo de casamento se constitui como fator que influencia a manutenção ou não do laço conjugal. De acordo com Goulias (2004) em matéria publicada na revista *Época*, a geração mais nova é imediatista, tem uma expectativa alta sobre o casamento mas não quer investir a longo prazo, já os casais de terceira idade estão revendo questões como a traição e decidindo pela separação, fatores que podem explicar os dados do gráfico a seguir.

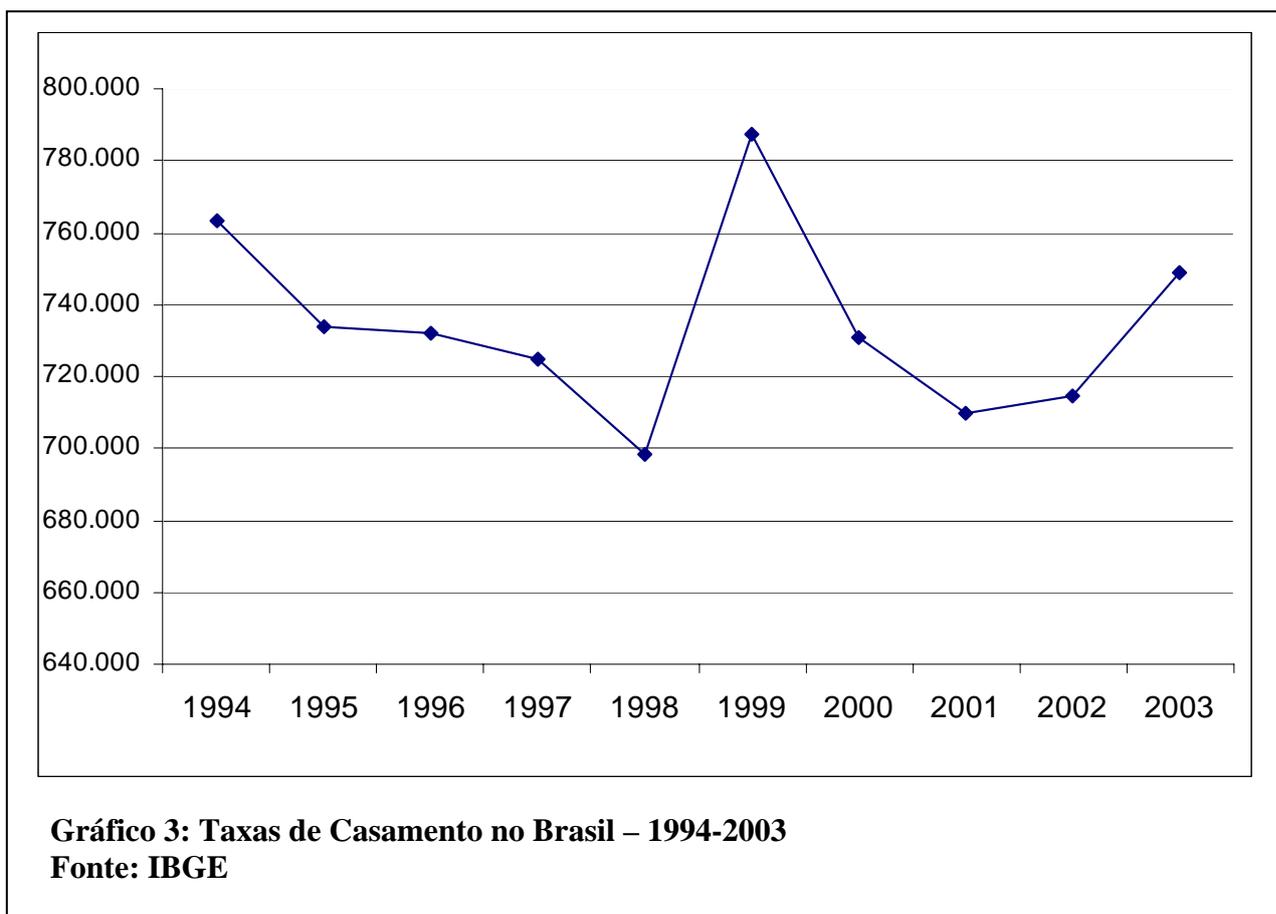


Figura 3 – Gráfico como ilustração

A autora em questão aponta que a baixa tolerância à frustração, o pouco compromisso com a continuidade do casamento, aliados à idealização deste como um relacionamento que deveria suprir todas as faltas do par, são alguns dos fatores que têm sido responsáveis pelo número crescente de separações. Tudo isso está ligado a um processo mais amplo de transformações econômico-sociais que foram abordadas no capítulo 1, quando tratou-se da conceitualização da Modernidade Líquida.

Por outro lado, o número de casamentos no Brasil, no período entre 1994 e 2003 diminuiu cerca de 12%. Essa queda pode indicar não que as pessoas vêm perdendo a crença na união conjugal, mas sim que têm descoberto novas formas de se unirem. As novas e propagadas formas de união são alvo de estudos e discussões nas ciências humanas, políticas e outros saberes. A idéia de que as pessoas estariam perdendo a crença nas relações conjugais não parece se sustentar, muito pelo contrário, parece que tais relações ganham projeção na medida em que sua idealização aumenta.

Um dado interessante é que de 2002 para 2003, houve um aumento de 4,6% no número total de casamentos. O aumento das taxas de separação continua aumentando, mas começam a aumentar as taxas de casamento, apesar de se estar mencionando o aumento de um ano para outro, pois, não se encontra dados posteriores ao ano de 2003 no IBGE (2006). Mas, talvez, com a velocidade que acontecem as mudanças na atualidade, seja possível inferir que seja um dado significativo. Tal fato poderia ser o reflexo da idealização e da descartabilidade, ambas características da Modernidade Líquida.

De acordo com pesquisa realizada pelo economista Marcelo Néri, no Centro de Políticas Sociais da FGV - Fundação Getúlio Vargas, em 2004 houve um aumento de 7,7 % no número de casamentos no Brasil e um decréscimo de 7,4% nas separações judiciais e 3,2 no número de divórcios, em relação ao ano de 2003. Marcelo Néri, coordenador da pesquisa da FGV (2006) afirma que na história recente do país épocas de prosperidade econômica

coincidem com altas taxas de casamento, assim, a sustentabilidade do crescimento e a formalização da economia estão sendo acompanhadas por uma formalização das uniões. Assim, para esse pesquisador o aumento nas taxas de casamento se deve a condições socioeconômicas favoráveis. Afirma também que do ponto de vista jurídico, o casamento traz mais vantagens que a união estável. Atribui ainda o aumento de casamentos entre os jovens à liberdade sexual, que os obriga a casar no caso de gravidez. O economista pontua que o salto é ainda mais interessante se comparado com a queda que o número de casamentos vinha tendo nos últimos 10 anos, mesmo com o aumento da população.

Mas, outros fatores, além dos sócio-econômicos influenciam no aumento das taxas de casamento. Conforme foi afirmado anteriormente, a fragmentação no mundo líquido fez com que a ambivalência passasse da esfera pública para a privada e em decorrência disso, todos os problemas tendem a ser resolvidos com meios privados, fortalecendo e priorizando as relações pessoais, o que explica a grande expectativa que se tem nas relações amorosas. Féres-Carneiro (2000; 2003) e Jablonski (2003) constatam em suas pesquisas com casais da classe média carioca, que o casamento é para os cônjuges a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos na esfera privada. Jablonski (2001) constatou ainda que a maioria das pessoas ainda pensa em se casar e viverem juntos para sempre, apesar de uma significativa probabilidade de separação a curto e médio prazo. Dessa forma, na sociedade contemporânea, os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Em entrevista à revista *Época* (MENDONÇA, 2004), o psicólogo Bernardo Jablonski, afirmou que o otimismo surpreende diante do índice de divórcios se configurando numa esquizofrenia social. Um dos motivos é que o modelo social de felicidade continua pressupondo o casamento – embora o padrão, hoje, seja a monogamia serial, com cada pessoa trocando de relacionamento à medida que o interior se esgotou. “Não há na sociedade formas

de relacionamento que substituam a tradicional como opção de realização... não há fantasia maior, alimentada por contos de fada, desenhos, filmes, novelas e romances, que a felicidade no casamento'' , afirma Jablonski (MENDONÇA, 2004, p.79).

A revolução sexual e os movimentos feministas trouxeram como uma de suas implicações a busca de se fugir da tradição. A própria queda do ideal do patriarcalismo é uma tentativa de se quebrar com o instituído, com o tradicional. Assim, entende-se que a queda nas taxas de casamento possa ser em parte um protesto contra as formas tradicionais de união, buscando-se novas formas de conjugalidade. Na atualidade, com a pluralidade do mundo globalizado, as possibilidades são muitas e a aceitação dessa diversidade talvez permita o retorno das uniões formalizadas, seja no casamento civil, seja no religioso, como possibilidades. E o aumento da idealização dos relacionamentos amorosos muitas vezes traz como parte do sonho da relação ideal, o casamento perfeito, isto é, a cerimônia com toda a pompa que lhe for permitida. Se assim for, as taxas de casamento formal continuarão a subir nos próximos anos, independentemente do aumento das separações conjugais continuar.

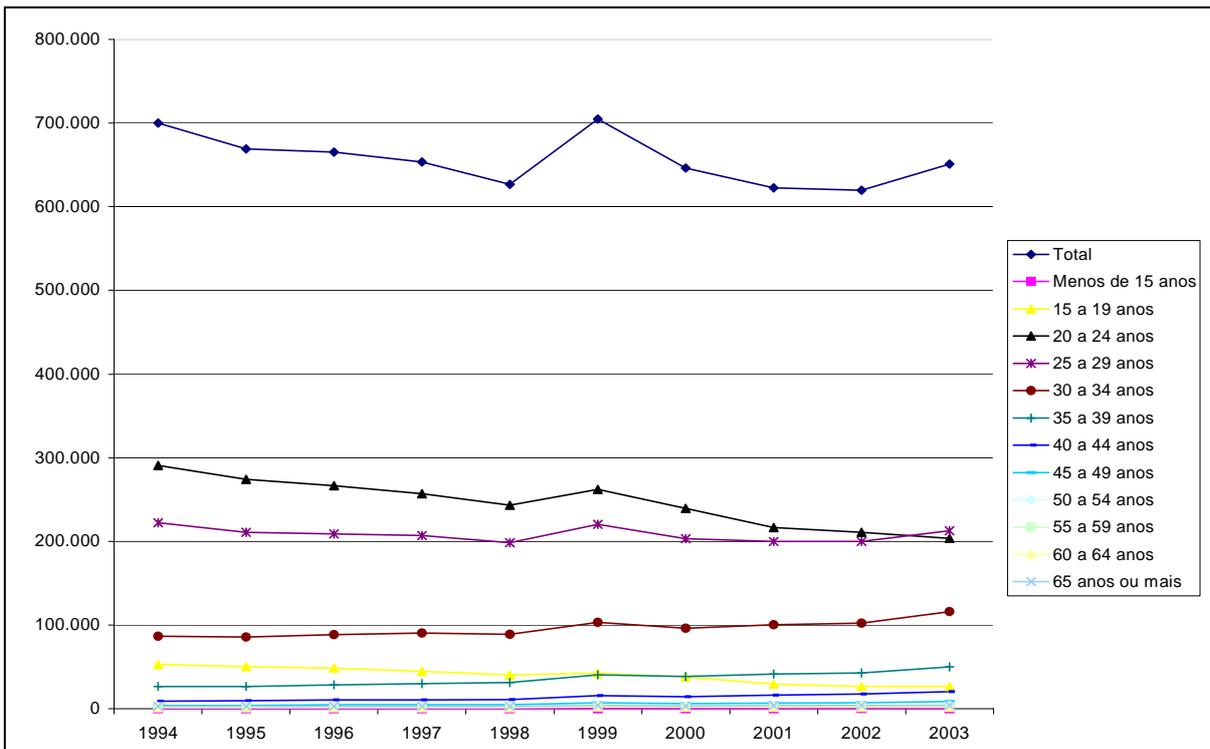


Gráfico 4: Número de casamentos entre solteiros pela idade do homem – 1994-2003
Fonte: IBGE

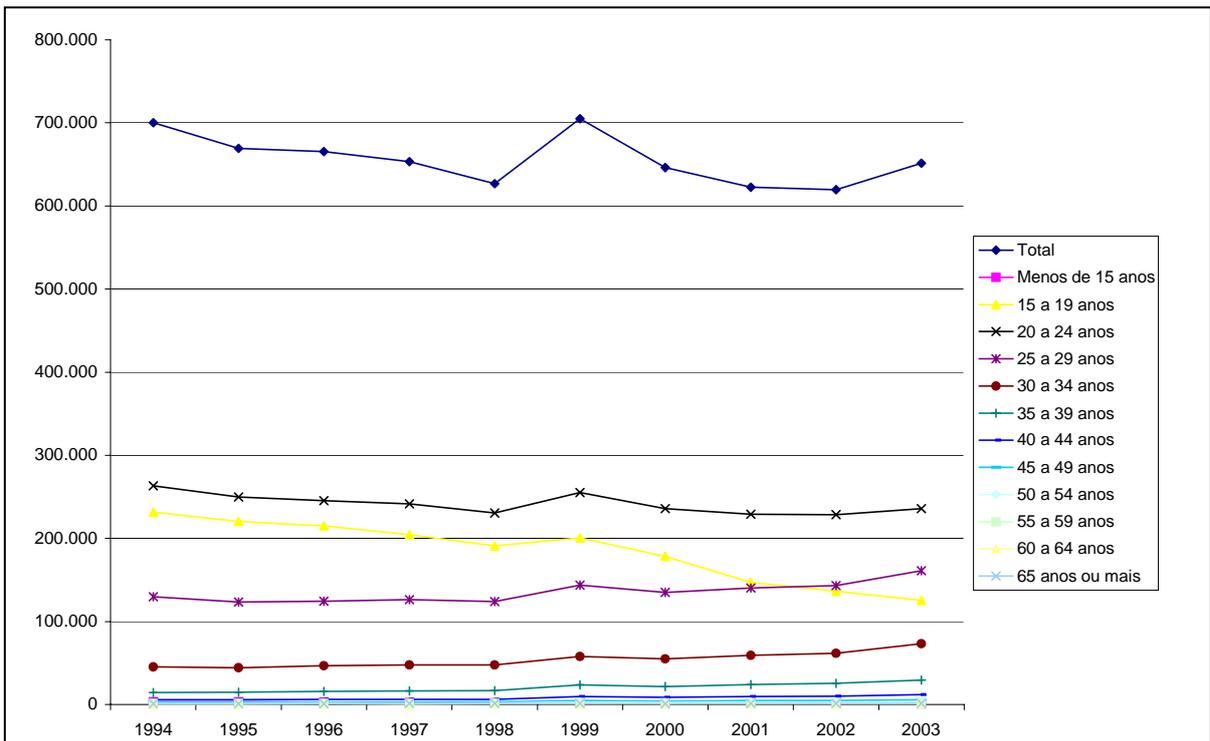


Gráfico 5: Número de casamentos entre solteiros pela idade da mulher – 1994-2003
Fonte: IBGE

Figuras 4 e 5 – Gráficos como ilustração

No espaço de uma década, comparando-se com a década anterior, nos casamentos legais⁷, a média de idade masculina subiu de 27,1 para 30,6 anos e a feminina, de 24 para 27,2 anos. Os brasileiros estão se casando mais tarde e se separando ou divorciando mais. Comparando os anos de 1997 e 2003, pode-se perceber a idade que o homem mais se casa pela primeira vez é entre 20 a 29 anos. Já para as mulheres percebe-se uma mudança. Em 1997, a idade em que as mulheres mais se casaram no Brasil foi entre 15 e 24 anos; já em 2003 essa idade variou entre 24 e 29 anos, o que demonstra que as mulheres tendem a se casar mais tarde do que em períodos anteriores. A alta progressiva nos índices de escolaridade entre as mulheres e seu ingresso no mercado de trabalho podem ser evocados como determinantes do aumento de idade ao casar. Tanto mulheres quanto homens, buscam a realização pessoal, a ascensão profissional, alcançar alguma estabilidade financeira antes de partirem para o casamento. Velho (2001) afirma que a consequência e expressão mais nítida dessas mudanças é a ênfase em projetos individuais. O indivíduo é percebido como o potencial sujeito de sua existência, tendo na construção e desenvolvimento de projetos a possibilidade de realização de sua vida.

Percebe-se, pelos dados fornecidos pelo IBGE (2006), que os estudos estatísticos e demográficos registram dados de uniões e separações formais, ou seja, legalizadas. São dados de importante relevância e que denunciam aspectos do modo de vida contemporâneo, das mudanças que abrangem a vida pública e privada como um todo. Mas para o presente estudo, a questão da formalidade ou não das uniões e separações não se enquadra no centro dos questionamentos colocados. Acredita-se que os aspectos que se busca investigar, ou seja, os efeitos da Modernidade Líquida na conjugalidade e nas formas de lidar com o processo de separação, interferem nas uniões e separações de uma forma global, quer sejam elas,

⁷ Os números acima citados são referentes aos casamentos entre solteiros, ou seja, primeiro casamento de cada cônjuge.

formalizadas ou não. Para a presente pesquisa, as entrevistas foram realizadas com pessoas que se separaram, mas não foi exigido que fossem relações oficialmente feitas e/ou desfeitas.

Os estudos quantitativos que foram apresentados são um ponto de partida para análise dos dados qualitativos que foram coletados para a presente pesquisa. Trata-se de um pequeno grupo de pessoas, na faixa etária entre 25 e 35 anos, da classe média do interior do Estado de Minas Gerais, que vivenciaram o processo de separação conjugal, no fim do primeiro casamento. Todas essas variáveis compõem as peculiaridades do grupo de pesquisa.

Como Bauman pontua, a discussão sobre a Modernidade Líquida e o Amor Líquido diz de uma realidade globalizada, de um mundo fragmentado e que só pode ser descrito dentro de contextos específicos. Assim, buscou-se averiguar, pela pesquisa de campo como as características do mundo líquido afetam as relações amorosas e seus processos de separação, mas não sem levar em consideração os aspectos constitutivos da realidade social na qual a pesquisa se deu. Mas, considera-se, que mesmo que uma cidade do interior do estado de Minas Gerais possa trazer características próprias, as mesmas não comprometem a pesquisa, pois se trata de um mundo globalizado, que sofre, em maior ou menor grau, influência do capitalismo como um todo.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O principal objetivo do presente trabalho é averiguar sobre a existência de novas formas de lidar com a separação conjugal na Modernidade Líquida. Aparentemente, a separação conjugal na atualidade não deixa mais feridas abertas impossíveis de cicatrizar, como eram narradas por pessoas de gerações anteriores. Segundo Barros (2000) e Vainer (1999), dentre outros anteriormente citados, o processo de separação pode ser extremamente difícil de se vivenciar e de se resolver para muitas pessoas. Tal processo de separação pode ser transformado para muitos casais, num processo de degradação do outro, no qual, para esses autores, uma ou ambas as partes envolvidas não consegue elaborar o divórcio psíquico. Como foi visto no primeiro capítulo, a fluidez do mundo líquido se faz sentir tanto na constituição dos laços afetivos e redes de relação humana, quanto na sua dissolução.

Conforme foi especificado, o número os divórcios e separações judiciais aumentou consideravelmente no Brasil nos últimos anos. Ao mesmo tempo, segundo o IBGE (2006) durante vários anos consecutivos, a partir da década de 1970, diminuiu o número de casamentos formais, apesar de que nos últimos anos percebe-se que essa taxa voltou a aumentar e acredita-se que tenha crescido o número de formas alternativas de união.

A contemporaneidade tem trazido novas formas de lidar com a realidade e sendo a conjugalidade permeável a todos os movimentos do contexto social, também se modificou, apresentando novas formas tanto de uniões quanto de separações no contexto da atualidade. Que novas formas de lidar com a separação conjugal a contemporaneidade vem mostrar? Seria possível apontar características da Modernidade Líquida que podem apontar para o fim do casamento, nas suas maneiras formais e informais? Por que são criadas novas formas de

conjugalidade? O aumento do número de separações e divórcios poderia ser interpretado como uma facilidade em desvincular-se do outro ou esse aumento traduz uma dificuldade em estabelecer vínculos, laços afetivos? Apesar do crescente aumento de separações conjugais, as pessoas ainda vivem o processo de separar-se do outro como sendo um profundo e intenso processo de dor e luto?

Em suma, o que se buscou pesquisar foram as mudanças nas formas de lidar com a separação. Que efeitos a Modernidade Líquida traz, especialmente, para a separação conjugal? Como a desvinculação, decorrente do processo de separação conjugal ocorre nessa modernidade?

Para explicar como essas mudanças acontecem e afetam o contexto dos relacionamentos amorosos foi utilizada a leitura sociológica de Zygmunt Bauman que trata do debate sobre a Modernidade Líquida e suas influências sobre os laços humanos. Sua teoria é o analisador central da presente pesquisa, em diálogo com outros autores das Ciências Sociais e da Psicologia. O problema a ser abordado – a influência da Modernidade Líquida no processo de separar-se, nas formas dos indivíduos vivenciarem tal processo - não se encontra exclusivamente delimitado pelo campo da Psicologia, havendo a necessidade de fazer dialogar, de modo interdisciplinar, o saber “psi” com as ciências humanas e sociais, principalmente a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia. Esse percurso é feito pelo próprio Bauman em seus livros. Suas referências bibliográficas ultrapassam, em muito, o campo estrito da sociologia.

A primeira tarefa da pesquisa foi circunscrever teoricamente a Modernidade Líquida, suas características e seus efeitos sobre os relacionamentos conjugais com o objetivo de contextualizar nosso objeto de estudo. Em seguida realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema da conjugalidade e da separação conjugal e sobre estudos das transformações na conjugalidade que culminaram nas formas contemporâneas de relacionamento. Após esse

trabalho inicial partiram para a pesquisa de campo para investigar nosso objetivo central, avaliando-se, concomitante às mudanças sociais na maneiras de lidar com o divórcio, ocorreram também mudanças subjetivas nas formas das pessoas vivenciarem o processo de separação conjugal na Modernidade Líquida.

Assim como Minayo (2003), entende-se que metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. “A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. (MINAYO, 2003, p.16) Partindo dos dados quantitativos encontrados sobre a separação, dados demográficos e estatísticos previamente trabalhados no segundo capítulo, optou-se por um método qualitativo de pesquisa para analisar os dados coletados. Para esta autora, a pesquisa qualitativa procura responder questões muito particulares, se preocupando com um nível da realidade que não pode ser quantificado, correspondendo a um processo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Porém, como a presente pesquisa demonstra, o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõe, podendo mesmo se complementar, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

Segundo Biklen e Bogdan (1994), nem todos os investigadores qualitativos se preocupam com as questões da generalização numa pesquisa. Vários deles estão interessados em estabelecer afirmações universais sobre processos sociais gerais, partindo da idéia de que o comportamento humano não é aleatório, e preocupando-se com a possibilidade de que outros contextos e sujeitos podem se relacionar com os resultados por eles encontrados.

Assim, após tratar das características que marcam a Modernidade Líquida, e do contexto brasileiro que é peculiar à realidade da separação conjugal neste país, através da pesquisa de campo objetivou-se elucidar essas características que são comuns à realidade

brasileira, no contexto das separações conjugais, sem deixar de lado as peculiaridades do grupo de estudo em questão.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após a realização da delimitação do campo conceitual-teórico sobre o tema proposto, num segundo momento partiu-se para a pesquisa de campo. A coleta de dados se deu através da técnica de entrevistas individuais semidirigidas com pessoas que vivenciaram o processo de separação conjugal, se constituindo de 08 questões previamente elaboradas. Segundo Minayo (2003) a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, se inserindo como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

A escolha das pessoas se deu aleatoriamente, respeitando a delimitação do grupo. Previamente, foi estipulado, que o grupo de investigação deveria ser composto por 04 homens e 04 mulheres, que tivessem vivenciado uma união heterossexual, uniões estáveis, formalizadas, ou não, não importando a duração do relacionamento, mas que fosse a primeira união conjugal de ambos os cônjuges, que o casal tivesse pelo menos dois anos de separação e que as pessoas tivessem na época da coleta das entrevistas entre 25 e 35 anos de idade, sendo todas pessoas de classe sócio-econômica média. Tal delimitação da faixa etária se justifica por considerarem que pessoas mais jovens poderão trazer de forma mais evidente as características da Modernidade Líquida. Conforme foi mencionado, a escolha das pessoas a serem entrevistadas seria feita de maneira aleatória, com pessoas da cidade de Itaúna, município situado no interior do estado de Minas Gerais. Importante ressaltar ainda, que todos

os entrevistados haviam se separado de sua primeira união conjugal, fazendo parte das estatísticas das uniões entre solteiros.

Para a coleta de dados, as pessoas foram contatadas com meses de antecedência, no período em que se desenvolvia a pesquisa teórica e conceitual. Neste primeiro contato, se mostraram solícitas e abertas a participarem da pesquisa. Chegado o momento de coletar as entrevistas, novo contato foi feito com as mesmas pessoas e para nossa surpresa somente uma de dez pessoas se dispôs a conceder a entrevista. Não houve uma recusa explícita por parte das mesmas, elas iam adiando o encontro, desmarcavam, não compareciam. Diante disso, decidiu-se por procurar duas vezes por cada uma delas, caso não se obtivesse êxito, partir-se-ia para novos contatos. A partir da primeira entrevistada, foi-se compondo outro grupo de pessoas. A primeira mulher entrevistada indicou outras duas, que, por conseguinte indicaram mais uma, e foi desta forma que o grupo se refez. Já nesse segundo movimento de busca de fontes, as pessoas eram contatadas, a entrevista era marcada pra o mesmo dia e realizada na residência do entrevistado (a). Considerou-se que o fato da pessoa ser entrevistada num ambiente que é seu poderia trazer certo conforto, maior desembaraço para tratar de um assunto que era íntimo e provavelmente delicado para elas. Biklen e Bogdan (1994) acreditam que a presença do investigador pode modificar o comportamento das pessoas entrevistadas, e que o investigador deve tentar interagir com os sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. Assim, tentou-se efetuar as entrevistas de maneira mais semelhante a conversas informais.

Situando o presente estudo na classe social média, observa-se a necessidade de delimitação do significado do termo. Amplamente utilizado pelo senso comum e pela mídia, a definição em questão se apresenta extremamente complexa na esfera acadêmica. Romagnoli (1996) examinando a relação entre a problemática da modernização e sua relação com a camada média, evidencia que este segmento social se mostra extremamente suscetível ao

processo em questão, por causa de suas peculiaridades. Do ponto de vista econômico, o crescimento deste setor está diretamente relacionado com o crescimento do mercado, isto porque na busca incessante de ascensão social, a classe média gira em torno da classe alta, tentando sempre reproduzir seus estilos e comportamentos, sendo que suas aspirações são essencialmente consumistas, revelando um ímpeto de gasto que, na maioria das vezes, está além de seus recursos. No plano cultural a ideologia individualista aparece como expressão de modernidade em suas diferentes manifestações e contextos, tornando as famílias da camada média diretamente afetadas pelo dilema da permanência e da mudança, servindo como modelo ideal para as camadas baixas da sociedade.

Conforme foi visto anteriormente, o processo de modernização da família resulta da metamorfose dos ideais e das identificações, possibilitadas pelo enfraquecimento das categorias tradicionais e a criação de categorias modernas, levando à desterritorialização e desarticulação das identidades do sujeito, que passa a se basear numa ideologia igualitária. As diferenças pessoais nesse contexto, entre os membros da família são enfatizadas, porém servindo apenas de pano de fundo para a igualdade destes membros enquanto indivíduos.

Segundo Figueira (1987) as famílias contemporâneas das camadas médias urbanas no Brasil, vivenciam uma tensão permanente, exatamente porque a transmutação das visões de mundo e dos códigos de emoções relacionadas com a tradição e com o moderno, não se dá na forma de uma seqüência evolutiva regida pelo princípio da exclusão, mas acontece na forma da coexistência dos mesmos. Ou seja, a vida moderna com seu modo de vida não excluiu os modelos tradicionais, anteriormente existentes, e ambos os modelos coexistem na vida contemporânea lado a lado. Outro aspecto importante, segundo mesmo autor, faz parte desse movimento dinâmico e conflituoso se deve do fato de que a rapidez das mudanças sociais é inversamente proporcional à lentidão dos processos subjetivos.

Assim, como afirma Romanelli (1995), as relações de trabalho, de convivência, de autoridade entre tantos outros podem ser ordenáveis segundo o padrão hegemônico ou então podem ser redefinidas no curso da vivência doméstica, o mesmo ocorrendo com as relações afetivas, cuja expressão é organizada e canalizada por modelos culturais próprios de cada camada social. As relações familiares podem se tornar conflituosas diante da emergência de anseios e vontades individualizadas que com frequência colidem com aquilo que é qualificado como interesse coletivo ou do grupo. A emergência de modalidades de condutas alternativas no plano afetivo entre os membros da família não se distribui de modo uniforme entre as famílias das diferentes camadas sociais.

Como ocorre com a redefinição da divisão sexual de trabalho, a adoção de novas práticas afetivas tende a ser mais comum entre os segmentos das camadas médias, portadores de escolarização superior e mais propensos à incorporação de formas alternativas de conduta nas relações domésticas. (ROMANELLI, 1997, p.79)

Singly (2001) afirma que em suas pesquisas foi possível descobrir que os indivíduos que mais reivindicam a fusão, ou seja, relações de grande proximidade, pertencem aos meios populares. E, ao contrário, os indivíduos mais dotados de recursos sociais e culturais defendem mais a autonomia. Os membros das classes médias e superiores têm “alternativas de identidade social” que entram em concorrência com “os papéis e os *status* ligados à situação matrimonial”. A homogamia inicial entre parceiros – mesmo nível escolar, mesma origem social – só antecipa uma das coisas em jogo no casamento, a reprodução das classes sociais; não se pode esquecer que a reprodução dos sexos ou dos gêneros, pode produzir progressivamente uma heterogamia. Mesmo que a união do casal a princípio reproduza padrões sócio-culturais, esta união pode se desdobrar em novas formas de lidar com a realidade, que não as inicialmente reproduzidas. Já, Velho (2001) afirma que nas camadas médias brasileiras, novos tipos e ênfases aparecem nos ideários individualistas

contemporâneos. Projetos pessoais de enriquecimento e ascensão social multiplicam-se em vários setores das camadas médias. Os indivíduos transitam e atuam por entre eles, desempenhando papéis diferenciados e, eventualmente, contraditórios. O universo de família e parentesco é um desses domínios.

A estrutura da entrevista semidirigida tinha 08 perguntas previamente elaboradas (Apêndice A). A proposta de sua estrutura era que o entrevistado falasse da história de seu relacionamento conjugal, começando pelo namoro, pela convivência, a decisão de viverem juntos e quais as expectativas diante da relação para então passar à vivência do processo de separação. Nesse ponto, questionou-se sobre o que desencadeou o fim do relacionamento, sobre a vivência de um período de crise conjugal, decisão e iniciativa de separação e como foi vivenciado o processo de separação. Os entrevistados foram também inquiridos sobre pontos positivos e negativos da conjugalidade, sobre sua responsabilidade pelo fim da relação e por último foram questionados sobre a percepção que têm atualmente a respeito de toda essa vivência. Pareceu difícil abordar as questões da separação conjugal sem tratar de questões referentes à própria conjugalidade, primeiro porque diz de uma história subjetiva, e segundo porque abordar a vida conjugal requer tocar em esferas íntimas, pressupondo que se tratava de um terreno delicado. Considerou-se que possivelmente fosse mais fácil relatar as vivências boas, de namoro, casamento juntamente com as dificuldades que levaram à separação do que tratar diretamente da crise conjugal e rompimento amoroso. Acredita-se na complexidade das situações e deste modo tentou-se descrever suas variadas dimensões, sem restringir o campo de análise.

As entrevistas foram gravadas e transcritas e também foi feito uso de um caderno de campo, que auxiliou na anotação de impressões pessoais, de dados da realidade que foram sendo possíveis observar no decorrer de todo o trabalho, em cada uma de suas fases. Uma preocupação se fez presente no decorrer de toda a realização de nossa pesquisa, os efeitos que

a subjetividade do pesquisador podem ter nos dados encontrados. Biklen e Bogdan (1994) afirmam que o investigador passa uma quantidade de tempo considerável no mundo empírico e os dados carregam o peso de qualquer interpretação. Desse modo o investigador tem de confrontar constantemente suas opiniões e preconceitos próprios com os dados encontrados. Assim, deve haver sempre a preocupação em reconhecer e tomar em consideração seus próprios atravessamentos, como forma de lidar com eles. Uma vez que o objeto de pesquisa desse trabalho são seres humanos, que por razões culturais, de classe, de faixa etária entre outros, tinha um substrato comum de identidade com o investigador, ambos, objeto de pesquisa e pesquisador, tornam-se solidariamente imbricados e comprometidos. Os autores acima citados, parafraseando Levi Strauss, afirmam que “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação” (BIKLEN e BOGDAN, 1994, p.14).

3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O grupo pesquisado foi finalmente composto por 05 mulheres e 03 homens dentro das delimitações previamente estabelecidas. Os entrevistados tinham na época das entrevistas entre 25 e 36 anos de idade, sendo que somente um deles não cursou uma faculdade. Percebe-se assim, nesta amostra, uma tendência entre as pessoas de formarem pares dentro de uma mesma classe social, neste caso, com mesmo nível cultural. A questão de concluir um curso superior foi muito valorizada na fala dos entrevistados. Tinham, na data que se casaram entre 17 e 27 anos de idade, sendo que somente uma das mulheres não formalizou a união, os demais se casaram no civil e no religioso.

O tempo de namoro variou entre 2 anos a 11 anos, somente uma entrevistada teve um namoro mais curto, que durou 2 meses e meio. Em pesquisa realizada por Féres-Carneiro (2001) constatou-se que os homens e as mulheres mais jovens estão vivenciando a escolha amorosa como algo que requer uma construção e um investimento paulatino privilegiando o tipo de escolha lenta, construída gradativamente.

Cinco entre os oito entrevistados decidiram se casar após estarem grávidos, e na época da entrevista somente duas mulheres não tinham filhos da relação em questão. De acordo com pesquisa da FGV (2006) o aumento de casamentos entre os jovens pode ser creditado à liberalidade sexual, que os obriga a casar em caso de gravidez. Os entrevistados da presente pesquisa tinham um longo tempo de namoro, mas não quer dizer que tinham planos de se casarem, o que veio a acontecer por causa da gravidez. É possível questionar sobre a importância do planejamento para a durabilidade dos relacionamentos. Mas em tempos de falta garantias e segurança para as relações humanas, o planejamento poderia se constituir como fator de durabilidade de uma relação amorosa?

A duração do relacionamento, considerando aqui somente a fase do casamento, variou entre 1 ano e 3 meses a 6 anos e os indivíduos tinham no período em que se separaram entre 21 e 29 anos de idade.

Foi escolhida para analisar os dados coletados em campo, a técnica de análise de conteúdo descrita por Bardin (1988), privilegiando-se a análise qualitativa das entrevistas gravadas e transcritas. Para Turato (2003) provavelmente a análise de conteúdo seja a mais usual abordagem analítica de dados em investigações com métodos qualitativos. Dessa forma pode ser entendida como sendo uma técnica de pesquisa objetivando a descrição sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Pode ser definida como sendo a

Explicitação do sentido contido num documento e/ou o modo em que pode ser transformado com finalidade de oferecer um significado, tendo em conta palavras pré-escolhidas pelo locutor, frequência de recorrência de certos termos, aparato e andamento do discurso. (TURATO, 2003, p.440)

Porém o autor faz uma ressalva e sugere que o pesquisador avance no uso da técnica passando do estágio meramente descritivo para as chamadas inferências, com o objetivo de se fazer uma discussão/interpretação dos resultados encontrados. Assim, depois de transcrever o material colhido nas entrevistas, foram realizadas leituras flutuantes e somente num segundo momento se partiu para a categorização do material. Optou-se pela análise de conteúdo temática na qual, os recortes são feitos por unidades de sentido, que são unidades de significação a serem interpretadas.

Ao formular o roteiro para a entrevista semidirigida algumas das categorias estavam implícitas e outras explícitas nas questões. Já outras surgiram após a compilação dos dados coletados. Algumas categorias se desdobraram em subcategorias. A escolha das categorias para análise foi feita, sustentando-se em dois princípios importantes que são sua repetição e sua relevância presentes nos discursos dos entrevistados. As categorias escolhidas para a análise foram: idealização do relacionamento; conciliação de projetos individuais e projetos comuns; sexualidade; vivência das fases da separação; fatores que levaram à separação; responsabilidade pelo fim do relacionamento; influências externas na maneira de lidar com a separação conjugal. Os sujeitos da pesquisa foram identificados por letras referentes aos gêneros (M ou H) e numerados.

O quadro a seguir traz dados para uma melhor caracterização do grupo de entrevistados, a fim de trazer uma melhor compreensão ao longo da apresentação e discussão das perspectivas encontradas em campo.

| Caracterização do Grupo de Entrevistados | | | | | | | |
|--|-------|----------|----------------|------------------------|--------------------|---------------------------|--------------------------|
| Informante | Idade | Escolar. | Duração Namoro | Duração Relacionamento | Idade na separação | Casamento Formal/Informal | Tem filho relacionamento |
| M1 | 30 | 3ºG C. | 5 anos | 2 anos | 29 | Formal | Sim 1 |
| H2 | 31 | 2ºG C. | 2 anos | 6 anos | 28 | Formal | Sim 2 |
| M3 | 28 | 3ºG C. | 11 anos | 1 ano 3 meses | 27 | Formal | Não |
| H4 | 32 | 3ºG I. | 3 anos | 3 anos | 29 | Formal | Sim 1 |
| H5 | 36 | 3ºG C. | 6 anos | 5 anos | 28 | Formal | Sim 1 |
| M6 | 22 | 3ºG C. | 2 anos | 3 anos | 21 | Formal | Sim 1 |
| M7 | 28 | 3ºG C. | 3 meses | < 2 anos | 26 | Informal | Sim 1 |
| M8 | 25 | 3ºG C. | <2 anos | 3 anos | 22 | Formal | Nao |

Figura 6: Quadro como ilustração

3.2.1 Idealização do relacionamento

A primeira categoria diz respeito à idealização do relacionamento trazido pelos entrevistados. Percebe-se um grau elevado de expectativas sobre o casamento e sobre o companheiro (a). Busca-se a perfeição, a felicidade completa, uma relação sem brigas e sem problemas. Nesse sentido, há uma busca ilusória de um par que venha trazer a completude, e que para isso deve ter muitas qualidades. O casal perfeito é aquele que pensa as mesmas coisas, que deseja e tem os mesmos planos e as diferenças alheias são sentidas como problemas, enfim pensa-se a boa conjugalidade como o encontro perfeito da “pessoa certa”.

M1: ... O casamento pra mim era o que? Era casar e, ter aquela, tipo assim, eu queria viver bem com aquela pessoa, eu queria que aquela pessoa fizesse parte da minha vida, né, assim, vamos colocar, até o resto da minha vida. Eu tinha essa idéia a respeito de casamento e queria que ele compartilhasse sempre comigo dessas coisas... a gente sempre foi muito diferente um do outro, sabe, sempre eu desejava alguma coisa, ele queria outras coisas. Nosso relacionamento não batia os interesses, sabe. Às vezes eu tinha uma, eu não sei se era uma idealização, uma fantasia em torno do casamento, eu pensava de uma forma, eu queria que ele estivesse do meu lado...

H2: Ah, eu acho que ponto negativo não tem. É só quando não é a pessoa certa. Acho que se não dá certo porque não era a pessoa certa, se fosse não acabava.

Para Sarti (1995) no mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda de sentido da tradição, por isso houve uma diminuição de casamentos a partir da década de 1970. Mas com a falta das garantias e da segurança que a tradição e os antigos paradigmas traziam para a humanidade o centro das atenções passou a ser os relacionamentos. Na atualidade há uma tendência no aumento das taxas de casamento, fato que pode ser atribuído, entre outros fatores, ao aumento da idealização. Não existem garantias e quanto mais aumentam as inseguranças da vida pós-moderna mais aumenta a expectativa em cima de uma realização a partir dos relacionamentos amorosos.

Bauman (2004) afirma que diante da falta de garantia de permanência, a afinidade ganha peso nas relações amorosas e junto dela ganha força o ideal de completude, onde o que se espera é encontrar alguém que tenha os mesmos gostos, sonhos, atitudes, pensamentos. Nessa vertente de pensamento só não se pensa nos defeitos do par, nem nos próprios e nesse sentido, o par perfeito seria, pelo menos num primeiro momento, o espelho um do outro.

Diante da importância em se conseguir um relacionamento perfeito, a questão da escolha ganha peso para ambas as partes. Não somente pelo significado que o amor assumiu nas relações, das conquistas dos movimentos feministas e da proporção que o individualismo vem assumindo nas relações. A questão da escolha do par ganha peso também porque se

busca encontrar o par perfeito. Pereira (2003b) numa leitura psicanalítica aponta que a falta é estrutural no ser humano, enquanto sujeitos desejantes e por isto mesmo algo sempre faltará. Paradoxalmente, é exatamente isso que traz motivação para viver: desejar o que não se tem. Desta forma a busca pela completude também é inerente ao ser humano. Nesse sentido, a busca do par perfeito vai de encontro com os anseios de ser completo, sem falhas. Mas, se uma das características básicas do humano é a falta, é um erro pensar que se pode atingir a completude. Ainda segundo Pereira (2003a) é possível afirmar que se o que motiva o ser humano a viver é desejar o que não tem, com isso, ganha o mundo do consumo.

Na questão da idealização, a importância da escolha do par conjugal merece atenção na presente discussão dos resultados encontrados. Como foi visto anteriormente, poder escolher com quem irá se casar ou ter uma vida conjugal é um ponto favorável, permitindo uma ligação entre convivência conjugal, amor e sexualidade. Antigamente, os casamentos aconteciam por arranjos que deviam favorecer a família, ao grupo socioeconômico aos quais os noivos pertenciam. Então, nesse sentido, a livre escolha do parceiro amoroso é um ponto positivo na relação. Mas na sociedade de consumo, as pessoas vivem diante do imperativo de consumir, imperativo que para Bauman (1999b) aparece disfarçado de “livre exercício da vontade”. Até onde há o exercício da livre escolha nas relações humanas? O que se acredita ser a livre escolha no relacionamento, pode ser em muitos casos, pura repetição de um padrão que é ditado pela sociedade, de um modo de vida que é dominante.

O que se pode constatar nos relacionamentos do mundo contemporâneo é que há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma super-exigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação. Calligaris (1994) afirma que o drama dos relacionamentos contemporâneos é que desde que o amor e o desejo passaram a fazer parte do quadro da conjugalidade, as pessoas se tornaram

intolerantes ao fato de que eles não se realizem perfeitamente. Essa intolerância à imperfeição, segundo este autor, dói mais que a própria impossibilidade de amor e sexo.

No grupo de entrevistados, além da importância de se constituir a relação perfeita, apareceu, como se pode constatar nas falas acima citadas, o ideal do “para sempre” nas relações. O fato de os entrevistados morarem numa região que tende a conservar aspectos tradicionais, no interior do estado de Minas Gerais, pode ser determinante nesse tipo de crença. A aceitação a princípio, de que o relacionamento pode não durar, parece não fazer parte do imaginário dessas pessoas. Na Modernidade Líquida, apesar de as relações humanas serem efêmeras, assim como as relações do mercado consumista, as pessoas ainda se casam acreditando que será uma relação do tipo “até que a morte nos separe”.

A questão da formalização do casamento, ou seja, se eram pessoas casadas no civil e/ou no religioso não era um aspecto exigido para caracterização da composição do grupo de entrevistados. Mas foi possível perceber ao longo das entrevistas que as pessoas ligam a questão da formalização com a idéia de amor, como se quando duas pessoas se amam devem se casar como “manda o figurino”, como disse uma das entrevistadas. A função do sentimento “amor” é basicamente a busca da felicidade advinda da qualidade dos relacionamentos. Que o amor faça parte do ideal de casamento perfeito é fato, mas a formalização do relacionamento tem ganhado importância novamente na atualidade. Novamente, porque como foi visto na discussão histórica da conjugalidade e da separação, até meados da década de 1970, a formalização dos relacionamentos entre homem e mulher eram imprescindíveis para a aceitação social, fazia parte da tradição. Com a queda do sentido da tradição, a importância do casamento “no papel” e/ou diante de Deus, foi diminuindo. Mas na atualidade volta a ganhar força, não por questões tradicionais, mas porque passa a fazer parte do grande ideal de uma união perfeita. A perfeição começa no enlace.

A formalização da relação aparece também na fala dos entrevistados com a idéia de ser um peso, uma cobrança forte no sentido de que tenha que dar certo. Somente uma das mulheres não tinha um casamento formal e isso parecia ser algo que pesava para ela, pois relatou, dentre outros fatores, não se sentir casada, não sentir que o companheiro a assumia de verdade. Mas para fins de separação, duas pessoas mencionaram que quando não se formaliza a união é mais fácil separar. Na Modernidade Líquida, os laços amorosos devem ser frouxamente atados para que possam ser mais facilmente desfeitos.

Ainda que a diferença entre a perspectiva masculina e a feminina não fosse objeto de pergunta direta no roteiro, as entrevistas evidenciam marcadas diferenças nesse quesito que merecem serem discutidas numa subcategoria à parte.

Foi possível constatar diferenças nos modos de homens e mulheres conceberem a relação perfeita. Os homens associam a idéia de casamento que dá certo à família unida, criar os filhos juntos, prevalecendo a idéia de família nuclear, pai, mãe e filhos.

H2: Eu acho que eu esperava o que todo mundo espera. Acho que ninguém se casa achando que não vai dar certo, que vai acabar. No fundo a gente quer que dure para sempre. Eu queria poder ficar perto das minhas filhas, criar a família, essas coisas. Mas acho que isso não é pra mim, sei lá.

H5: É, a gente espera sempre, principalmente o exemplo que eu, que eu tenho dentro de casa, do meu pai e da minha mãe, em questão de família é muito forte, de ser uma família... o sonho de família, ter uma esposa, ter um filho, tudo direitinho! Eu tinha sempre o sonho de família, referência de família...

As mulheres esperam um príncipe encantado num relacionamento onde o importante é o amor romântico, a paixão.

M6: Eu queria o que toda mulher quer, né? Casar, com o príncipe encantado e queria que durasse para sempre. Claro que eu não pensava que não ia dar certo. Ainda mais que eu era muito apaixonada por ele, eu queria que desse certo pro resto da vida. A gente não pensa em ter filho, casar e depois separar. Criar minha filha sozinha, assim, longe do pai.

M7: Eu, esperava um príncipe encantado sem meias palavras, não dele, mas de um casamento, entendeu? E a partir do momento que eu me vi casada, mesmo que por causa da gravidez, eu achei, eu achava que ele sentia o que eu senti, que a gente tinha que tentar fazer um ser o amor do outro, mesmo que ainda não fosse, mas tinha que tentar... Eu me apaixonei assim ... com a loucura de achar que ele ia ser o meu príncipe encantado, ele ia querer ser o meu príncipe encantado, entendeu? Como eu queria ser a Cinderela dele.

Em pesquisa com casais da classe média carioca, Féres-Carneiro (1998) constatou que a maioria das mulheres definiu casamento como "relação amorosa", enquanto todos os homens definiram casamento como "constituição de família". Estes resultados, segundo a autora, podem explicar, em parte, o fato de a demanda de separação conjugal apresentar-se como predominantemente feminina, como a presente pesquisa também constatou. Para as mulheres, quando a relação conjugal não vai bem, sobretudo na sua vertente amorosa - admiração, intimidade e relacionamento sexual - a separação conjugal parece inevitável, tendo em vista que, para elas o casamento é sobretudo "relação de amor". Para os homens, entretanto, que definem o casamento como "constituição de família", o fato de a relação amorosa não estar bem não é suficiente para justificar o fim do casamento.

Somente uma das entrevistas não apresentou a idéia de esperar um relacionamento que durasse para sempre, que fosse amor eterno, mas não escondeu sua surpresa diante da rapidez que esse sentimento de amor, tão idealizado, acabou.

M8: ... eu nunca pensei assim, casamento pro resto da minha vida, até eu morrer, eu nunca fui assim não, mas eu não achava que fosse ser tão rápido, o amor, passar por aquela paixão, com aquela coisa toda, e depois já começava a brigar e na mesma hora eu mesma já pedi a separação...

3.2.2 Projetos individuais e projetos comuns

A pergunta sobre projetos individuais e projetos em comum tinha por objetivo descobrir como os casais administram as duas demandas. No capítulo 2 foi visto que constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve garantir o crescimento e o desenvolvimento de cada indivíduo, por outro, existe a necessidade de se vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

O que mais aparece na fala dos entrevistados como sendo projeto comum ao casal é a programação de ter filhos ou a compra de um imóvel, que acaba sendo para os filhos quando ocorre a separação conjugal. No mais, o que prevalece é uma despreocupação em se ter projetos a médio e longo prazo, importando mesmo a vivência do momento presente. Ribeiro (2000) afirma que há uma dificuldade em se conciliar um projeto comum com o individualismo, e mais ainda, de formular projetos comuns a longo prazo. O imaginário que povoa as relações não descarta a idéia de segurança, de compartilhar a vida, mas sem renunciar a liberdade.

Assim, Hobsbaum (1992) denomina de presentismo, o processo no qual a nova sociedade que emerge não destruiu o que herdou da antiga sociedade, mas adaptou de forma seletiva a herança do passado para uso próprio. Por isso, nas relações amorosas, vive-se o presente, porque a expansão da individualidade dificulta, embora não impeça, um planejamento comum para o futuro. Esta situação estimula o desenvolvimento de uma concepção de amor e casamento diversa daquela segundo a qual as duas individualidades se complementavam numa singularidade, formando um casal. Na conjugalidade da Modernidade

Líquida há uma dificuldade em se conciliar os projetos comuns com o individualismo, e mais ainda, de formular tais projetos a longo prazo.

H2: A gente trabalhava, os dois, conseguimos comprar o apartamento pra elas (as filhas). A gente não tinha essa coisa de planejar não. Era mais viver o momento mesmo, cada fase. E eu sempre fiz coisas que eu gostava... Agora, ela até fazendo faculdade à noite.

M6: A gente pensava em ficar junto, criar nossa filha... Mais era assim mesmo, acho que a gente pensava em crescer, assim, cada um, que aí a família ia dar certo. Mas não tinha muito essa coisa de viajar, planos a longo tempo, era mais o presente mesmo.

Diante da questão colocada sobre como os casais conciliam seus projetos individuais e comuns aos mesmos, apareceram distinções nas formas dessa conciliação entre os pares das relações. As mulheres afirmam que muitas vezes colocam em segundo plano seus projetos individuais, principalmente em relação à carreira profissional em função de cuidar do marido, filhos e casa, o que não acontece com os homens.

Algumas mulheres relatam que se sentiam sobrecarregadas ou anuladas por terem deixado de lado seus projetos individuais para se dedicarem ao lar, à família. Este tipo de fala não aparece nas entrevistas dos homens que afirmam terem dado continuidade em seus projetos, em suas atividades preferidas desde sua época de solteiros, após o casamento, dado comprovado pela fala das mulheres.

M1: Eu, é, tava numa fase onde que eu tava buscando alguma coisa em relação a minha profissão, mas aí, quando eu casei, eu me anulei, tipo assim, eu deixei de buscar, eu deixei de viver a minha profissão em função dele... eu me anulei... pra mim ficar a mercê... E com isso eu fui me perdendo, tipo assim, eu me sentia inútil, eu não me sentia bem...

Conforme se discutiu em Castells (1999) e em Badinter (1986) o patriarcalismo permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e

à cultura, exercendo assim sua autoridade de várias e disseminadas formas. Dessa forma, a supremacia masculina é apresentada como a mais antiga e básica forma de dominação. Sem sombra de dúvida, as sociedades ocidentais passaram por inúmeras transformações e avanços nesse sentido. Mas ainda na atualidade a igualdade entre os gêneros em muitos casos, é antes de tudo, mais um princípio do que uma prática, pois em muitos casais, como as falas evidenciam, as mulheres deixam de lado suas aspirações pessoais, profissionais, mesmo que temporariamente, para se dedicarem ao lar e à família, o que não ocorre com os homens.

As mulheres entrevistadas, sem exceção, buscaram concluir um curso superior e trabalhar fora de casa. Sabe-se que o trabalho é importante para a mulher primeiramente por ser condição de autonomia e oportunidade de um desabrochar pessoal que não consegue mais encontrar somente no lar. A realização pessoal tornou-se imprescindível para essas mulheres, independentemente se iriam continuar no relacionamento amoroso ou não. Mas a tão falada dupla jornada, na qual a mulher trabalha fora e cuida do lar e dos filhos, apresentou-se, nesta pesquisa, como dura realidade.

M7: Ele se deu por satisfeito de cumprir a obrigação de ter me dado abrigo, entendeu? Então a minha, minha frustração, foi a de ter casado sem ter casado, porque eu não me sinto casada. Eu tive as obrigações de um casamento, de ter que ficar só com ele, de ter que dividir uma cama, de ter que lavar, passar, cozinhar, mesmo que eu tivesse empregada, mas eu tinha que manter uma casa e ele, eu não tive nenhum retorno, a não ser nesses 3 meses, que eu tinha meu emprego, que realmente foi muito bom.

Monteiro (2001) trata da existência de um tipo especial de famílias de dupla renda, denominado casal de dupla carreira, no qual cada cônjuge tem sua carreira própria. Os casais de dupla carreira têm como principais características - além das peculiaridades individuais de cada cônjuge - os acordos estabelecidos entre estes em relação à sua subsistência financeira, a negociação de fronteiras em relação às famílias de origem, aos amigos, ao trabalho; a criação

de novos padrões de relacionamento com atores sociais circundantes; a conciliação de expectativas divergentes de cada pessoa e o estabelecimento de estilos comuns aos parceiros no que diz respeito ao processamento de informação, ao relacionamento com parentes e às regras no intercâmbio de afeto. Segundo Monteiro (2001) esse tipo de casal tende a ser cada vez mais dominante no mundo contemporâneo. Nesses casos, para que o vínculo conjugal possa ser mantido, deve haver o empenho de cada cônjuge em desenvolver estratégias de conciliação da profissão com o relacionamento afetivo, e ainda com a distribuição das tarefas da casa, bem como o cuidado dispensado aos filhos. O autor afirma ainda que nos casais de dupla carreira, nenhum dos esposos está disposto a subordinar as expectativas do trabalho às expectativas familiares.

O relato das entrevistadas demonstra haver aspirações de que gostariam que seus relacionamentos pudessem se configurar dessa forma. Segundo Ribeiro (2000) o novo respeito conferido à mulher significa também riscos, dentre os quais, o de romper-se a relação. Tanto o homem quanto a mulher, são agora, indivíduos, dotados de poder de escolha, escolha de permanecer ou não na relação conjugal. A segurança de durabilidade, de indissolubilidade não faz mais parte do cenário conjugal como já fizeram no passado. O que a fala das entrevistadas explicita também é um certo descontentamento com a função unilateral de cuidar da casa, dos filhos, das tarefas do lar. Tais tarefas não trazem satisfação nem realização para essas mulheres. Bauman (1998) aponta que a liberdade individual é na atualidade o valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados e a referência pela qual a sabedoria acerca de todas as normas e resoluções supra-individuais devem ser medidas. Assim, a valorização dos projetos individuais, não só por mulheres, mas também pelos homens, é muito maior que a valorização de projetos em comum ao casal, à família.

M7: Os projetos assim, eu queria continuar a minha carreira, é, como eu estava, eu já tinha alguns anos de formada, eu queria continuar de onde eu parei porque minha gravidez foi tumultuada... ficar só cuidando de casa, criança tava me esgotando, tava sem auto-estima... e os meus sonhos eram os meus sonhos e assim, quando eu falava, ele às vezes criticava, que eu sonhava alto e realmente sonhava, mas 1 ano depois, hoje, eu alcancei todos eles, então não eram tão altos.

O ideal para o casal da Modernidade Líquida seria, como nos aponta Singly (2000), “ser livre juntos”. Uma alternância entre um “eu sozinho” e um “eu com”, nem o fechamento egoísta sobre si nem a dedicação excessiva ao outro. Mas na prática, como já foi apontado, existe a dificuldade em se conciliar as individualidades e a conjugalidade, apesar de que em alguns momentos, alguns casais consigam essa conciliação.

M7: Não, nós chegamos a ter (projetos comuns) na mudança pra Campinas, porque aí ele preocupou com a minha carreira, ele preocupou comigo e as minhas amizades”... Então assim, eu não punha problema pra ele, eu resolvia os problemas pra ele porque a vida dele já era um grande problema porque ele já não tinha maturidade pra nada. Não adiantava, eu não teria, ele nunca foi um companheiro, nunca... Os projetos assim, eu queria continuar a minha carreira... O único sonho que ele tinha era de algum dia o pai dele quisesse trabalhar... e os meus sonhos eram os meus sonhos e assim, quando eu falava, ele às vezes criticava, que eu sonhava alto e realmente sonhava, mas 1 ano depois, hoje, eu alcancei todos eles, então não eram tão altos.

M8: ... quando eu passei na faculdade, ele ficou muito feliz, me ajudava muito, é, me dava o maior apoio. Eu também era louca pra ele fazer vestibular, aí convenci ele, passou, inclusive, só que depois ele não quis continuar, também eu deixei ele do jeito que ele quis, mas assim, sempre me apoiou muito, eu também sempre apoiei ele muito, muita coisa.

Nos relacionamentos da atualidade, há uma ênfase nos projetos individuais, em detrimento dos projetos em comum do casal. Os casamentos antigos, muitas vezes, se sustentavam às custas da individualidade de ambos, ou na maioria das vezes, somente da mulher.

3.2.3 Sexualidade

Uma categoria de grande importância quando se trata da conjugalidade é a sexualidade, que tem relevância nos diferentes momentos da vida do casal, de diferentes formas. Um primeiro dado importante que foi possível observar sobre essa categoria, é que a sexualidade no casamento tem peso diferencial para dizer se a relação é boa, se vai bem ou não. Quando os entrevistados relatavam sua satisfação na vivência sexual, ligavam tal êxito ao fato de existir amor entre os pares do relacionamento. Bozon (2001) aponta para o fato de que no ideal do casal por amor a sexualidade assume um papel cada vez mais importante em razão do enfraquecimento da instituição matrimonial como tradição. Para esse autor, na atualidade, o motor interno da conjugalidade contemporânea é a relação sexual, baseada no laço amoroso. Mas de uma maneira geral, ao serem questionadas sobre a vivência da sexualidade em seus relacionamentos, as pessoas não estendem muito seus depoimentos, talvez por se tratar de um ponto muito íntimo.

M6: Era bom, ficar com a pessoa que a gente gosta é bom, sempre é bom. Não teve nada de traição, nem da minha parte nem da dele, pelo menos que eu saiba. Eu acho que era bom, era norma.

H2: Era muito bom, bom demais. A gente sempre deu certo. Acho que o sexo com a pessoa que a gente ama é muito bom.

H4: ... eu acho que era bom. A gente tinha liberdade um com o outro, a gente se gostava e é diferente transar com a pessoa que tem amor. É bom saber que vai chegar em casa e tem aquela pessoa ali, pra isso.

Segundo Kehl (2003) a sociedade contemporânea é regida acima de tudo por leis de mercado que disseminam imperativos de bem-estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos e essa sociedade só reconhece o amor e a realização sexual como fundamentos legítimos das uniões conjugais. Quando a relação entra em crise, um dos sinais é que a sexualidade esfria. Mesmo tendo tanta importância para os relacionamentos amorosos, a vivência prazerosa da sexualidade não é suficiente para se manter o casal unido. Nessa direção, a importância da sexualidade para um casal foi colocada da seguinte forma por uma das entrevistadas:

M1: ... ela é fundamental pro casal dar certo, mas só de sexualidade não se vive, entendeu? A gente se dava muito bem, a gente, é, tinha um bom envolvimento sexual, eu acho que eu não era falha nesse ponto, nem ele era falho nesse ponto, mas não supriu o relacionamento.

Mas, a sexualidade, é o termômetro da relação enquanto medida de prazer. Numa sociedade hedonista, parece haver modelos, os quais os casais devem se espelhar, para se ter a performance ideal. Observa-se que pode ocorrer uma passagem do erotismo para o consumismo, ocorrendo um esvaziamento da sexualidade, quando se toma o outro como objeto de consumo, de prazer. Assim o erotismo, de fato, fica esvaziado.

Para Lobato (2001) deve-se considerar a forma pela qual cada classe de pessoas vivencia suas relações erótico-afetivas como algo peculiar a uma determinada época e lugar. Desta feita, não se deve esquecer de que a presente discussão se refere à classe média, mergulhada na Modernidade Líquida. Para a referida autora o modo contemporâneo de pensar a vida sexual tem suas limitações, assim como as antigas formas eram limitadas por obrigações sociais ou moralmente impostas pela Igreja ou pela tradição. O engodo da

liberação sexual, que se postulava como revolucionária, é limitado, porque a vida sexual não deve ser vivida de forma que o prazer exclua deveres e compromissos recíprocos.

A vivência da sexualidade pode funcionar como um diapasão na relação amorosa. Nos momentos de crise conjugal, o distanciamento entre o casal se reflete na sexualidade, e o distanciamento sexual é vivido com grande intolerância pelas pessoas.

M7: Era assim: sexo nada.... Eu falei: não, não vou nem se você pedir pelo amor de Deus! Isso assim, pra mim, eu posso ser tudo, eu sei que eu tô fazendo tudo errado, mas burra eu não sou. Você não me ama, você tá comigo por causa da 'B'(filha do casal) e por causa da ' B' você não precisa de ficar comigo não, uai!... Não sei se ele tinha outras namoradas...mas ele não me assumia, ele só saía sozinho, a vida dele continuou de solteiro... É, aí, eu fui me fortalecendo, aí, até que chegou num ponto que eu falei com ele, assim, que eu ia dar conta da minha vida e comecei a dar, voltei a trabalhar, voltei a fazer ginástica, então assim, eu, aí o meu casamento melhorou, ele começou a me dar valor, aí eu senti que ele tava comigo porque queria, aí a gente voltou a ter relação sexual, aí virou um casamento.

Quando o assunto é sexualidade, e principalmente sexualidade nos momentos de crise conjugal, o tema da traição é recorrente na fala das pessoas, aparecendo como se fosse um fantasma, que ronda à espreita, independente de ser real ou não. Lobato (2001) afirma que vivemos numa época de grande permissividade sexual, tanto na escolha do parceiro, limitada somente pelo desejo de cada indivíduo, quanto no tipo de relacionamento adotado, havendo uma crescente tolerância em relação a práticas sexuais alternativas. Desta forma, a exclusividade sexual se constitui como uma opção do casal que será exigida ou não, dependendo das características de cada um ou de fatores circunstanciais.

Parece, pelos dados das entrevistas, que as pessoas já não toleram a infidelidade, principalmente as mulheres. Estas não encaram mais as relações extraconjugais de seus companheiros como algo natural, comum, que devesse ser perdoado. Quando há uma segunda

chance, é na esperança de que o outro não vá repetir esse erro. Mas a dúvida pesa muito para a continuidade do relacionamento.

H5: ...ela me garante que não teve traição da parte dela, mas eu tenho esse sentimento que é, é, a briga nossa, a falta de carinho, tudo direitinho, acaba que uma pessoa que dá carinho pro outro, ela se envolveu com esse rapaz. Pode não ter ficado, tudo direitinho, mas logo depois, ela começou a namorar. Eu já desconfiava disso antes, assim, entendeu? Eu falei isso com ela já e inclusive tá escrito na minha nulidade⁸ isso, entendeu?

M1: eu sempre queria acreditar que ele ia mudar, que ele ia melhorar, até por questões de traições também, ele, ele vivia a sexualidade dele, por mais que a gente tivesse um bom relacionamento sexual, ele queria mais e mais e mais. Ele achava que era necessário conhecer outras mulheres, que tipo assim, que era ridículo viver a vida apenas com uma mulher...

Para Jablonski (1989) ainda vigora em nossa cultura, o padrão de dupla moral (que concede ao homem muita liberdade e à mulher muita falta de liberdade). Mas, a emancipação feminina, aliada à liberação sexual, está fazendo com que as relações extra maritais deixem de ser uma prerrogativa eminentemente masculina, sacudindo os valores reinantes e precipitando a busca de soluções para problemas até então relativamente ignorados, dada a submissão feminina e o domínio masculino. Segundo mesmo autor, várias pesquisas comprovam o aumento das relações extramaritais nos últimos anos. Para ele, o que parece ser um ponto crucial, é a contradição entre a concepção que se herdou de um casamento monogâmico indissolúvel e a convivência quase forçada com a atordoante e tentadora liberação sexual dos dias de hoje. Essa situação arma um cenário propício ao surgimento de conflitos e frustrações,

⁸ A nulidade a que se refere o entrevistado é a nulidade do casamento religioso, sendo que três das oito pessoas entrevistadas relataram que haviam conseguido tal nulidade. Para consegui-la, na religião católica, o ex-casal entra com um pedido, que se torna um processo, que pode ser deferido ou não, segundo normas específicas da Igreja para tais situações. Em Zenit (2005) vemos que A Igreja não reconhece o divórcio, mas declara a nulidade de matrimônios. A nulidade não só é uma figura canônica, mas também civil, significando que um ato gerou uma aparência que não teve nenhum fundamento na realidade. A Igreja, quando declara a nulidade do matrimônio, diz que esse matrimônio nunca existiu. O vínculo, quando é válido, é perpétuo, de forma que somente pode romper-se com a morte de um dos contraentes. Na nulidade afirma-se que esse vínculo não foi válido por algum defeito no consentimento, por algum impedimento ou por algum defeito de forma.

e faz da prometida monogamia um compromisso difícil de ser efetivado para a maioria das pessoas, com todas as dolorosas conseqüências que as frustrações costumam provocar.

3.2.4 As fases do processo de separação

A vivência do processo da separação conjugal pode ser dividida em fases, não se caracterizando apenas como o momento de separação, mas sendo um processo que começa bem antes da decisão de separar-se do outro. Não é objetivo do presente trabalho defender uma temática onde possa se dividir o processo da separação em fases, teoricamente embasadas, como é possível encontrar em Kaslow e Shwartz (1995), mas pela forma como as questões foram feitas aos entrevistados e pelas respostas obtidas, pareceu interessante, a idéia de dividir a vivência do processo de separação em momentos distintos como crise, tomada de decisão, iniciativa de realmente se separar, até que a separação se concretize.

Primeiramente, os casais, na maioria das vezes, passam por uma crise, caracterizada como sendo uma fase de grande sofrimento, um período muito difícil de atravessar. Pode-se falar em crises, pois muitas das vezes um casal vive várias crises, que podem ser o começo do fim da relação.

M1: Eu acho que eu adiei a separação ao máximo porque a relação já tava errada desde o início, sabe? Então assim, foi dois anos tentando dar certo... Eu acho que eu vivi mais crise conjugal que momentos bons, felizes, com ele porque assim, por mais que tivesse momentos bons, as crises eram constantes.

M3: Aí, todos os dias eu chorava, todo fim de semana eu chegava e falava: oh L, o que que tá tendo, o que que tá acontecendo que ocê tá assim e ele – ah, eu não tenho nada, não tenho nada! E eu deixava, com a esperança de que, a, um, um, um dia, um fim de semana fosse, ele chegasse e fosse diferente. E não, só piorando...

Quando questionados se consideravam que tinham vivido um período de crise, os entrevistados responderam afirmativamente. O que chamou a atenção neste ponto foi a duração desse período, que em todas as respostas aparece como tendo sido alguns meses, variando entre 2 e 6 meses.

Segundo Pereira (2002b) o conflito conjugal muitas vezes é tão sofrido que muitos casais acabam optando pela separação numa atitude impensada, e assim o fazem para se ver livre do sofrimento, quando este processo poderia culminar com a reconstrução da conjugalidade, ao invés da separação conjugal. Mas na visão de Bauman (2004) numa época em que o “longo prazo” é cada vez mais curto, o tempo necessário para o investimento no cultivo do desejo dar lucros parece cada vez mais longo. Sendo assim, o desejo poderia estar sendo substituído pelo impulso. Os relacionamentos são marcados pelo súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos e o que poderia ser considerado um curto período de crise, é vivido pelo casal como um longo e intenso sofrimento, do qual ambos só querem se ver livres. Prevalece uma grande incapacidade de suportar o sofrimento, numa cultura, como já foi mencionado anteriormente, em que o prazer deve ser obtido, não a qualquer custo, mas a um baixo custo. Entregar-se á transitoriedade dos impulsos mantém a esperança de que não ficarão conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. Assim, não é necessário retardar a satisfação, sem dúvida o sacrifício mais detestado em nosso mundo de velocidade e aceleração.

H2: Considero sim, no final já não dava mais mesmo. Eu acho que os últimos dois meses, sei lá. A gente já não se falava mais, era só bom dia, boa noite.... Eu já não tinha vontade de ir pra casa, chagava tarde, fim de semana ia fazer meus programas. Até que acabou mesmo. Sexo nessa época, nem pensar. Também não tinha nem clima...

M6: A gente ficou uns seis meses, ou mais nesse clima. Eu ficava sempre nervosa, sempre a gente discutia. No fim de semana, eu pegava minha filha e ia passar o dia na casa dos meus pais, já para evitar mesmo. Não tinha diálogo, a gente não conseguia conversar. A gente não chegou a se agredir fisicamente. De jeito nenhum! Graças à Deus a gente não chegou nesse

ponto. Mas brigava muito. Aí chegou uma hora que é melhor parar mesmo, antes que acabe o respeito porque afinal de contas também a gente tem uma filha, né? Que é pro resto da vida.

M8: Uai, pra mim foi horrível porque foi de repente, de repente ele perdeu o serviço... Eu trabalhava como estagiária no fórum ganhando muito pouco, ele desempregado, claro que recebendo o salário desemprego dele, mas aí ele já começou a ficar nervoso... aí começou a crise de 6 meses e eu acho que isso tudo influenciou dentro de casa, porque ele chegava nervoso, brigava comigo, é, é, é, falava de conta que não tinha dinheiro... aí o meu salário que era pouco, que era de estagiária, era tudo pra dentro de casa. E ele não, quando ele recebia o dinheirinho dele, era todo pra ele, era pra arrumar carro que ele sempre foi muito, de carro novo, andar muito bem arrumado, e isso foi, ele foi distanciando de mim, ficando mais com os amigos dele e por causa dessa, desse, do trabalho também, aí foi tudo, foi indo por água abaixo, aí em pouco tempo, já não agüentei não.

O período de crise conjugal é intenso e difícil, ainda que cronologicamente curto. Na busca de um alívio para tal sofrimento as pessoas entrevistadas viram na separação uma solução, demonstrando uma grande dificuldade de suportar o sofrimento, pela infelicidade. As pessoas relataram como característica dessa fase de seus relacionamentos a frequência de discussões e brigas, nervosismo, choro, amargura. Diante das dificuldades de conviver, muitas vezes as pessoas buscam fugir da situação, através da ausência de dentro de casa, do distanciamento emocional, da falta de diálogo.

M3: ...e eu sabe, naquele trem com ele e ele meio estranho comigo. .. e eu falei assim com ele:é, oh 'L', vão fazer o seguinte, fica a semana em BH e aí eu vou um dia e ocê vem outro dia e aí cê resolve os horários, o seu horário, você pára, você pára alguma coisa porque tá demais... Eu tava vendo o 'L', assim, cada vez mais frio e eu assim, é, cobrando dele... Aí eu comecei a chorar todos os fins de semana... Os três meses pra mim foi, os três meses finais, foi a morte. Eu não tava, casada eu não tava. E eu querendo saber, porque eu queria salvar aquilo ali...

H5: Na hora que começou a nossa crise mesmo, aí, já acabou o casamento, não tentou também não, não tentou, eu tentei ficar em casa um tempo com, com ela, falando com ela: não faz isso não!... Algumas vezes, sim, ela saiu porque nós já tava na fase brigando, assim, bastante, ela já saía com os colegas, eu não acompanhava, entendeu? Às vezes ia fazer show fora de Itaúna e ela ia sozinha, então foi umas coisas que complicaram, complicaram bastante o nosso relacionamento, entendeu?

Como será visto a seguir, os dados das entrevistas afirmam que a maioria das decisões de separar-se é das mulheres. Féres-Carneiro (2001) afirma que apesar da decisão de separação ser predominantemente feminina, são as mulheres que aparecem tomando a iniciativa para conversar e buscando alternativas para manter o relacionamento.

M7: Eu nunca fui tão infeliz na minha vida. Hoje, eu me sinto feliz porque eu vi assim, o que era a total falta de felicidade, eu chorava, eu era triste, amargurada, mas assim, como é impossível de se ser, sabe, eu acho que nem em livro, eu lia alguma coisa dessa, de tanto que me fez mal. Aí, hoje, apesar de eu tá separada... hoje, eu sinto prazer, antes eu não sentia. Antes dele eu não sentia porque tudo foi muito fácil na minha vida, e durante ele, eu fui muito triste.

Ainda em Féres-Carneiro (2001) vê-se que, assim como na fala acima, as mulheres descreveram uma sensação de alívio e um sentimento de maior responsabilidade e de autovalorização decorrentes da separação.

Como foi mencionado no Capítulo 2, Bauman (2004) aponta para o fato de que a persistência necessária para se manter ou preservar o relacionamento está cada vez menos em pauta. Tentar cada vez mais pode trazer desconforto e sofrimento, quando o objetivo maior é a satisfação imediata. Por isso, persistir seria andar na contramão dessa lógica. Mesmo um pequeno problema pode causar a ruptura da parceria; desacordos triviais se tornam conflitos amargos, pequenos atritos são tomados como sinais de incompatibilidade essencial e irreparável.

Portanto, diante da crise se tornar algo insuportável, as pessoas resolvem pela separação. Esta decisão, em geral, não ocorre de maneira bilateral, ou seja, as duas partes do casal optam juntas pela separação. Na maioria dos relatos, ou seja, dos oito casais representados nas entrevistas, somente duas relataram que nem a própria pessoa, nem seu companheiro (a) hesitaram diante da decisão de se separarem. As outras seis pessoas

afirmaram que a decisão foi unilateral, e nestes casos, o outro ainda desejava tentar novamente. Conforme foi dito anteriormente, a maioria das decisões de separação é tomada pelas mulheres, no caso da presente pesquisa, cinco das oito pessoas entrevistadas. A vontade de não se separar pode estar presente em uma das partes mesmo quando a decisão foi dos dois. Para a pessoa que não desejava a separação, a vivência de tal processo é mais difícil.

H4: A iniciativa foi minha, com certeza. Mas a decisão foi dos dois. Ela chorou muito e tal, acho que se fosse pra ela pedir ela não pedia pra separar. Realmente é difícil. Mas depois que a gente conversou chegou à conclusão de que não dava mais. Mas não foi fácil não, principalmente pra ela.

Assim, Caruso (1982) afirma diz que a separação dos amantes é algo extremamente doloroso, comparando essa vivência à presença da morte em vida. Nesse sentido, se explica porque a vivência da separação por aqueles que não a desejavam é relatada como tendo sido mais difícil de suportar.

Outro dado importante, é que a decisão de separação em quase todos os casos foi algo definitivo, mesmo quando um dos pares da relação queria nova tentativa, não desejava se separar, a decisão foi mantida, sem novos reencontros, nem recomeços, o que parece demonstrar, em última instância, uma maior aceitação das pessoas envolvidas no processo da separação.

M1: Foi dos dois, mas assim, eu não, porque eu não queria, porque eu achava que poderia consertar, porque eu achava que podia melhorar, porque ele podia perceber as coisas que tavam erradas, porque assim, eu tentava fazer com que o casamento desse certo, porque pra mim eu tinha assim, bem claro, que se a gente terminasse, a gente ia terminar de fato, porque eu não ia querer ficar, é, terminar e voltar, terminar e voltar, então pra mim era assim, a decisão era decisão mesmo, terminar era terminar mesmo tudo e aí, ele, ele falou que não,

que era melhor a gente não terminar, aí a gente chegou no consenso de que nem eu tava feliz e nem ele tava feliz, que era o melhor realmente era a gente terminar.

H5: Porque foi ela que decidiu separar... foi a primeira vez que a gente sentou, assim, pra conversar numa boa e já passou a rasteira(Ahahahahah). Mas fazer o que, né, na hora eu falei com ela: vamo ficar? Fiquei 1 mês e pouco dentro de casa tentando retomar, mas ela já tinha tomado a decisão, não queria de jeito nenhum, então assim, aí ela passou a ser muito agressiva comigo, muito agressiva. Aí a decisão, eu agüentei mais ou menos 1 mês e meio, aí, quando ela decidiu, realmente eu, aí, nós separamos, nos separamos.

M8: Foi minha, foi minha. Ele saiu, né, de casa igual eu falei, foi dormir na casa da mãe dele e não aceitei ele de volta, porque eu falava, desde quando eu casei, eu falava com ele, então eu coloquei na minha cabeça que eu não posso voltar minha palavra atrás, eu sou muito mulher, eu não vou voltar a minha palavra atrás.

Para Bauman (2004) as relações amorosas do mundo líquido se tornam passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros percebe melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo. Também por este motivo, os entrevistados afirmaram nem ter cogitado a possibilidade de reatar o relacionamento. Não se leva em consideração a dor e o sofrimento do outro da relação, só se pensa em “sair fora”, pois na Modernidade Líquida tudo é facilmente substituível, e por que não, os relacionamentos.

Houve uma diferença entre a decisão e a iniciativa de separar-se. Independentemente de quem tenha tomado a decisão, quem dá um primeiro passo no sentido de que a separação se concretize, quem tem a atitude na maioria dos casos, seis dos oito entrevistados, foi a mulher. Assim, além da maioria das decisões serem femininas, as iniciativas também o são. Atitudes como procurar advogado, procurar outro imóvel para morar, sair de casa ou até mesmo pedir que o outro saia, partiram das mulheres. Decisão e iniciativa podem ou não ocorrer concomitantemente, ou demorar um tempo para que a separação realmente ocorra depois de tomada a decisão.

H4: Eu acho que foi difícil, eu ainda demorei uns dias pra tirar as coisas de casa, pra sair mesmo. Depois que a gente conversou e decidiu mesmo, demorou uns dias.

Todos os entrevistados sem nenhuma exceção, afirmaram lidar com a separação de uma maneira positiva, no sentido de se sentirem abertos a uma nova relação, de acreditarem que podem ser felizes ao lado de outra pessoa. Disseram ter uma visão positiva do casamento apesar de seus relacionamentos terem acabado em separação. Segundo Féres-Carneiro (1998) os divorciados, em geral, caminham para o recasamento. Os homens mais rapidamente que as mulheres. Em Bauman (2004) foi visto que na Modernidade Líquida os laços afetivos só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem, o que, decerto ocorrerá repetidas vezes, o que Jablonsky (2001) denomina de monogamia serial.

M1: ... eu acho que mesmo a questão da separação, do meu relacionamento não ter sido bom, sabe, de não ter sido um bom casamento, de ter sido, eu acho que mais conflitos o tempo todo, mesmo assim eu acho que vale a pena casar, eu acho que vale a pena se relacionar, sabe, eu acho que é importante pro ser humano. Eu não quero viver sozinha, sabe, mesmo sendo, tipo assim, horroroso, né, o meu casamento, eu acho que vale a pena ainda ter alguém, estar com alguém.

M6: A gente amadurece muito. Mas foi bom, foi válido, sabe. Já tem 2 anos que eu namoro outra pessoa e até hoje penso em morar junto, porque sozinho ninguém quer ficar. Eu quero dar certo com alguém, sabe. Mas casar de novo, na igreja principalmente eu acho que eu não quero. Pelo menos hoje eu não quero. Mas eu ainda quero ser feliz com alguém, apesar de não ter dado certo, eu ainda tenho esperança de dar certo com outra pessoa.

M8: ...se eu encontrar uma pessoa que me faça feliz igual ele me fez, no namoro, no noivado, até no casamento, casaria sem dúvida, sem dúvida nenhuma, sem medo nenhum. Não é só achar não, eu tenho vontade, eu tenho vontade, eu não falo que eu casaria assim, é, é, com todas as pampas do mundo igual foi o meu casamento, é, civil e religioso, civil com certeza eu casaria, mas religioso, com festa e essas coisa assim, eu não sei se eu casaria de novo não. Mas casaria, numa boa.

Em algumas respostas, a idéia que aparece é de que não deu certo porque não era a pessoa certa, e nesse sentido, há, como será visto a seguir, uma desresponsabilização por parte das pessoas. Como afirma Bauman (2004) caso a relação amorosa seja considerada defeituosa ou não plenamente satisfatória, pode ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais.

H2: Ah! A gente não quer ficar sozinho. A gente que achar uma pessoa. Eu penso assim em achar uma pessoa inteligente, que me compreende, que goste das coisas que eu gosto. Que a gente se entenda mais. Que seja uma pessoa madura, entendeu? Que entenda meu estilo de vida diferente dos outros. Mas eu acho que é. Tem que ser uma pessoa bem certa porque eu já errei.

Dessa forma, a questão sobre como foi a vivência do processo de separação como um todo trouxe dados interessantes. Se considerar que tal processo apresenta momentos distintos, o momento mais difícil, segundo relato dos entrevistados é o período de crise. O processo de separação, que implica a divisão dos bens, os acordos relativos aos filhos, a nova adaptação de vida e até mesmo o processo judicial de separar-se ou divorciar-se é relatado por esses casais como sendo um período mais tranquilo de se viver do que a própria crise.

M1: Pra mim foi muito difícil, muito difícil mesmo... eu vivi isso tudo sozinha, ... eu não queria que ninguém percebesse que eu estava mal no relacionamento, que o meu relacionamento estava errado, sabe? Então assim, eu sofri muito, mas muito mesmo, é, sozinha e isso assim, me deixou muito assim, eu vivi muita angústia, eu chorei muito, sabe? ...É, eu tipo assim, eu perdi um certo, durante um período eu perdi um certo interesse de fazer as coisas, né, é, ah, foi muito difícil, muito difícil mesmo, mas depois que eu separei, depois que chegou a essa decisão de separar, né, no qual a gente conversou, sabe, que eu sofri muito, é, eu senti um certo alívio. Depois, com a separação mesmo, a hora que eu já estava só, já teve um certo alívio pra mim, sabe? Então assim, por eu ter sofrido muito antes, diante dessa decisão, quando houve a separação de fato, né, total, onde cada um foi buscar a sua vida de outra forma, pra mim já foi mais tranquilo por eu ter sofrido muito antes, sabe? Mas foi muito doloroso, muito difícil.

H2: Eu até que achei que separar não é o mais difícil. Depois de decidi, que saí de casa e voltei pra casa da minha mãe não foi tão ruim. Apesar de que até que a gente se acostuma... Mas eu achei pior quando a gente não se entende mais, quando não era bom mais.

M7: Foi muito tranquilo. Foi difícil durante, eu acho que desde o primeiro dia que eu percebi que ele não me assumiu como esposa eu me preparei pra separação, então foi doloroso até a hora que eu falei acabou, porque aí depende do que ocê chama, né, do que a pessoa entende por separação. Foi a coisa mais difícil da minha vida a separação, porque a separação foi durante. Foi da hora que eu percebi até a hora que eu saí de casa. A partir do momento que eu tomei a decisão de sair de casa, foi mais fácil e mais gratificante também, mas não foi fácil ir conquistando a auto-estima pra sair não.

O processo judicial aparece na fala dos entrevistados como sendo apenas a formalização da separação conjugal. Este dado contraria uma vasta literatura que trata da extensão do processo judicial como uma maneira de manter um vínculo com o ex-cônjuge (BARROS, 1999; MOTTA, 2000; SHINE, 2002; VAINER, 1999).

Pereira (2003b) ressalta que as leis jurídicas já não dificultam mais as separações judiciais e os divórcios e que o processo judicial, seja amigável ou litigioso, é apenas um aspecto da separação como um todo. Ele é apenas a concretização e a exteriorização do amadurecimento de um processo psíquico, de pelo menos uma das partes.

Este é um aspecto positivo que aparece nas falas dos entrevistados, uma vez que estes não se arrastam em longos processos judiciais como forma de resistência de se romper com a união conjugal. Por outro lado, pode ser um dado revelador da pouca reflexão que as pessoas atualmente têm quando resolvem pela separação conjugal. Torna-se importante ressaltar que esse dado contraria, como foi falado, uma vasta literatura que trata das dificuldades em se vivenciar o processo de separação judicial por aqueles que se separam conjugalmente. Talvez a facilidade de enfrentar o processo de separação judicial relatada pelos entrevistados se deva, em parte, ao fato de serem pessoas jovens, saindo de relacionamentos relativamente curtos, e que não comportavam acúmulo de patrimônios. Ou seja, adultos jovens que estavam

começando a adquirir bens, a atuar em suas carreiras profissionais, uma vez que é justamente a disputa pelos bens que dificulta as separações judiciais.

3.2.5 Fatores que levaram à separação

Em relação aos fatores que levaram à separação conjugal, os entrevistados levantam diferentes motivos. Os mais recorrentes são o uso de drogas, dificuldades financeiras, vida sexual insatisfatória e traição, ausência e distanciamento do companheiro, influência de amizades e falta de diálogo. Mas as respostas mais interessantes foram àquelas menos objetivas, nas quais os entrevistados respondiam subjetivamente, colocando o problema da separação como sendo mais complexo, sendo difícil atribuir um fator, um motivo que culminou no fim do relacionamento.

H5: A parte sexual, muito forte isso daí... a estrutura financeira, não deu tempo de fazer nada, pagar aluguel, logo depois vem filho, estrutura financeira muito pesada e principalmente, é, uma que pra mim, principalmente, é a estrutura religiosa, religiosa... Sempre foi motivo de muita briga, muita briga mesmo... então, é um monte de, eu sempre falo assim, que não é um porque grande, né, é um tanto de “porquesinho” que dá um “porquesão”, entendeu? Um tanto de “porquesinho”, desilusões que a gente vai tendo, tanto da minha parte como da parte dela, e que vai até de repente, dá um “porquesão”..., naquela dimensão que na hora que você vê, Você já tá atolado, aí cê já fala: opa! Estourou! Estourou!

Para Monteiro (2001) mais do que a igualdade entre homem e mulher, os relacionamentos na atualidade devem funcionar segundo o princípio da equidade. Equidade seria a disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um, implicando o respeito às

diferenças individuais. Diante da grande idealização que comporta as uniões conjugais na Modernidade Líquida, esse respeito às diferenças individuais fica cada vez mais difícil de ser alcançado e também a aceitação de que o outro da relação não seja perfeito. Pereira (2003a) afirma, como Lacan, que jamais haverá paz entre os sexos, mas, mesmo assim, as diferenças podem ser saudáveis. O desafio da maturidade assim como o da democracia é conviver com as singularidades, muito embora nosso primeiro impulso seja o de não aceitá-las e até mesmo de afastá-las. Dessa forma, a dificuldade de conviver com as idiossincrasias pode remeter os casais ao caminho mais cômodo, talvez o da separação.

M6: Na verdade, não teve um fato, que eu fiz ou ele fez que fez a gente separar. Foi a situação toda mesmo, que foi desgastando até chegar uma hora que não tinha mais jeito. Mas não foi assim, nada que um fez, chifre, essas coisas, não.

M8: Aí, casamos de paixão mesmo, amando loucamente, aquele trem. Mas aí, com o convívio foi desgastando... ele tinha muitos amigos também e que as amizades dele também começou a atrapalhar, ... aí eu acho que ele começou a ver que ele não tinha aproveitado tudo que ele queria, entendeu? Aí também, veio a minha parte, eu também comecei a ver isso. Aí começou as discussões e, mas as discussões foram assim, por pouquíssimo tempo, foram os últimos 4 meses de casamento.

O peso que os relacionamentos amorosos assumem na vida das pessoas no contemporâneo é muito grande e a vida íntima assume lugar de destaque. Foi visto como a grande idealização pode muitas das vezes contar contra o êxito do relacionamento. Para Torres (2000), a necessidade de intensificação das relações pessoais aumenta a expectativa em relação ao desejo de ser compreendido pelo outro, tornando-se difícil, senão impossível, que o recíproco retrato idealizado se sustente no cotidiano. Num mundo tão individualista, a

necessidade de intimidade fica inflada, em meio à impessoalidade das relações e da falta de parâmetros para viver.

Lohbauer (1995) afirma que apesar de que a satisfação das necessidades de intimidade de cada um dos cônjuges ser um objetivo do casamento na atualidade, não há uma precisão a respeito do significado do termo “intimidade”. Mas o autor considera como íntima a experiência em que ambos os parceiros consideram a interação altamente significativa, sentem-se totalmente envolvidos e imbuídos de poder no processo; a experiência é vivenciada como valorizadora do “eu” e do relacionamento, e a interação estabelece um limite para esse relacionamento marcando-o como altamente significativo. Deve-se considerar ainda segundo Lohbauer (1995) que as mulheres associam a idéia de intimidade com termos como proximidade, troca e diálogo, ao passo que os homens a associam à sexualidade. Nesse sentido, até mesmo as desigualdades sutis da relação criam uma barreira poderosa à intimidade.

Algumas das entrevistadas afirmaram se sentirem sozinhas no relacionamento. Para Bauman (2004) falta cooperação entre os pares da relação no mundo líquido. Cooperação que deve construir diariamente e de forma ininterrupta o relacionamento. Afirma ainda que evitar uma experiência comum ocorre, em primeiro lugar porque as pessoas têm medo da participação dos perigos, desafios e da dor que ela traz. Entram no relacionamento tentando fugir da possibilidade de ficar só, mas, também na tentativa de evitar a vivência de sofrimentos que a própria relação ou seu possível rompimento possa ocasionar.

3.2.6 Influência da família de origem

Dois fatores se colocam como sendo de forte influência nas maneiras de lidar com a separação conjugal. O primeiro deles é a influência da família de origem de cada um dos cônjuges e o segundo é a influência do meio social. A família de origem aparece nos depoimentos das pessoas como estando muito próxima, muito ligada a elas exercendo grande influência no seu convívio diário no relacionamento conjugal. Tal influência pode ser percebida de várias formas tanto no casamento como na separação conjugal, podendo ser um forte ideal a ser reproduzido na nova família que se constitui; um ponto de apoio e suporte na vida ou um excesso de vínculo que chega a tirar a liberdade dentro da própria casa. Porém, o que fica claro é que os laços dos jovens casais com suas famílias parentais são muito fortes e estreitos e frequentemente surgem comparações entre a família de um e a do outro, tendendo a colocar a outra família como sendo pior em vários aspectos. Dessa forma, a família boa, que deve ser seguida, que deu melhores exemplos e melhor educou seus filhos é a da própria pessoa o que acaba por gerar uma certa intolerância à família alheia.

H2: O que eu acho que atrapalhou muito foi a mãe dela ir trabalhar lá em casa. Porque assim, a gente tava precisando contratar uma empregada, uma pessoa para ajudar e a mãe dela tava precisando trabalhar. Aí a gente concordou de chamar ela pra trabalhar lá em casa. Mas eu acho que não fez bem não.

M7: Aí, todos os problemas com a família dele, só de você vê que ele que sustenta, você já vê que a família dele é um poço de problema e eu agüentando aquilo tudo, a minha família completamente normal, assim, comum, padrão de, de um comportamento, de um pai e uma mãe que se amam, que moram juntos, isso tudo, e lá, tudo inverso..

H5: O exemplo que eu tenho do meu pai e da minha mãe, meu pai faleceu tem 2 anos, mas se ocê o respeito dos dois é uma coisa fabulosa, é fabulosa... Eu tenho uma referência muito boa de família, que é assim, sempre vejo, o exemplo meu foi fantástico, o que eu vejo do meu pai e da minha mãe, Nossa Senhora, o caminho que eles trilharam, uai. 40 e poucos anos de casados, é, 6 anos de namoro, os dois viveram 47 anos juntos. 47 anos é muito, é muito bom ver um casal assim. Meu sogro hoje, minha sogra, 60 e, 60 anos é, 61 anos de casados... Do segundo casamento, entendeu? porque eu via, ela sempre foi, foi, a minha primeira esposa na época, sempre foi uma pessoa muito, muito difícil nesse ponto, entendeu? Porque a referência de família dela, o pai dela e o atentado contra ela, nós tivemos a maior dificuldade de ter

uma relação... Isso aí é muito complicado, você conviver com uma pessoa assim, a referência de, de, de pai e de mãe, muito complicada, muito complicada, mas complicada mesmo.

Em pesquisa realizada por Féres-Carneiro (1998) sobre recasamento, a autora afirma que no primeiro relacionamento, que é o caso dos entrevistados desta pesquisa, o relacionamento com a família de origem é freqüente, mais forte e mais valorizado. Afirma ainda que no primeiro casamento também o grupo de amigos comuns é mais presente e valorizado, enquanto os recasados possuem mais amigos individuais e valorizam que os membros do casal possam sair às vezes separadamente.

Ainda Féres-Carneiro (2001) lembra que nas classes média e média-alta da população, a adolescência tem sido prolongada. Em famílias destes segmentos sociais, os filhos às vezes com mais de 30 anos ainda dependem financeiramente dos pais e nem consideram a possibilidade de saírem da casa dos pais. Este prolongamento da vivência da adolescência pode explicar em parte, como aparece na fala dos jovens entrevistados, a dificuldade de se manterem no casamento. Na medida em que as dificuldades e os conflitos da adolescência permanecem na vivência dos jovens cônjuges, falta a eles a maturidade requerida pela vida compartilhada, para a manutenção da conjugalidade.

Diante da decisão de separação, a família de origem ocupa lugar importante na vida dos filhos. Na maioria dos casos, os entrevistados retornaram para a casa de seus pais quando se decidiram por não viverem mais juntos com seus pares conjugais. Ter a casa paterna/materna para voltar traz segurança e tranquilidade às pessoas, principalmente num momento de fragilidade, de adaptação, de rompimento. Também é uma fase de novas definições sobre as questões financeiras, que pesam no momento de separação conjugal, então retornar para a casa dos pais significa menos despesas, moradia, alimentação. Os pais também

representam fonte de apoio e compreensão para os filhos que estão se separando, se mostrando abertos ao diálogo e solidários ao momento vivenciado pelos filhos.

H2: Aí ela saiu e eu liguei pra minha mãe e contei. Aí minha mãe disse que se ela falou pra eu sair que era pra eu sair, e que iria me buscar. Ela disse para eu arrumar minhas coisas e que iria me buscar. Assim eu fiz. Juntei tudo, não fiquei naquela chatice de cada dia ir buscar uma coisa. Mas levei só o que eu era meu, minhas roupas, minhas coisas. A casa ficou lá, toda montada pra ela e as meninas. Eu cheguei na casa da minha mãe e montei meu quarto de novo, aquela coisa... como se fosse solteiro de novo. Até achei bom pra falar a verdade.

H5: E eu voltei pra casa dos pais porque eu não tinha condições de assumir uma vida sozinho assim. Mas graças a Deus foi, foi, voltar pra casa foi uma das melhores coisas, decisões que eu tive e aí aprendi muito com isso, muito com isso, foi um aprendizado muito grande pra mim...

Em Singly (2000) foi visto que o funcionamento das famílias contemporâneas nos países ocidentais deve ser compreendido com respeito a uma nova concepção de indivíduos em relação aos seus grupos de pertencimento e particularmente em relação à família. Esta se transformou num espaço privado a serviço dos indivíduos, onde os valores tradicionais perderam força e o que mais passou a importar foi o bem-estar de cada membro do grupo. Talvez por este motivo, as famílias de origem lidam dessa maneira diante da separação conjugal de seus filhos. O importante não é que os casais fiquem juntos para sempre, mas sim que os filhos, independente de sua situação amorosa, possam estar felizes.

3.2.7 Influência do meio social

Outro importante fator no momento da separação, da adaptação à nova situação, é a influência do meio social na vida das pessoas. Um dos motivos para que essas características apareçam de forma marcante na fala dos entrevistados é devido ao fato da pesquisa de campo ter se realizado numa cidade do interior do estado de Minas Gerais, com características diferentes de uma de metrópole. A questão do que os outros irão pensar a respeito da vida da pessoa tem uma importância relativa, causando certo incômodo, mas não a ponto de influenciar na decisão pelo rompimento ou não do casamento.

H2: Difícil é colocar a vida no lugar de novo, a gente, né? Até mesmo assim, a gente se encontrar com as outras pessoas. Muita gente chega e pergunta: uai, cadê a F, cadê sua esposa? Então, não. Nós não estamos mais casados, entendeu? Isso é um fato de adaptação que é difícil. O social também, que a gente é muito conhecido. E mesmo assim o pessoal ainda comenta. Fala: Ah! Fulano separou. Mas tudo com o tempo a gente se adapta, né. Acostuma. Já to acostumado, tranqüilo. Mas é difícil, acostumar assim. Sair da vida de casado, ir pra casa da mãe, entendeu? É complicado. Mas eu acostumei.

Para Pereira (2003b) o processo de separação conjugal significa desmontar uma estrutura e também implica em perdas. Perder estabilidade, padrão de vida, *status* de casado e neste sentido, adquirir o *status* de separado, divorciado. Talvez a rapidez com que a dissolução da conjugalidade se dá na atualidade, não seja acompanhada na mesma proporção pela subjetividade. Segundo Figueira (1987) a subjetividade é resistente à mudança, sendo talvez a área de maior inércia no processo de mudança social, assim como talvez a dimensão em que esse processo se dá com um número maior de dificuldades.

Uma forma de demonstrar dificuldade em relação à aceitação do *status* de separado é a negação desse *status*, o que pode ser percebido quando as pessoas após se separarem se dizem novamente solteiras.

M8: Pra mim eu acho, hoje eu acho que eu sou uma pessoa normal, pra mim eu sou solteira de novo, se eu tiver de viajar, eu viajo, se eu tiver de fazer alguma coisa, eu faço, eu sou uma pessoa praticamente solteira novamente.

Aparentemente, pode-se parecer que se trata apenas de nomeações: solteiro, separado, casado. Mas na verdade, trata de um estado de ser no mundo, de pertencimento e de todas as implicações que cada “estado de ser” traz consigo. Se por um lado como foi afirmado, em cidades pequenas como a que se deu a coleta de entrevistas para a presente pesquisa, as pessoas demonstram se importar com a opinião alheia sobre a própria vida, por outro, essa preocupação pode ser uma forma de projetar um sentimento que é interno ao sujeito, sentimento de estranheza diante das mudanças e perdas causadas pela separação conjugal. Pode ser uma forma de se mascarar uma dificuldade da própria pessoa em aceitar sua nova condição, de estar separada.

H2: E é difícil depois que a gente sai de casa, a cobrança das pessoas, ficam olhando, comentando da separação. Às vezes quem não casa no papel não passa por isso.

Outra forma de negação das implicações que o processo de separação traz pode ser traduzida no processo de nulidade do casamento religioso que três das oito pessoas entrevistadas relataram ter conseguido. A anulação é uma tentativa de passar uma borracha em tudo que se viveu e seguir em frente como se fosse possível começar do zero. Dessa forma, se nega o sofrimento causado pelo relacionamento e pelo seu fim, mas também não se leva em conta as possibilidades de mudança que a vivência do processo de separação pode trazer para as pessoas nele implicadas.

M6: Eu quero dar certo com alguém, sabe. Mas casar de novo, na igreja principalmente eu acho que eu não quero. Pelo menos hoje eu não quero. Com a anulação a gente pode casar de novo, de vestido e tudo. Mas eu acho que é muita encenação. Ele pediu a anulação porque ele quer casar de novo, na igreja e tudo. Mas eu não concordo. Porque uma coisa é separar e outra é anular. Porque não tem jeito de passar uma borracha em nada que a gente vive.

3.2.8 Responsabilidade pelo fim do relacionamento conjugal

Quando questionados sobre a própria responsabilidade pelo fim do relacionamento amoroso, as pessoas demonstram não ter muita reflexão sobre o assunto, demonstrando não ter implicação no processo vivido, afirmando não terem refletido sobre essas vivências.

H2: Olha, acho que eu nunca parei pra pensar nessas coisas. Como que eu percebo? Ah, nem sei. Acho que já disse, às vezes nem sei se era pra ser assim.

Uma dificuldade que se colocou é que as pessoas não percebem a diferença entre culpa e responsabilidade. Eram questionados sobre sua responsabilidade e respondiam sobre a culpa, que na maioria das vezes, é atribuída ao outro. Deu-se a impressão de que os entrevistados, em alguns casos, ficaram na defensiva, como se tivessem que se justificar ou procurar um outro culpado, que quase sempre é o outro da relação. Talvez seja uma herança cultural, falar em culpa na separação conjugal, herança deixada tanto pelo Direito quanto pela Igreja. Quando se fala de responsabilidade presume-se um certo grau de assentimento da pessoa no processo em questão, uma certa reflexão sobre a própria postura no relacionamento.

H2: Me cobrava que eu ficasse mais presente, fizesse as coisas em família, essas coisas. Eu queria fazer maus programas, enfiar no mato com os colegas, fazer trilha... Coisas que eu já fazia antes de casar. Mas casar não é assim, né? A gente tem que priorizar a mulher, a família. Hoje eu acho que era imaturidade, falta de diálogo, da minha parte. Mas também eu não me arrependo de nada.

H4: Eu acho que era meio ausente. Ela ficava aqui e eu longe... Mulher precisa de carinho, essas coisas que ela falava, cobrava. E eu não gostava de falar, de conversar. Pegava as malas e caía na estrada.

M8: ... eu era muito nova também, muito nova, mas pelo menos responsabilidade eu tinha demais, eu aprendi isso com a minha mãe desde cedo, ter responsabilidade... então isso, eu cobrava muito dele, muito dele, muito, muito, muito mesmo, eu era chata nesse sentido. Agora, sair, eu cobrava muito dele nesse sentido sair também, eu amava sair. Ele me conheceu foi na rua saindo e de repente ele já não queria sair, por que, já tinha divertido tudo que ele tinha de divertir no final, com os amigos dele...

A resposta mais freqüente foi em relação à maturidade/imaturidade do casal. A responsabilidade foi atribuída à imaturidade própria ou do outro do relacionamento, mas, quase sempre, como forma de se desresponsabilizar.

M6: Eu penso que a gente era muito novo, muito imaturo. Não tinha maturidade pra enfrentar os problemas, as situações. Era muito imaturo. Não conseguia sentar, conversar. Ter um diálogo pra tentar melhorar. Até eu mesmo, acho que tudo explodia, não sabia lidar com as coisas. Porque viver debaixo do mesmo teto não é fácil. A gente dormir, acordar brigado é muito difícil. E aí a gente não tinha maturidade pra resolver os problemas.

M3: Eu não sei se amadureceu o suficiente, entendeu? Se ele casou com isso: nossa, vou casar, vou ter uma esposa, eu quero uma família. No curso de noivos deu pra ver o que ele queria, só que depois, parece que esquece, não sei.

H5: Lá quando nós casamos, é, muito imaturo, né? Muito imaturo, muita briga boba, muita imaturidade... muita imaturidade mesmo, muito ciúme possessivo demais da conta, tanto de um lado quanto do outro. Um casamento de muita posse um do outro. Hoje a gente, a experiência traz isso pra gente, né, a gente vai vendo isso daí, sabe?

Segundo Calligaris (2001) em nossa cultura, considera-se como amadurecimento a capacidade das pessoas de separar-se das outras. Todos devem aprender a separar-se, mas ninguém deve aprender a relacionar-se. Contrariamente a esse ideário, ele considera como imaturidade a incapacidade ou a dificuldade de relacionar-se proximamente com o outro. Existe um grande paradoxo na atualidade, no qual a relação de sucesso acaba sendo definida não como aquela em que se descobriu um jeito de dois ou mais ficarem juntos, mas como aquela que pode quebrar tranquilamente, porque cada um ficou na sua. Nesse sentido, Pereira (2003a) lembra que manter um verdadeiro relacionamento amoroso talvez seja muito mais difícil do que se separar. “Dá muito trabalho!” Mas é precisamente isso que caracteriza o amor. Tem que ser cuidado, e para isto é preciso, inclusive, dedicar muito tempo a ele, reinventar os espaços, cuidar de si e de não invadir o espaço do outro.

Confirmando as idéias de Calligaris (2001) o amadurecimento aparece em várias respostas como sendo uma consequência do processo de separação. A maioria dos entrevistados afirma ter amadurecido com toda essa vivência, dizendo que tal fato foi positivo, sendo considerado como um ganho.

M1: Olha, foi difícil, como eu disse, mas eu acho que foi muito bom, porque eu acho que eu amadureci muito, eu mudei muito, sabe, a minha maneira de ver as relações, de ver o mundo, até mesmo comigo, de encarar as minhas responsabilidades.

Apenas uma das entrevistadas acredita que amadurecer seja algo negativo.

M7: É, amadurecer, eu acho isso muito triste... Pudera eu ser criança eternamente, assim porque, criar responsabilidade... saber o que que é virar uma noite, pegar um carro cansada pra poder dirigir porque ocê precisa de dinheiro no final do mês pra pagar o remédio pro

menino, sabe, porque muitos pais não fazem isso porque não têm responsabilidade, então amadurecer é muito negativo, eu acho negativo.

De um modo geral, percebe-se que os entrevistados demonstraram uma certa aceitação diante do processo de separação. Apesar de relatarem como foi difícil lidar com o sofrimento causado pela separação, sofrimento que não é suportado na Modernidade Líquida, relatam também que a vivência desse processo foi positiva, pois trouxe ganhos para suas vidas.

M1: Olha, foi difícil, como eu disse, mas eu acho que foi muito bom, porque eu acho que eu amadureci muito, eu mudei muito, sabe, a minha maneira de ver as relações, de ver o mundo, até mesmo comigo, de encarar as minhas responsabilidades. Hoje profissionalmente eu tô bem, sabe, eu busquei a minha profissão.

M3: Mas hoje eu acho que isso me fortaleceu, assim, eu vejo o mundo de outro jeito agora. Eu tenho minha turma, saio, viajo, faço um monte de coisas que não fazia antes de casar e nem com ele, né? Então isso ajuda. Agora eu comprei meu carro, depois desse tempo todo, né?

Ainda foi possível perceber que algumas as pessoas demonstram ter maior consciência, maior reflexão sobre suas vivências conjugais, assim como de seu processo de separação. Tal fato parece trazer benefícios para essas pessoas em suas relações interpessoais, incluindo suas novas vivências amorosas.

H5: As dificuldades que a gente teve, a gente tem em qualquer coisa, um solteirão tem dificuldade de ficar isolado dentro de casa. A questão do, do casamento, cônjuges, tudo, a gente tem é, é, é, eu vejo a maturidade, vejo a felicidade de poder ter um filho, igual eu tenho a minha filha, isso pra mim é uma bênção. Igual agora, eu e minha esposa estamos programando de ter um filho, então assim, eu gosto muito da convivência conjugal, eu, eu assim, hoje eu não tenho problema com a minha convivência conjugal. Temos os problemas

nossos, temos, tudo direitinho, mas graças a Deus, bem mais, são bem mais contornáveis do que antes, entendeu?

A vivência do processo de separação pode ter como consequência uma queda no ideal do relacionamento, que deveria suprir todas as demandas de satisfação das pessoas. Assim, uma das entrevistadas afirma que descobriu que a felicidade própria não está condicionada ao que os outros podem lhe proporcionar, considerando essa descoberta um aspecto positivo advindo do fim de seu casamento.

M7: Mas positivo mesmo, foi eu, eu mudar a minha vida assim, eu descobri que eu posso ser feliz e independente de ninguém, porque eu achava que a felicidade só existia se houvesse os outros.

Nesse sentido, a vivência da separação conjugal pode ser entendida como sendo um processo de subjetivação. Diante de tal experiência pode haver, do ponto de vista subjetivo, uma tomada sobre a própria vida. Pode significar um reposicionamento diante da vida. Da maneira como foi visto em Bauman (2004) as formas de se lidar com as relações amorosas são ditadas pela Modernidade Líquida, as pessoas vivem, reproduzindo formas de se relacionar sem nenhum questionamento nem implicação diante dos fatos. Vivem assujeitadas pelos modos de vida impostos pela cultura na qual estão inseridas. A vivência do processo de separar-se do outro pode ser somente repetição de um padrão de relacionamento que é cultural, no qual a descartabilidade e a efemeridade estão colocadas. Mas pode significar, para além do sofrimento, um movimento de autonomia, de invenção, de tomar a vida nas próprias mãos.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho se deu em torno da questão inicialmente colocada: existem novas formas de se lidar com o processo de separação conjugal na Modernidade Líquida? Aqui se indica algumas perspectivas que essa pesquisa encontrou. Importante explicitar, que ao se investigar sobre as formas de se vivenciar o processo de separação na atualidade, outros dados foram encontrados, dados que são considerados de grande relevância para se compreender o problema proposto. Como exemplos pode-se citar as causas que levam os casais a se separarem e também a maneira como se vive a conjugalidade na atualidade, ambos, se constituindo como fatores diretamente ligados às formas como se lida com a separação no mundo contemporâneo.

Primeiramente há que se questionar sobre o significado da palavra “novo”. Para Villela (1995) há uma tendência em qualificar de “novo” não só o que não existia, mas o “novo” também pode estar mascarando uma incapacidade de entender o sentido das transformações sociais. Ou ainda, pode estar escondendo um desejo de recriar a realidade, cedendo ao impulso mítico de substituir desilusões por sonhos. Ao que causou decepção, mas convém continuar, ou ainda, ao que deve ser no futuro melhor que no passado, agrega-se um mágico “novo”. Mesmo reconhecendo os riscos de utilizar essa expressão, se acredita, com base neste estudo, que haja novas formas de se vivenciar a conjugalidade e sua dissolução em nosso mundo líquido.

A Modernidade Líquida com sua instantaneidade, ambivalência, fluidez, precariedade, fragmentação, individualismo, consumismo, entre outras características, construiu processos sociais, provocando transformações macro-históricas e também transformações na esfera da

vida privada. Novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização e subjetivação, novos modos de organizar a experiência.

Na atualidade, o novo e o arcaico muitas vezes se mesclam, dividindo uma mesma realidade. De um lado, se nem tudo é novo na conjugalidade, por outro, pode-se afirmar que ela se apresenta modalidades de vivenciar o processo de constituição e rompimento da conjugalidade.

A conjugalidade contemporânea tem como sustentáculo certa idealização de uma união perfeita, de um perfeito encontro com o par perfeito. O ideário dessa perfeição contempla a livre escolha do par conjugal e o amor como significado e causa de felicidade plena. Ganha importância também a afinidade e a intimidade entre o casal. Deve-se lembrar, que se o amor é motivo legítimo de união para as pessoas, também o é para a separação. Uma vez que o amor acaba, o que poderá acontecer por se tratar de um sentimento efêmero, não há razões, principalmente para as mulheres, para que o casal continue junto.

Apesar da efemeridade dos laços amorosos ser fato conhecido, o ideal da conjugalidade perfeita almeja o final típico dos contos de fadas onde sempre se termina a estória com a famosa frase “e foram felizes para sempre”. Esta é uma diferença dos casamentos tradicionais que buscavam honrar as promessas feitas um ao outro: “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe”. Com a extrema valorização da qualidade dos relacionamentos, cada um entra pelo que pode ganhar e a relação amorosa se mantém apenas enquanto for prazerosa e útil para os cônjuges. Nesse sentido a separação conjugal é um ganho, porque as pessoas, ao contrário de tempos antigos, não têm que permanecer juntas por convenção social, não se sentem obrigadas a manter um relacionamento que lhes traga infelicidade. Talvez na atualidade as histórias conjugais pudessem ser narradas da seguinte forma: “e permaneceram juntos enquanto foram felizes...”.

Pude-se constatar pelas estatísticas um aumento nas uniões formais nos últimos anos. Na fala dos entrevistados, deu-se grande importância ao aspecto da formalização do relacionamento. Esse aumento na formalização da união, casamento de véu e grinalda, à primeira vista poderia parecer o retorno de formas antigas de união. Mas o que se revela é a apropriação de formas “antigas” de se unir, para compor o ideal de um relacionamento perfeito. Por outro lado, a formalização da união conjugal foi também descrita como sendo um peso, pois sem ela ficaria mais fácil para o casal se separar. A formalização, seja no civil ou no religioso, tem a função de firmar, selar o compromisso dos noivos perante a sociedade. Mas, se na Modernidade Líquida os laços devem ser frouxamente atados para que se facilite na hora de desfazê-los, a publicidade do compromisso é sentida como peso. Por outro lado, as pessoas entrevistadas afirmam que não tiveram dificuldades durante o processo judicial de separação, afirmando ainda que este se configurou apenas como sendo a fase de formalização do processo de separar-se do outro, que como vimos, vai muito além dos trâmites jurídicos. Importante ressaltar que essa facilidade em se enfrentar o processo judicial pode se dar devido à faixa etária dos entrevistados e também ao fato de não terem patrimônio que entrave esse processo de disputa.

Homens e mulheres têm, em alguns aspectos, aspirações diferentes diante de um relacionamento, mesmo porque a concepção do que seja uma relação ideal é diferente para ambos os sexos. Com as conquistas dos movimentos feministas, as mulheres não aceitam mais certas diferenças dentro do casamento. Se a conjugalidade na Modernidade Líquida é o espaço de crescimento e desenvolvimento individual de cada cônjuge, as mulheres já não se conformam em colocar em segundo plano seus projetos pessoais para se dedicar à família e ao lar. Tal fato ocorre principalmente entre os casais que têm filhos, uma vez que os cuidados da maternagem são, no mundo ocidental, atributos prioritariamente femininos, ficando a cargo das mães a maior responsabilidade pelos cuidados e educação de suas crianças, o que muitas

vezes leva ao comprometimento, ainda que temporário, de sua carreira profissional. O trabalho e a carreira profissional são vistas como importantes porque são condições de autonomia e oportunidade de um desabrochar pessoal que a mulher não consegue mais somente no lar. No cotidiano, a desigualdade de gêneros ainda se constitui como realidade apesar do fato de os casais buscarem cada vez mais relações baseadas no princípio de equidade. Busca-se então, encontrar formas de desenvolver estratégias de conciliação da profissão, com o relacionamento afetivo, e ainda com a distribuição das tarefas da casa, assim como o cuidado dispensado aos filhos.

Tanto o homem quanto a mulher são agora, indivíduos dotados de poder de escolha de permanecer ou não no relacionamento amoroso. Se o casal só permanece junto se a relação for boa para ambos, a qualidade da mesma é o resultado do esforço que deve ser contínuo, construído no dia a dia do par conjugal. Mas ao mesmo tempo, com a intensificação do processo de individualização, as pessoas buscam cada vez mais realizar seus projetos individuais o que vem a se constituir uma demanda ambivalente no relacionamento amoroso. O que se percebe é que o investimento que se faz no relacionamento conjugal é muito pequeno, principalmente se considerar a alta idealização do mesmo.

Também na vivência da conjugalidade, há necessidade que o casal tenha projetos comuns. Mas com o individualismo, há uma ênfase nos projetos individuais de cada cônjuge, o que dificulta a conciliação entre tais projetos e os projetos em comum ao casal. O que se coloca como problemático não é a ênfase dada aos projetos de cada um na relação, mas o fato de que muitas vezes os projetos comuns são esquecidos em decorrência dos primeiros. Há ainda uma despreocupação com projetos a médio e longo prazo. Vive-se o presente, porque a expansão do individualismo dificulta um planejamento comum para o futuro, não portando garantias de como será o amanhã. Por isso, no mundo líquido onde a instantaneidade e o

imediatismo são as formas de se lidar com o tempo, as pessoas não suportam a construção de uma história.

A livre escolha do par deveria permitir uma ligação entre convivência conjugal, amor e sexualidade. Na atualidade, a sexualidade é o motor interno da conjugalidade, baseada no laço amoroso, o que se explica principalmente porque a sociedade contemporânea é regida por leis de mercado que disseminam imperativos de bem estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos. Mas, se as leis do mercado influenciam a vivência da sexualidade, é possível dizer que existe a experiência do prazer erótico de ambas as partes? Se num primeiro momento passa-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva que atribuiu um lugar extremamente importante à sexualidade, na atualidade, observa-se uma passagem do erotismo para o consumismo, ocorrendo um esvaziamento da sexualidade, quando se toma o outro como objeto de consumo, de prazer. Assim o erotismo, de fato, fica esvaziado.

Nessa perspectiva, viver o prazer sexual, a proximidade física poderia se equivaler à experiência da intimidade? Ou seria justamente um movimento de evitação da intimidade? A liberação sexual trouxe avanços no sentido da busca de prazer. Mas essa vivência se torna complicada quando exclui deveres e compromissos recíprocos. Se o compromisso é só com o próprio prazer e satisfação, transforma-se o outro em objeto, dificultando que a sexualidade possa trazer proximidade entre os pares da relação conjugal.

Sendo o termômetro do relacionamento amoroso, nos momentos de crise a vivência da sexualidade é descrita como sendo fria e insatisfatória. Os dados das entrevistas apontam que em alguns casos a vivência da sexualidade fica comprometida em decorrência da crise conjugal, já em outros, quando a vida sexual não é plenamente satisfatória para o casal, pode, entre outros fatores, desencadear a crise. Mas é certo que se a relação não é satisfatoriamente prazerosa para os pares, incluindo a sexualidade, não há porque se permanecer, apesar de que

a vivência prazerosa da vida sexual não é suficiente para manter o casal unido. Afinal, a sexualidade apesar de importante é uma das fontes de satisfação e realização, e não a única.

A exclusividade sexual dentro de um relacionamento passa a ser uma opção do casal e apesar da disseminação das práticas sexuais alternativas há uma intolerância em relação à infidelidade. Existe na atualidade uma dificuldade em conciliar o ideal de monogamia e a liberação sexual, nos imperativos de uma cultura em que o importante é o prazer e mesmo que não haja infidelidade, há a monogamia serial, onde se troca constantemente de parceiro. Assim a necessidade de intimidade não é suprida, uma vez que o que se prioriza são as realizações individuais.

A grande idealização, grandes exigências consigo mesmo, com o outro e com o relacionamento faz com que a intolerância aumente. Fica evidente, que a dificuldade de aceitar as diferenças no outro, de suportar as adversidades trazidas pela convivência e a evitação de profundidade no relacionamento pode ser uma forma de se esquivar, de diminuir o peso que as altas expectativas depositam sobre as pessoas. Por um lado há uma grande expectativa em torno dos relacionamentos, por outro, há uma tentativa de manter rasos os laços afetivos. Dessa forma, na sociedade contemporânea, os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas.

Para Calligaris (1994) se uma saída pode ser indicada seria no sentido de que é preciso ser sujeitos da história simbólica que nos determina e talvez isso nos permita, em matéria de laço conjugal, “pegar leve”, ou seja, agora que se decide escolher “livremente” os parceiros amorosos, não continuar obedecendo à grande idealização, que nos injunge de produzir cada dia uma união perfeita, perfeitamente possível.

As formas de se lidar com o processo de separação conjugal são diversas. Maior aceitação e aparente facilidade de lidar com o rompimento; evitação da dor e do sofrimento;

negação das implicações advindas do processo de separação; reflexão sobre o processo vivido ou sua ausência; desresponsabilização; culpabilização do outro; descartabilidade do outro e do relacionamento; retomada da própria vida através da reinvenção de si. Pode-se afirmar que as maneiras de lidar com a separação são diretamente relacionadas com as maneiras como se vive a conjugalidade no mundo líquido. Se na atualidade o sofrimento é considerado insuportável, a evitação do sofrimento, da dor que pode surgir tanto no movimento de união quanto no movimento de separação, pode aparecer de diferentes formas.

Da forma como a vivência da separação foi descrita, é possível concluir que não se caracteriza como um processo de profunda dor e sofrimento no seu total. Talvez a fase de separação que mais se assemelha à descrição de Caruso (1982) ao tratar da separação como sendo extremamente dolorosa por aqueles que a vivenciam, seja a fase de crise conjugal que antecede a separação propriamente dita. O casal vive uma ou várias crises, que são o começo do fim do relacionamento. Nesta fase, poderia se decidir por tentar melhorar a relação, tentar novamente, mas como há uma enorme incapacidade de suportar o sofrimento na Modernidade Líquida, para evitarem que essa vivência se estenda, as pessoas preferem se separar.

Na verdade, há uma evitação do sofrimento que antecede essa decisão uma vez que diante dos problemas conjugais, as pessoas se distanciam, se tornam cada vez mais ausentes e distantes umas das outras. Assim, a decisão de separação pode ser entendida como uma fuga do sofrimento que a crise ocasiona. Diante da crise, o que se busca é acabar com o sofrimento, ficando num segundo plano a possibilidade de tentar manter, preservar o relacionamento. Ainda mais, se novas tentativas não trazem a garantia de que o relacionamento será satisfatório, podendo gerar mais sofrimento, o que se busca evitar a qualquer custo. Mesmo que custe o fim da relação.

Mesmo que a decisão de separação seja unilateral e o outro ainda desejasse tentar novamente, mesmo que pareça ser mais doloroso para o par que não desejava se separar, isso

não é suficiente para que haja persistência diante da crise. Nas relações amorosas do mundo líquido, cada indivíduo só permanece no relacionamento enquanto obtém prazer e satisfação. O fato de não haver tentativas, reencontros e recomeços, nem brigas judiciais no processo de separação, demonstra que as pessoas conseguem se desvincular emocionalmente, psiquicamente, umas das outras mais facilmente. Parece haver uma tendência nesse sentido. Mas, se há uma tentativa de manter rasos os laços afetivos na conjugalidade, também a desvinculação psíquica e emocional do outro diante da separação conjugal se torna menos dramática. Se o lema das uniões, é “permaneceram juntos enquanto viveram felizes”, vive-se o relacionamento no intuito de sair incólume quando este terminar.

A impressão que se tem é de que as pessoas saem ilesas do fim da conjugalidade, afirmando manter uma visão positiva da vida conjugal, não havendo mágoas, ressentimentos, feridas que não se fecharam. Não há um descrédito, de sentir que se não deu certo, não vale a pena tentar novamente. Muito pelo contrário, na maioria dos casos descritos, a idealização se mantém alta, mesmo após vivenciar o processo de separação, acreditando-se que o problema é que o outro não era o ideal, o par perfeito. As pessoas também afirmam se sentirem abertas a novos relacionamentos conjugais, o que confirma a idéia da monogamia serial.

Desta feita, a aceitação para com a formalização da separação conjugal, através do processo judicial pode em muitos casos não se traduzir num amadurecimento emocional, advinda da elaboração do divórcio psíquico. É possível afirmar que há um casamento psíquico uma vez que na atualidade há uma tentativa de manter rasos os laços afetivos, evitando assim a profundidade no relacionamento?

Por mais que se fale em amadurecimento, as pessoas parecem entrar e sair dos relacionamentos sem realmente serem afetadas. Acredita-se que a vivência do processo de separação traga o amadurecimento pessoal, o que pode realmente acontecer, mas amadurecer muitas vezes consiste em aprender a se relacionar com o outro. Isso não indica que as pessoas

devam permanecer num relacionamento conjugal a qualquer preço, mas o que se encontra é uma vivência que busca atingir o ideal de perfeição e completude, sem muito esforço, uma vez que se evita a vivência de sofrimento que a própria relação ou seu possível rompimento possa ocasionar.

Além disso é precária a crença atual de que o aprendizado do amor é alcançado através de sucessivas experiências amorosas, da mesma forma que repetidos rompimentos são tomados, por si só, como sinal de amadurecimento.

A suposta imaturidade dos cônjuges é tomada como motivo do rompimento da relação amorosa e talvez isso possa ser verdade se se toma a imaturidade como sendo a incapacidade ou dificuldade de relacionar-se proximamente com o outro. Talvez, nessas vivências rasas de conjugalidade, as pessoas estejam vivendo pseudo-envolvimentos afetivos, daí, pseudo-separações amorosas. A imaturidade serviria ainda como desculpa para uma postura de desresponsabilização pelo fim da relação. A responsabilidade é atribuída ao outro, à imaturidade, a uma série de fatores externos a si mesmo, como sinal de uma não implicação com o processo que se vivenciou. A pouca reflexão sobre o processo da conjugalidade e sua dissolução leva as pessoas a culparem o outro da relação pelo seu fracasso. Simplifica-se, em alguns casos, dizendo que não deu certo porque não era a “pessoa certa”.

Outro fator de grande influência nas formas de se vivenciar o processo de separação na Modernidade Líquida é o apoio dispensado pelas famílias de origem aos seus filhos que se separam. Já na vivência da conjugalidade, as famílias de origem exercem grande influência sobre as pessoas, principalmente em se tratando do primeiro casamento, quando o relacionamento com a família de origem tende a ser mais freqüente, mais forte e mais valorizado. Por um lado essa proximidade é fator positivo, pois o apoio é diferencial para se elaborar a separação conjugal de formas saudáveis para o indivíduo. Mas por outro lado pode tornar-se negativo na medida em que em muitos casos expressa dependência, dificuldade em

se emancipar emocionalmente dos pais, convertendo-se em dificuldades de se manter no casamento.

Na atualidade, a aceitação social da separação é maior e com a queda do sentido da tradição, também as famílias lidam com a separação de seus filhos casados de outra forma, uma vez que o que importa é a felicidade e bem estar dos filhos. O auxílio da família de origem diante do processo de separação conjugal dos filhos ocorre de diferentes formas: ajuda financeira, apoio emocional, facilidade para adaptação, diálogo, ajuda para cuidar dos filhos. Se há na atualidade uma grande importância na vida privada, é mais do que previsível que os jovens casais mantenham com suas famílias de origem, relações estreitas e fortes, quando casados e após a separação.

A dificuldade em adquirir o *status* de pessoa divorciada ou separada, pode ser explicada não pela não aceitação social da separação, mas por uma dificuldade pessoal em assentir na perda da identidade de casado. Nessa perda está implícito o fato de que algo falhou, fracassou, não deu certo. Assim o que se nega não é só o título de ser separado, mas toda uma condição de ser e estar no mundo, que esse *status* implica. Por mais que se tente não lidar com as próprias responsabilidades pelo fim da relação, o *status* de “separado” traz junto a idéia de que o relacionamento não deu certo.

Em outros casos, percebe-se uma tentativa de negação do processo de separação, quando as pessoas entram com o pedido de nulidade do casamento religioso perante a Igreja. Este pedido pode ser traduzido como uma tentativa de apagar a vivência da conjugalidade que não correspondeu às expectativas, para que se fique livre para tentar novamente, o que confirma nossa tese anteriormente descrita de que tanto o casamento como sua dissolução na atualidade, se dá com o intuito de encontrar felicidade e prazer e ao mesmo tempo, evitar qualquer tipo de sofrimento. Não é sem razão que algumas pessoas relutam em se nomear separadas, muitas vezes se intitulado novamente de solteiros. Também se nota essa

dificuldade quando, como mostramos anteriormente, há uma preocupação com a opinião alheia, o que pode demonstrar um sentimento de estranhamento decorrente de uma dificuldade em aceitar a condição de se estar separado.

O consumismo também pode ser percebido nas formas de se lidar com as relações conjugais. Na sociedade contemporânea, onde imperam as leis do mercado, o consumismo manipula e joga com as questões subjetivas, uma vez que o ser humano é incompleto e está fadado a uma busca constante, é disso que o mercado se apropria. Diante disso as pessoas lidam com as escolhas nas relações humanas da mesma forma que fazem escolhas de mercadorias. Assim, a descartabilidade se faz presente no cenário da conjugalidade. Importante é salientar que, ao contrário da produção, o consumo é uma atividade solitária, mesmo nos momentos em que se realiza na companhia de outros. Dessa forma, a conjugalidade tomada como consumo do outro, também estaria sendo uma atividade de dois solitários, onde pode ser percebida uma exacerbação do individualismo, levado ao seu extremo.

Bauman (2003) diante de todos os impasses colocados pela Modernidade Líquida na convivência entre os seres humanos, aposta na idéia da *comunidade* como possível saída para esses impasses. A atualidade é marcada pela grande falta de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz, mas o mundo em que se vive é cada vez menos capaz de oferecer ou de prometer garantias. Essa insegurança é vivida como problema privado o que leva a uma busca por soluções biográficas quando se trata na verdade de um problema sistêmico, busca-se a salvação individual para problemas que são compartilhados. Uma primeira saída seria um estranhamento do outro além de se avaliar a todos na superficialidade. Mas quando apenas as superfícies se encontram, há poucas chances de descobrir quem é quem. Dessa forma, as pessoas detêm o encontro, antes que este mergulhe além da superfície. Na conjugalidade do mundo líquido essa superficialidade pode ser percebida na tentativa de

se manter rasos os laços afetivos, evitando-se a profundidade no relacionamento. Porém, o autor alerta que existem tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não deveria lidar individualmente. Entende-se que a conjugalidade seja uma dessas tarefas. O que quer que separe e leve as pessoas a manterem distância umas das outras, estabelecendo limites e construindo barreiras, só torna a administração de tais tarefas ainda mais difícil. No mundo líquido cada par da relação vive a conjugalidade individualmente e possivelmente a saída seja viverem os dois, a dois. Outra saída, que é a aposta de Bauman, é a comunidade, tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo. Na mesma medida em que a comunidade funciona como saída para os problemas sociais, a vivência da conjugalidade poderia, numa esfera mais reduzida, ser uma saída para amenizar a imensa insegurança que assola a sociedade na atualidade. Amenizar a insegurança, em vez de alimentá-la, como se tem visto. O que se pode perceber, é que, principalmente diante da fluidez do mundo líquido, há uma grande aposta de felicidade em estarem juntos, pois numa sociedade relações impessoais, a vida a dois se torna, paradoxalmente, a principal fonte de realização pessoal na vida privada. Mesmo que não vivam para sempre juntos, mas que se vivam de outra forma, na qual haja possibilidade de se ousar, de inventar conjugalidades, individualidades.

A Modernidade Líquida com sua instantaneidade trouxe uma mudança radical nos arranjos do convívio humano e nas condições sociais. Sabe-se que as relações duradouras foram substituídas por parcerias frouxas e eminentemente revogáveis. A fraqueza, a debilidade e a vulnerabilidade marcam todas as espécies de vínculos sociais. Todas essas características podem parecer contraditórias e ambivalentes, mas se apresentam como pedaços heterogêneos participando de uma mesma realidade. Assim a Modernidade Líquida se constitui, e pode-se afirmar que não há nenhuma tendência atual de estabilização das formas de vida familiar, nem de conjugalidade. Essa não estabilização abre portas para que as pessoas encontrem novas formas de subjetivação no processo viver a conjugalidade e sua dissolução.

A separação conjugal pode ser uma nova tomada de posição diante da vida, mas muitas vezes da maneira como acontece só manifesta repetição. Apesar de a separação causar perdas emocionais e econômicas, ao mesmo tempo, impele os indivíduos a buscarem novas formas de ampliar os próprios recursos, a fim de lidar com a nova situação.

Ferreira Neto (2004) numa leitura foucaultiana sobre subjetividade e atualidade afirma que a aceleração das mudanças sociais tem provocado processos de desestabilização subjetiva, tornando mais evidente que a subjetividade não pode mais ser pensada em termos intrapessoais e no âmbito privado. Para o referido autor o projeto de Foucault está para além de rastrear a genealogia do atual modo de subjetivação hegemônico, visando sustentar as possibilidades de ruptura com tal hegemonia e invenção de novas formas de subjetividade. Assim define o projeto foucaultiano como sendo “... de uma ética implicada num contínuo processo de mutação, num desprender-se de si mesmo, na invenção de outros modos de subjetivação individuais e coletivos pela via da diferença.” (FERREIRA NETO, 2004, p.49).

O projeto em questão tem por horizonte a liberdade, a desmontagem da forma-padrão da individualidade identitária moderna, em favor da invenção de outras formas de subjetivação, novas formas de experiência de si. Diante da fluidez dos movimentos sociais da Modernidade Líquida, subjetivações em contínuo movimento de diferenciação. O constituir-se a si mesmo continuamente tornará os sujeitos menos vulneráveis às atuais tecnologias do saber/poder; mas a mudança de sujeição ao eu profundo ainda pode ser apropriada pelas atuais biopolíticas da competência. O novo neste caso sustenta uma política da invenção, diferindo do novo expresso nas entrevistas como estratégia de evitação.

Nesse sentido, a vivência da separação conjugal pode ser entendida como processo de subjetivação. Diante de tal experiência pode haver, do ponto de vista subjetivo, uma tomada sobre a própria vida. Pode significar um reposicionamento diante da vida. Esse reposicionamento foi descrito pelos entrevistados de diferentes formas: mudança na forma de

perceberem as relações, o mundo e a si próprio; aumento da auto-estima; maior responsabilidade para encararem os fatos da vida; crescimento profissional que trouxeram realização pessoal além de permitirem que se adquira bens materiais; encontrarem novos grupos para se relacionar e criarem vínculos de amizade; descobrirem formas de lazer e diversão que durante a vida de solteiro e de casado não conheciam; busca-se hábitos mais saudáveis para se viver; sentimento de ter os pés os chãos, conseqüente da diminuição da idealização em torno do que seja um relacionamento perfeito; aceitação de que todo relacionamento humano traz dificuldades e de os problemas, muitas das vezes, são contornáveis; percepção de que a felicidade não depende dos outros.

Na atualidade as formas de se lidar com as relações amorosas e com o processo da separação conjugal são moduladas pela Modernidade Líquida. As pessoas vivem, em sua maioria, reproduzindo formas de se relacionar sem nenhum questionamento nem implicação diante dos fatos. Vivem assujeitadas pelos modos de vida impostos pela cultura na qual estão inseridas. Se um dos imperativos do mundo líquido é que se evite o sofrimento a qualquer custo, a maior aceitação da separação, pode significar uma fuga da dor que as dificuldades conjugais ou até mesmo a própria separação ocasiona. Mas é possível quebrar com a hegemonia do mundo líquido e inventar novas formas de subjetividade a partir da vivência do processo de separação conjugal. Assim, a maior aceitação diante da vivência desse processo poderia ser o reflexo da implicação, da reflexão das pessoas sobre suas vivências relacionais. Se a Modernidade Líquida trouxe novas formas de se vivenciar tal processo, essas formas se cristalizaram e se tornaram dominantes. A conjugalidade pode se constituir também num espaço onde se inventa continuamente o eu, mas quando torna a vida do sujeito estagnada, a separação também pode ser uma segunda oportunidade de retomada da própria vida, de reinvenção de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um é o Outro** – A Relação entre Homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARROS, Fernanda Otoni. Psicologia jurídica na reforma do direito de família – legalidade da subjetividade? In: Congresso Brasileiro de Direito de Família, I, 1999. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: OBD FAM/União OAB, p.427-453.

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As Conseqüências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERQUÓ, Elza. **Arranjos Familiares no Brasil: uma visão demográfica**. História da Vida Privada no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.IV, p. 413 – 437.

BIKLEN, Sari; BOGDAN, Robert. **Investigação qualitativa em educação** – Uma introdução à teoria e aos métodos. Editora: Porto Editora; Porto, 1994.

BOZON, Michel. Sexualidade, conjugalidade e relações de gênero na época contemporânea. **Interseções**-revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3,n.2, p. 133-145, jul/dez.2001.

BRASIL, Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei n 6015, de 31 de dezembro de 1973. Dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 31 de dezembro de 1973.

BRASIL. Lei n 6515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 de dezembro de 1977.

BRASIL. Decreto-Lei n 4529, de 30 de julho de 1942. Estabelece prazo de prescrição para a ação de anulação de casamento. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 de agosto de 1942.

BRASIL. **Código Civil**. 17ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Lei 1829 de 09 de setembro de 1870. Sanciona o decreto da Assembléia Geral que manda processar ao recenseamento da população do Império. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>> Acesso em 10 de março de 2006.

BRASIL, Decreto-Lei 181 de 24 de janeiro de 1890. Estabelece o casamento civil como único meio de constituição de família legítima. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>> Acesso em 10 de março de 2006.

CAILLÉ, P. **Um e um são três: o casal se auto-revela**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

CALLIGARIS, Contardo. O Grande Casamenteiro. In: **O Laço Conjugal**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

CALLIGARIS, Contardo. Separados e maduros. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 jun.2001. Ilustrada. P.E8

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. **O Poder da Identidade**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol.II.

CARUSO, Igor A. **A Separação dos Amantes: Uma fenomenologia da morte**. Cortez-Diadorim; São Paulo, 1982.

DEBERT, Guita Grin. A Família e as novas Políticas Sociais no Contexto Brasileiro. **Interseções** – revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro; UERJ, ano 3, n.2, p. 71-92, jul/dez 2001.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v.11. n.2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação Conjugal: Dissolução da Conjugalidade e Busca de reconstrução das Identidades Individuais. In: XXXI Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia, 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** XXXI Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000. v.1, p.228-248.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: **Casamento e Família**. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construção e dissolução do laço conjugal na psicoterapia de casal.. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). **Família e Casal** – arranjos e Demandas Contemporâneas. São Paulo: Editora PUC- Rio, 2003.p.201-214.

FERREIRA NETO, João Leite. **A formação do psicólogo: clínica social e mercado**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec/FCH, 2004.

FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org.) **Uma Nova Família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br>> Acesso em 10 de março de 2006.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade:** Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Unesp, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da modernidade.** São Paulo: Unesp 1997.

GOLDANI, Ana Maria. As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação. **Cadernos PAGU** – De trajetórias e sentimentos. Campinas: UNICAMP, no. 1, 1993, p. 67-110.

GOULIAS, Mitsi. Divórcio sem (muito) stress. **Revista Época**, São Paulo, p.72-78, 26 de out. 2004.

HARVEY, D. **A Condição pós-Moderna:** Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>> Acesso em 10 de março de 2006.

JABLONSKI, Bernardo. Algumas considerações sobre sexo e casamento hoje. **Arquivos Brasileiros de Psicologia.** v.41, n.3, p.23, jun/ago. 1989.

JABLONSKI, Bernardo. Afinal o quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: **Família e Casal – arranjos e Demandas Contemporâneas.** FERES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). São Paulo: Editora PUC- Rio, 2003. p. 141 – 168.

JAMENSON, F. **Pós-Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio.** São Paulo: Ática, 1996.

LASCH,C. **A cultura do narcisismo.** Rio de Janeiro, Imago,1984.

LOBATO, Josefina Pimenta. **Amor, Desejo e Escolha.** Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro: 1997.

LOBATO, Josefina Pimenta. Prazeres e Deveres. **Caderno de debates Plural:** sexualidade, identidade e gênero. Belo Horizonte. Ano 10. n.15. p. 38-49. mar.de 2001.

LIPOVETSKY, G. **A Era do vazio?** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Antropos, 1983.

LYOTARD, J. F. **O Pós-moderno.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LOHBAUER, Ines Antonia. Poder, sexo e intimidade conjugal. **Insight psicoterapia**. São Paulo :Lemos Editorial e Gráficos Ltda.v.5, n.54 (ago.1995), p.8-17

KASLOW, Florence W & SCHWARTZ, Lita Linzer. **As dinâmicas do divórcio: uma perspectiva de ciclo vital**. São Paulo: Editorial PSY, 1995.

KEHL, Maria Rita. Em Defesa da Família Tentacular. In: GROENINGA, Giselle Câmara; PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Direito de família e Psicanálise – Rumo a uma nova Epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163- 176.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.

MAGALHÃES, Andrea Seixas. Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In: **Família e Casal – arranjos e Demandas Contemporâneas**. FERES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). São Paulo: Editora PUC- Rio, Edições Loyola, 2003. p. 225 – 245.

MENDONÇA, Martha. Eles querem se casar. **Revista Época**, São Paulo, p.79, 26 de out. 2004.

MONTEIRO, André M. De. Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. **Psicologia : Ciência e Profissão**. Brasília :Conselho Federal de Psicologia.v.21,n.3 (set.2001),p.10-19

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. Além dos fatos e dos relatos: uma visão psicanalítica do Direito de Família. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA, II, 2000, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: OBDFAM/União OAB, p.39-52.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Até que a morte nos separe. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 nov. 2002a.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. A Decisão as separação. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 dez. 2002b.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Mal-estar no casamento. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 jan. 2003a.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. O Desamparo da separação. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev.2003b.

PORCHAT, Ieda (Org). Pensando a dor da separação conjugal. In: PORCHAT.Ieda. (Org.). **.Amor, casamento e separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 103-126

RIBEIRO, Renato Janine. A família na travessia no milênio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA, IV, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: OBDFAM/União OAB, p.15-24.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A família no Brasil através da história. In: ROMAGNOLI, Roberta C. **Novas Formações Familiares: Uma leitura institucionalista**, 1996, cap. 2, p. 41-

89. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC e Cortez, 1997. p.73- 87.

SANTOS, Boaventura. S. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. . In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC e Cortez, 1997. p. 39 – 49.

SERPA, Maria de Nazareth. Mediação e as novas técnicas de dirimir conflito. In: Congresso Brasileiro de Direito de Família, I, 1999. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: OBDFAM/União OAB, p.355-394.

SHINE, Sidney. O Conflito familiar transformado em litígio processual. In: **Família: Conflitos, reflexões e intervenções**. AGOSTINHO, Marcelo Lábaki; SANCHEZ, Tatiana Maria. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: CICCHELLI, Vincenzo; PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de. (Orgs.). **Família e Individualização**. 1edição. Rio de Janeiro: FGV editora, 2000. p. 13 – 19.

SINGLY, François de. A sociologia da família na França nos últimos 30 anos. **Interseções**-revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3,n.2, p. 31-43,jul/dez.2001.

SMIGAY, Karin Ellen Von. **Relações violentas no espaço da intimidade**: drama privado ou tragédia pública? Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2000.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “Teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC e Cortez, 1997. p. 23-27.

TORRES, Anália. A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: CICCHELLI, Vincenzo; PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de. (Orgs.). **Família e Individualização**. 1edição. Rio de Janeiro: FGV editora, 2000. Cap. 8, p. 135 – 156.

TORRES, Anália. Casamento e gênero: mudança nas famílias contemporâneas a partir do caso português. **Interseções**-revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3,n.2, p. 53-70,jul/dez.2001.

TURATO, Egberto Ribeiro. Tratando da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAINER, Ricardo. Anatomia de um Divórcio Interminável: o litígio como forma de vínculo – uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 1999.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias. **Interseções**-revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3,n.2, p. 45-52,jul/dez.2001.

VILLELA, João Baptista. As Novas Relações da Família. In: AMORIM PEREIRA, Cristiana Maria Penna (coord.). **Anais da XV Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil**. São Paulo: JBA Comunicações, 1995, p.639-646.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. 13ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

ZENIT. **Entrevista** com o doutor José Luis Llaquet, juiz do Tribunal Eclesiástico de Barcelona. 2005. Disponível em:<<http://www.presbiteros.com.br>> Acesso em 14 de maio de 2006.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista semidirigida

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Idade em que se casou:

Casamento formal ou informal:

Duração do relacionamento:

Idade em que se separou:

Idade do cônjuge quando se casaram:

Tempo de namoro:

Tem filhos desse relacionamento?

1)- Fale do início de seu relacionamento, como foi o namoro, a decisão de viverem juntos?

2)- Como foi a vida a dois, a convivência?

- sexualidade

- projetos individuais e comuns

3)- O que você esperava do relacionamento?

3)- Você considera que viveu um período de crise conjugal? Como você descreve essa fase de seu relacionamento?

4)- O que você considera que tenha desencadeado o fim do relacionamento?

5)- De quem foi a decisão de separação?

6)- De quem foi a iniciativa de separação?

7)- Como você descreveria seu processo de separação? Como foi a vivência do mesmo?

8)- Quais os pontos positivos e negativos da conjugalidade?